Letraria

Das condições de enunciabilidade no discurso científico:

o caso dos estereótipos

Marco Antonio Almeida Ruiz
Ligia Mara Boin Menossi de Araújo
(Organizadores)

Das condições de enunciabilidade no discurso **científico:**

o caso dos estereótipos

Marco Antonio Almeida Ruiz
Ligia Mara Boin Menossi de Araújo
(Organizadores)

Das condições de enunciabilidade no discurso científico: o caso dos estereótipos

Araraquara
Letraria
2019

DAS CONDIÇÕES DE ENUNCIABILIDADE NO DISCURSO CIENTÍFICO: O CASO DOS ESTEREÓTIPOS

PROJETO EDITORIAL
Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Letraria

CAPA
Letraria

REVISÃO
Autores e Letraria

RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Ligia Mara Boin Menossi de. (org.). **Das condições de enunciabilidade no discurso científico: o caso dos estereótipos.** Araraquara: Letraria, 2019.

ISBN: 978-85-69395-50-8

1. Enunciabilidade; 2. Discurso científico; 3. Estereótipo;
4. Análise do discurso.

SUMÁRIO

Prefácio 6
Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro

Caminhos e (des)construções acerca dos estereótipos: as condições de enunciabilidade no discurso científico 8
Marco Antonio Almeida Ruiz e Ligia Mara Boin Menossi de Araújo

Discurso e(m) mídia: a (des)construção do político em videomontagens do YouTube 13
Marco Antonio Almeida Ruiz e Ligia Mara Boin Menossi de Araújo

Chuta que é macumba: questões sobre o estereótipo do umbandista 39
Renata de Oliveira Carreon

Desconstruindo a imagem do “cientista maluco” e adaptando a abordagem do discurso para aumentar a cobertura vacinal 60
Luís Guilherme Virgílio Fernandes

O estigma do não-trabalho: o caso dos DJs de São Paulo 78
Marcos Roberto Mariano Pina

Estereótipos na biologia 103
Maira da Costa Cacemiro

Primitivos: aspectos da construção de um estereótipo sobre “arte negra” 119
Vivian Braga dos Santos

Estereótipo e ciberfeminismo 159
Julia Lourenço Costa

Produtividade e imediatismo na clínica: estereótipos da psicologia na hipermodernidade 176
Vinícius Xavier Cintra Marangoni e Matheus Viana Braz

Sobre estereótipo no esporte: o corpo entre profusão e controle 194
Thabata Castelo Branco Telles

O discurso da maternidade: processos de (des)identificação de estereótipos nas mídias digitais 213
Ligia Mara Boin Menossi Araújo, Luciana Carmona Garcia Manzano e Marco Antonio Almeida Ruiz

Notas sobre os autores 236

Prefácio

Renata Maria Cortez da Rocha Zaccaro

Este livro é uma empreitada de pesquisadores que buscam, por meio de seus artigos, discutir os estereótipos, mas, para além disso, ensejam apontar novos rumos para suas investigações por meio de diferentes vieses científicos.

A palavra *estereótipo* deu nome inicialmente à placa inteira que substituiu os tipos removíveis usados na impressão, que, de modo alinhado, compunham palavras. Já não havia, depois do estereótipo, a necessidade de se compor, letra por letra, uma página inteira. A placa cumpria esse papel, podendo, ainda, ser utilizada repetidas vezes. Segundo Amossy e Pierrot (2010), dessa ideia da repetição de algo que, de modo imutável, reproduz-se ilimitadas vezes, o termo "estereótipo" passou a nomear as representações coletivas cristalizadas a respeito de um grupo de pessoas.

Esses consensos sociais são, na maioria das vezes, redutores, já que englobam de maneira generalizada as pessoas e seus comportamentos, relacionando-os a expectativas habituais. Na maior parte dos casos, os estereótipos apontam características negativas, que visam, de modo jocoso, a diminuir o outro. Representar várias pessoas, com suas características diversas, sob um mesmo rótulo, é algo limitador.

Os estudos presentes neste livro buscam analisar os estereótipos em sua constituição e compreender sua circulação na sociedade, apontando como eles se dão em canteiros ainda não muito explorados cientificamente. Os capítulos desta obra abrem possibilidades para novas reflexões no discurso científico,

tomando a noção de estereótipo não como um conjunto de ideais no imaginário social, redutor e cristalizado, mas como fonte de investigação e problematização no âmbito científico, em que as imagens criadas vão muito além de uma mera representação do social. Elas refletem e, ao mesmo tempo, refratam um conjunto de ideias pré-determinadas sem embasamento e, com isso, acabam caindo numa banalização de um dado fato.

Apesar de Amossy e Pierrot (2010) asseverarem que não é possível conhecer cada ser em sua individualidade, sem vincular a uma generalidade, o espaço do debate e da reflexão acerca dessas generalizações é extremamente importante e necessário. Nas relações entre os sujeitos, os modos simplificados como os estereótipos representam pessoas em suas comunidades e grupos apresentam-se como formas de perpetuar discursos machistas, homofóbicos, xenofóbicos, racistas, preconceituosos e discriminatórios. A discussão sobre como se constituem essas representações e em que espaço circulam é muito pertinente no mundo contemporâneo, tão repleto de polarizações e posicionamentos pautados pelo ódio e pela intolerância.

O que há de mais fascinante no ser humano é a sua capacidade de surpreender, de não ser o que se espera, de se fazer, de se reconstruir. Limitar o humano com amarras é roubar sua identidade, sua capacidade de vir a ser, como ser único, que em seu processo de se fazer sujeito é irrepetível.

Referências

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés.** Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 4. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2010 [1997]. Enciclopedia Semiológica.

Caminhos e (des)construções acerca dos estereótipos: as condições de enunciabilidade no discurso científico

Marco Antonio Almeida Ruiz
Ligia Mara Boin Menossi de Araújo
Verão de 2019

Iniciamos esta apresentação com uma problemática bastante recorrente entre os diferentes pesquisadores de diferentes áreas, que suscita certas reflexões acerca do seu funcionamento no discurso científico: os estereótipos na ciência. Assim, ao longo de todos os capítulos desta obra, observaremos as implicações dessa noção para o cenário acadêmico e, com isso, questionamo-nos se fugimos ou não de estereótipos na produção do conhecimento científico. Ademais, buscamos compreender as condições de enunciabilidade e o seu processo de constituição e formulação na produção dos discursos em diferentes campos do saber, tais como: Linguística, Sociologia, Artes, Psicologia e Biologia. Nesse caminho, não queremos, pois, expor conclusões sobre tal problemática, nem muito menos criar conceitos que esgotam tal discussão no meio científico. Pelo contrário, nosso intuito é proporcionar um primeiro esboço de reflexões analíticas que poderão ser mote de futuras e novas problemáticas, refratando diferentes concepções, a partir de certos posicionamentos e formações discursivas[1], de um conjunto de ideais ou imaginário social cristalizados.

---

1 Tal conceito, segundo Pêcheux e Fuchs (1975, p. 11), "comporta, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa, etc.), a partir de uma dada posição em uma conjuntura, em outras palavras, em uma certa relação de lugares interna a um aparelho ideológico e inscrita em uma relação de classes".

A linguagem é fruto de todos os processos de comunicação e é por meio dela que produzimos uma dada realidade empírica composta por fatos sociais e cotidianos, todavia, ela não é transparente – tradução da realidade –, ela é opaca, que se materializa por meio de construções discursivas e ideológicas dos sujeitos. Assim, por meio desse processo de construção, os signos, os diferentes enunciados e as palavras carregam em si sentidos outros, cristalizados, resultado de um conjunto de fatores sócio-históricos e ideológicos coletivos organizados ao longo de muitos anos, capazes de refletir e refratar ideias e ideais fabricados, moldados em torno do "certo" e "errado", ou "bom" e "ruim". Esse conjunto de fatores construídos no imaginário social, pré-julgados socialmente, é conhecido como estereótipos. Conforme Ruth Amossy (2004, p. 215), trata-se de uma "representação coletiva cristalizada" sob o meio social, carregando consigo fabricações pré-concebidas e pré-julgadas de alguém, de um fato etc.

Grosso modo, no cotidiano, é bastante comum encontrarmos essa noção nos discursos populares, não-científicos, que corroboram o processo de constituição de diferentes discursos, na construção de imagens, numa rede interdiscursiva, como reflexo do "todo complexo com o dominante" (PÊCHEUX, 2014, p. 149). Esse processo de constituição se dá pelo conjunto dos diferentes discursos cristalizados socialmente e que compõem, de certa forma, um arquivo de memórias. Além disso, o estereótipo pode, inevitavelmente, transcorrer a outros campos discursivos além do conhecimento popular, passando, por exemplo, ao campo científico, "assombrando" fatos comprovados cientificamente pela biologia e causando problemas, ou proporcionando ideais distintos de candidatos durante as eleições, ou até mesmo na história artística, social, entre outros.

Nosso objetivo, nesta proposta de trabalho, é apresentar, inicialmente, o funcionamento de tal noção de estereótipos nas práticas científicas contemporâneas, mais especificamente, em cada campo de saber elencado acima, isto é, como podemos tomá-la a partir de diferentes pontos de vistas científicos, transformando-a não apenas como fonte de discursos que refletem e refratam certo imaginário social, mas também como cientificamente os estereótipos causam mutações de sentidos conforme a área de pesquisa e os métodos empregados.

Uma das máximas saussurianas mais conhecidas e de maior impacto e repercussão no campo da Linguística é tratar o objeto de investigação como principal fonte de observação, pois é a partir dele que o cientista tece suas análises, traça caminhos para a explicação de um fato, ou seja, é “o objeto [que] precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto.” (SAUSSURE, 2006, p. 15). Nesse caminho, os diferentes textos a seguir tomam seus diferentes objetos como ponto de partida para a construção de suas análises e de seus fatos, baseados, sobretudo, no campo de saber que lhes são próprios. Os diferentes cientistas que compõem este livro constroem seus argumentos com base na sua inscrição teórica, apontando certos usos e funcionamento do estereótipo na sua área e quais implicações essa noção tem nos diferentes temas sociais, históricos e ideológicos na sociedade. Cientificamente, partimos de nossas observações empíricas para a construção de hipóteses e fatos que podem ou não confirmar certos estereótipos sociais, desmistificando, assim, certos ideais e construindo, na medida do possível, novas fabricações de memórias sociais, novos sentidos que acometerão uma dada sociedade.

Na ciência, nos seus mais diferentes campos do conhecimento, é preciso olhar tal noção de maneira atenta e cuidadosa para não perdermos nosso *modus operandi* científico

e cairmos em diferentes sentidos do senso comum. Para isso, o olhar científico para tal noção é necessário não somente por tentar desmistificar certos imaginários cristalizados que não condizem mais com a nossa realidade, mas também por proporcionar, com base em dados teóricos de diferentes autores – nacionais e internacionais – que se dedicam há anos à temática, a observação de tais construções de imaginários de maneira a ressignificar certos fatos por meio de outros discursos, menos influenciados pelo senso comum e mais pela prática científica.

Este livro é fruto de encontros entre o Brasil e a França, em que tentamos representar os diferentes olhares sobre a noção de estereótipos no campo das ciências. É, pois, um modo de simbolizarmos o encontro de diferentes pesquisadores brasileiros, de diferentes áreas que, durante as aventuras científicas em terras estrangeiras, se encontraram e, assim, construíram uma relação não apenas de amizade e família, mas de parceria de trabalho, refletindo sobre diferentes temas e promovendo um fazer científico crítico, configurando-se como fio condutor de novas querelas que impulsionam certos posicionamentos e resistem a certos lugares-comuns num espaço de pesquisa brasileira bastante ameaçado na atualidade. Agradecemos imensamente a colaboração de cada amigo, pesquisador, que se dispôs a refletir sobre um tema que, às vezes, pode assumir contornos e cair nas discussões do senso comum.

Convidamos o nosso leitor a desfrutar da leitura dos dez textos aqui publicados que representam metonimicamente uma pequena parte do que alguns pesquisadores estão pensando na contemporaneidade sobre os usos do estereótipo no campo científico. Tais contribuições teóricas são, a nosso ver, um primeiro caminho de reflexões que podem suscitar novas construções, novos diálogos, num território bastante rico e ainda pouco explorado, que é o do funcionamento dos estereótipos no discurso científico.

Referências

AMOSSY, R. Estereótipo. *In*: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004 [2002].

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propôs de l'AAD. **Langages**, Didier/Larousse, Paris, n. 37, p. 51-68, 1975. [A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas] (1975). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso.** 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

Discurso e(m) mídia: a (des)construção do político em videomontagens do YouTube

Marco Antonio Almeida Ruiz e
Ligia Mara Boin Menossi de Araújo

Introdução[2]

Graças às novas tecnologias multimidiáticas, os processos enunciativos e a produção de sentidos, no âmbito do discurso político, por exemplo, têm se transformado radicalmente. Diante de uma diversidade de discursividades (orais, escritas, visuais e multimodais) em política, vemos uma (des)construção não só na ordem da língua, mas, principalmente, na ordem do que é enunciável, incorporando um novo dizer do outro sobre o mesmo[3], ou uma outra imagem sobre a mesma, alterando, assim, os efeitos de sentidos primeiros e engendrando, muitas vezes, o humor irônico como resultado.

Para tal processo de (res)significações discursivas, considera-se a crescente importância de aspectos não apenas estritamente linguísticos, mas também de um conjunto de fatores, oriundos dessa nova "tecnologização" dos discursos. Tais fatores contribuem para a produção de sentidos outros, congregando sons, imagens e gestos na materialidade, que favorecem a sua (res)significação e a cristalização de "novas" imagens. Mais do que nunca, essa multimodalidade, como resultado das novas discursividades, tem contribuído na (re)produção de imaginários sociais – estereótipos – simulacros que ressaltam determinados traços e identidades pré-estabelecidas, pelo interdiscurso, em qualquer esfera da atividade humana.

---

2 Este trabalho teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo número 2014/22526-7.

3 Maingueneau (2008), em sua obra *Gênese dos discursos*, chama atenção para esse processo como um efeito de *interincompreensão regrada*, isto é, é uma *tradução* do discurso do outro – campanhas oficiais sobre a candidata Dilma Rousseff, por exemplo – a partir das categorias do mesmo – videomontagens. Ou seja, há um simulacro da fala do outro frente ao imaginário social construído em torno da figura política de Dilma. Esse simulacro, produzido pelo produtor das videomontagens, tem como função desqualificá-la, (des)construí-la socialmente a partir de recursos humorísticos, sem sofrer, por sua vez, sansões políticas e/ou sociais.

O YouTube, por exemplo, tem se tornado um ambiente virtual interessante para se verificar a (des)construção de estereotipias, principalmente considerando videomontagens políticas que prezam pela (des)caracterização de sujeitos políticos – como consequência de imagens positivas elencadas por vídeos oficiais dos candidatos numa construção história e social – durante suas campanhas eleitorais, causando, por sua vez, o efeito irônico. Em virtude disso, no presente capítulo, apresentamos, inicialmente, a teoria dos estereótipos básicos e a dos estereótipos opostos perscrutada por Possenti em 2010. Nosso objetivo é analisar o modo como um ambiente midiático eletrônico, como o YouTube, por meio de videomontagens humorísticas em torno da figura política de Dilma Rousseff – durante sua campanha à presidência da república em 2010 e reeleição em 2014 –, (des)constrói certos estereótipos básicos exaltados pelas suas campanhas oficiais, promovendo novas imagens e/ou novos simulacros – estereotipias opostas – isto é, desqualificando-a da maneira mais rebaixada possível. Ademais, temos como objetivo testar a heurística de Possenti (2010) em materiais a princípio não ligados apenas à materialidade verbal, mas também aos aspectos visuais, sonoros e gestuais – a multimodalidade – presentes nesse ambiente e compreendendo os diferentes simulacros criados por meio dos discursos de humor sob forma de brincadeiras, pastiches, piadas, zombarias etc.

Nosso material de análise é constituído por um vídeo oficial da campanha de Dilma Rousseff intitulado *Novo clip! Dilma coração valente, força brasileira (jingle campanha 2014)*, que circulou no seu canal no YouTube, assim como em seu *blog* – Blog da Dilma à época das eleições de 2010 e 2014. É possível observar nesse vídeo oficial o objetivo do sujeito produtor da montagem de enaltecer as qualidades positivas de Dilma – mulher forte e valente – reforçando, a nosso ver,

a criação de simulacros positivos de candidatos políticos por meio do material oficial de campanha, isto é, promove-se, assim, a cristalização de estereótipos básicos, ressaltando qualidades da então candidata, por exemplo, o fato de ser a primeira mulher no comando do país.

Além disso, também compõem o nosso *corpus* uma videomontagem de humor intitulada *Direto ao assunto: episódio #04 – Copa 2010*[4] que circulou durante sua campanha em 2014. A montagem selecionada, produzida pelo *Exilado na rede*[5]*,* tem como alvo "desqualificar" a figura política de Dilma por meio de simulacros invertidos da então candidata, ou seja, estereótipos opostos que retomam discursos positivos – criados e difundidos pelos vídeos oficiais – para descaracterizá-los negativamente, inserindo-se, desse modo, um conjunto de discursos pertencentes a outra formação discursiva[6], contrária à da ex-presidente, promovendo o discurso de que Dilma é uma mulher fraca por não formalizar e estruturar seu discurso

---

4 A videomontagem selecionada faz parte de um conjunto de seis, produzidas e editadas pelo internauta "exilado na rede": "Direto ao assunto: episódio #01 – Família"; "Direto ao assunto: episódio #02 – Literatura"; "Direto ao assunto: episódio #03 – Meio Ambiente"; "Direto ao assunto: episódio #04 – Copa 2010"; "Direto ao assunto: episódio #05 – Ministérios"; "Direto ao assunto: episódio #06 – Saneamento";

5 Doravante, sujeito produtor das videomontagens selecionadas.

6 Aqui, empregamos a noção de Formação Discursiva advinda de Pêcheux e Fuchs (2014, p. 11): "comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa, etc.), a partir de uma dada posição em uma conjuntura, em outras palavras, em uma certa relação de lugares interna a um aparelho ideológico e inscrita em uma relação de classes. Diremos assim que toda formação discursiva diz respeito a condições de produção específicas, identificáveis a partir do que acabamos de designar".

de acordo com certas regras sintáticas e/ou semânticas[7]. Tem-se, com esse jogo de estereotipias, efeitos de verdades sendo construídos, configurando não apenas representações tacitamente (im)postas e cristalizadas na/pela sociedade, mas também refletindo e refratando construções históricas e sociais por meio dos enunciados efetivamente produzidos e formulados diante do interdiscurso.

Os estereótipos: simulacros na produção dos sentidos

Em sua obra *Humor, língua e discurso*, Possenti (2010) desenvolve uma teoria brasileira de discurso que envolve a noção de estereotipias e a construção de simulacros. As representações cristalizadas, estereótipos, materializados pelo discurso, fazem parte de simulacros de um interdiscurso. Ou seja, a partir da formulação dos enunciados em diferentes materialidades, observa-se a produção de estereótipos – básicos e opostos – que retomam interdiscursivamente as representações sociais e históricas de uma certa sociedade. Tratam-se, assim, de simulacros efetivamente produzidos, cujo objetivo é a construção de efeitos de verdade.

---

7 Tem-se verificado, pela circulação de discursos, sobretudo na mídia brasileira que as falas e discursos oficiais proferidos por Dilma Rousseff adquirem um caráter "desconexo" de sentido, elencando estruturas sintáticas incompreensíveis e "malucas". Nesse sentido, observamos cada vez mais afirmarem que a ex-presidenta construiu uma "língua toda particular", o dilmês. As videomontagens, no conjunto desse interdiscurso, que ratifica a construção de um certo estereótipo sobre a figura política de Dilma, cria no fio do seu discurso recursos que retomam tal memória, descaracterizando-a politicamente – e questionando a sua capacidade de governar –, e que se cristaliza no imaginário social, promovendo um humor irônico e satírico diante de suas falas. Disponível em: https://economia.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/reinaldo-polito/2015/11/12/discurso-de-dilma-e-tao-desconexo-quanto-os-do-ovo-de-atraves-do-espelho.htm. Acesso em: 4 out. 2018.

Com efeito, as proposições do linguista brasileiro, embora tenham como função buscar subsídio teórico em *Gênese dos discursos* de Dominique Maingueneau (2008 [1984]), avançam os seus postulados, trazendo como arcabouço discursivo um tratamento de dados bem original, composto por piadas.

Nesse sentido, o autor tenta associar as piadas à questão da identidade, trazendo aspectos que possam representar a identidade de um povo com base em um material humorístico. As piadas tornam-se um mote de reflexão sobre o processo de construção da identidade e são retratadas, sobretudo, por estereótipos. Segundo ele, um traço que é assumido por uma pessoa ou determinado grupo social (estereótipo básico) pode gerar novos sentidos, opostos, rebaixando-o negativamente por meio de interdiscursos cristalizados no imaginário social e ressaltando, com isso, características que denigrem o outro (o estereótipo oposto ou simulacro[8]). Ou seja:

> Assumo [...] que o fato de que a identidade é uma representação imaginária não significa necessariamente que não tenha amparo no real. Significa apenas que não é seu espelho, sua cópia. [...] o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e

---

8 Com o objetivo de apreender o discurso por meio da interdiscursividade, Maingueneau (2008) propõe a hipótese de que o interdiscurso precede o discurso. Essa hipótese volta-se ao que o autor denominou de competência discursiva. Com isso, o discurso produzido traduz outros discursos, associados pela relação do interdiscurso corrente. O enunciador, "quando [...] confrontado com seu Outro [...], é condenado a produzir simulacros desse Outro, e simulacros que são apenas seu avesso" (MAINGUENEAU, 2008, p. 55). Dessa forma, essa construção, por meio de outros discursos, transforma-os a ponto de sua presença referir-se a um "simulacro" que o discurso primeiro constrói em relação aos demais "pré-existentes".

> se caracteriza por ser uma redução[9] (com frequência negativa), eventualmente um simulacro (POSSENTI, 2010, p. 40).

Tomando tal princípio teórico, quando se busca rebaixar o outro, promovendo características negativas, tem-se evidente que os estereótipos são construídos por aquele que traduz o discurso do outro a partir das categorias do mesmo, isto é, a partir de seu imaginário socialmente construído, o sujeito produtor inverte a característica positiva, (des)construindo a imagem – e com isso, a identidade – do sujeito político, por exemplo, para a característica negativa, rebaixando-o e promovendo o riso e o escárnio como resultados.

Nesse caminho, Possenti (2010) tenta analisar essa passagem do estereótipo básico ao estereótipo oposto, tomando como exemplos as piadas de gaúcho. O estereótipo básico que é posto em questão é, em grande parte, a gauchice, ou seja, coloca-se como temática os traços que constituem o imaginário do povo gaúcho: é hospitaleiro, livre, despachado, pouco refinado, gosta de churrasco e é macho e faz questão de frisar sua macheza. São essas características, segundo o autor, que se justificam como material para o discurso humorístico, sobretudo o traço da macheza que será tratado de maneira peculiar às piadas – o estereótipo básico. Ser macho, nas piadas de gaúcho, será o ponto crucial para a concretização de novos estereótipos (opostos) "desqualificando" a figura do gaúcho, representando-o de maneira inversa mais direta e picante: "ele não será franzino e medroso, mas homossexual passivo" (p. 44). Vejamos um exemplo (p. 42) trazido pelo autor:

---

9 A redução empregada por Possenti (2010) se refere à definição mais simples de dicionário: "uma imagem supersimplificada ou convencional de uma pessoa, de um grupo ou de um assunto" (MacMillan Contemporany Dictionary apud POSSENTI, 2010, p. 49).

Um deputado gaúcho teria dito, há algumas décadas, numa sessão da Câmara:

- No Rio Grande do Sul só tem macho!

- Ao que um deputado mineiro teria respondido:

- Pois em Minas, metade é homem, metade é mulher, e a gente tem se dado muito bem.

Na piada em questão, notamos que o estereótipo básico é posto em funcionamento pelo próprio gaúcho: “no Rio Grande do Sul só tem macho!”. Ao mobilizar tal discurso, o traço da macheza é marca de identidade do povo gaúcho. Por outro lado, o estereótipo oposto, nesse caso, é colocado em cena pela construção da imagem do outro – do sujeito mineiro – sobre seu discurso, que faz disso uma representação positiva de seu povo: o mineiro, ao contrário do povo gaúcho, gosta de mulher, não de macho. Trata-se, portanto, de observarmos a tradução do estereótipo básico do gaúcho macho e o estereótipo oposto, do gaúcho homossexual passivo, construído pelo simulacro do outro.

Nota-se, com isso, que o autor traz certas considerações importantes para o estudo dos discursos humorísticos no cenário brasileiro. Outro estudo interessante sobre o tema – desenvolvido no texto “Teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos: a piada levada a sério” – é o de Baronas e Ávila (2015)[10], sobre as piadas de Joãozinho. Na tentativa de testar a heurística de Possenti (2010), os autores buscam explicitar o que é posto em questão pelas piadas de Joãozinho e descobrir quais os traços que constituem o imaginário social, isto é, quais são os lugares comuns em relação àquilo que está

10 ÁVILA, F. G. de O.; BARONAS, R. L. Teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos: a piada levada a sério. *In:* BARONAS, R. L. (org.). **Estudos discursivos à brasileira:** uma introdução. Campinas: Pontes Editores, 2015.

posto em questão pelas piadas. Ademais, tais piadas buscam demonstrar o comportamento masculino, levantando questões polêmicas, por exemplo, o machismo. Em seu levantamento, vemos alguns lugares comuns que estas piadas reforçam: “Joãozinho é esperto”, “mal educado”, “debochado”, “ignorante” entre outros. Tudo isso, por sua vez, atravessado pela ideologia machista. O estudo é interessante e muito esclarecedor, assim como acontece nas piadas de gaúcho, a teoria dos estereótipos básicos e opostos também se concretiza nas de Joãozinho.

Não obstante, Gatti[11] (2012), em seu texto “Personagens infantis: entre o ingênuo e o ordinário” tem como objetivo analisar alguns aspectos específicos de tiras cômicas com personagens infantis. Em seus estudos, aponta que as tiras, ao representar as crianças, relacionam-se com estereótipos, ou seja, exaltam o estereótipo básico da *criança ingênua.* Ao analisar as tiras cômicas, faz uma aproximação com o gênero humorístico, a piada, sobretudo no que diz respeito às técnicas de construção textual que fazem com que os leitores as leiam de forma bem parecida. Seu material é composto de tiras da Mafalda, buscando encontrar os possíveis estereótipos da criança. O material empregado por ele também é composto pela materialidade verbal, contudo já é possível observarmos que o uso das imagens – gênero tiras – também contribui para a construção de sentidos.

Com efeito, vemos a importância e a relevância da teoria proposta por Possenti (2010), passando a funcionar em diferentes materialidades: verbo-visual. Tomando tais considerações, a fim de testarmos tal heurística, passamos a observar uma materialidade composta não somente por aspectos linguísticos, mas também sonoros, visuais e gestuais. Nosso objetivo, com esta empreitada

---

11 GATTI, M. A. **Personagens infantis:** entre o ingênuo e o ordinário, 2012. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v3_t10.red6.pdf. Acesso em: 4 out. 2018.

analítica, é notar se a teoria dos estereótipos básicos e a dos estereótipos opostos se encaixariam em vídeos e montagens do YouTube, isto é, procuramos ensaiar tais princípios com base em um material multimodal, composto por material linguístico, visual, gestual e sonoro. Partimos para compreender os lugares comuns, com base no que Charaudeau e Maingueneau (2008) dizem sobre isso. Segundo eles, trata-se de formas adotadas pela *doxa* (sentido comum) – assim como os estereótipos e os clichês. A *doxa* corresponderia ao sentido comum, ou seja, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação corrente (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008).

Estereótipo no/do discurso político: um esboço analítico

Dilma Vana Rousseff foi reeleita democraticamente presidenta do Brasil no final de 2014. Ela é a primeira mulher a ocupar um cargo de chefe de estado do país e sua imagem política foi constantemente associada à do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante todo o seu governo (2003-2011). No governo Lula, foi Ministra de Minas e Energia e, posteriormente, da Casa Civil. A partir daí, o Partido dos Trabalhadores (PT) a escolheu para candidatar-se à presidência da república em 2010, considerada por muitos, sobretudo pela mídia, a “sucessora de Lula”. Após o anúncio de sua candidatura, os veículos midiáticos oficiais e não oficiais voltaram seus olhares para a relação política entre eles. Esse foi um dos temas mais recorrentes – e polêmicos – durante toda a sua campanha, desde 2010. Tal relação, muitas vezes, foi satirizada e vários enunciados materializados e imagens destacadas, por exemplo, charges, tiras cômicas etc., irromperam-se no cenário eleitoral, promovendo,

assim, formações discursivas contrárias, cujo objetivo era "desqualificá-los". Víamos tal (des)construção sobretudo em enunciados humorísticos, a saber: "Dilma é a sombra de Lula", "Dilma é a sucessora de Lula", "Dilma é os olhos de Lula[12]", entre outros.

Se considerarmos um vídeo oficial de Dilma Rousseff em 2014 – que circulou, inclusive, no seu *blog* oficial – composto pelo *jingle* de sua campanha, podemos observar, no interdiscurso, certos estereótipos básicos atrelados à candidata: uma mulher forte capaz de continuar, no segundo mandato, sustentando um país, além de marcar, no fio do seu discurso, a sua valentia – "coração valente" – por ser a primeira mulher a assumir tal cargo na história do país. Tal formato de produção de estereotipias, composto pela materialidade verbal/visual e a sonoridade, no seu conjunto, tem assumido, cada vez mais, um lugar de destaque em campanhas políticas brasileiras. Nessas, vemos a tentativa dos partidos políticos, juntamente com os seus candidatos, de ressaltar características eufóricas de um sujeito político "ideal", "justo", "competente", responsável pelo zelo e o cuidado com a sua nação, afastando-se, talvez, do imaginário social do "político ladrão". Pelo conjunto, imagem e material verbal, observamos

---

12 Alguns dos discursos produzidos pela mídia sobre o fato citado: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1406201002.htm; https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2010/dilma/o-desafio-de-sair-da-sombra-de-lula-13gu4amrup5yap8fu417ryb0u/; https://oglobo.globo.com/brasil/dilma-sai-da-sombra-de-lula-vence-eleicao-no-ataque-14368547. Acesso em: 4 out. 2018.

a construção da cenografia do incorrupto, da força brasileira, metonimicamente representada pela figura política, e o *ethos*[13] de valentia da candidata do PT.

Com efeito, esse movimento de criação de imagens, do homem ou da mulher política, em prol do seu país, gera possíveis estereótipos básicos, isto é, o que esperar de um sujeito no campo da política e as benfeitorias que ele pode e deve trazer à sociedade caso seja eleito? Assim, segundo Amossy (2004, p. 215), trata-se de uma "representação coletiva cristalizada". As imagens dos políticos são construídas historicamente, colocando-se sobre a cenografia montada apenas traços que o exaltam enquanto um sujeito altruísta, preocupado com o seu próximo, em nosso exemplo, o povo brasileiro. Torna-se "imagens pré-concebidas e cristalizadas, abreviadas e fatiadas, das coisas e dos seres que o indivíduo faz sob influência de seu meio social" (MORFAUX, 1980 apud AMOSSY, 2004, p. 215). Nesse sentido, gera-se simulacros de estereótipos básicos de força, valentia e inteligência que inferem na construção de uma imagem política de "modelo", permitindo, por meio disso, discursos que causam efeito de comprometimento e confiança diante das suas ações enquanto chefe de estado.

---

13 Embora bastante pertinente à discussão que se possa gerar entre as noções de *ethos* e estereótipos para o campo dos estudos do discurso, para este artigo, *a priori*, não nos dedicaremos a especificar as suas diferenças (questões para futuros trabalhos), mas apenas tentamos compreender o funcionamento do estereótipo, no conjunto imagem, som e materialidade verbal – no interdiscurso –, criado sobre a figura política de Dilma em diferentes momentos de sua campanha oficial, tais como, "Dilma, coração valente" e a força do povo. Encontramos reflexões interessantes e sugestivas sobre o seu *ethos* em Carreon (2018), cujo trabalho também é observar tal construção discursiva ("Dilma, coração valente") por meio da construção do *ethos* da "amável coragem" (p. 93). Tal contribuição de Carreon, a nosso ver, ratifica a necessidade de observar o interdiscurso – e os estereótipos criados pelo jogo de imagens cristalizadas na política – responsável pela (des)construção, no fio do discurso, das diferentes imagens de Dilma Rousseff.

O primeiro vídeo que selecionamos para nosso movimento analítico é intitulado *Novo clip! Dilma coração valente, força brasileira,* um *jingle* de campanha que circulou à época das eleições em 2014[14], com dois minutos e quatorze segundos. Pela montagem das imagens, considerando os efeitos visuais e sonoros, trata-se de um vídeo que exalta as características positivas de Dilma, uma mulher de pulso forte, próxima ao povo brasileiro e sinônimo de valente, pois seguirá, se eleita, para o segundo mandato, "ao lado de Lula"[15], fortalecendo os caminhos para o crescimento do Brasil. Tais efeitos só são possíveis associando às imagens, enquanto diferentes recortes de sua campanha de reeleição, o *jingle* oficial[16]. A junção entre as imagens e o material musical ratificam a popularidade de Dilma, salientando seus pontos fortes e, consequentemente, uma certa identidade "ideal" na política. Vejamos, a seguir, dois excertos do vídeo de campanha de Dilma Rousseff com a produção de tais estereótipos básicos:

---

14 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y5_CdW9K3TU. Acesso em: 4 out. 2018.

15 Conforme materializado na letra do *jingle* ao fundo.

16 Letra do *jingle* na campanha de Dilma em 2014: "Dilma, coração valente, força brasileira, garra desta gente. Dilma, coração valente, nada nos segura pra seguir em frente. Você nunca desviou o olhar do sofrimento do povo. Por isso, eu te quero outra vez. Por isso, eu te quero de novo. Você nunca vacilou em lutar em favor da gente. Por isso eu tô juntinho, do seu lado, com você e Lula pra seguir em frente. Mulher de mãos limpas (tô com você); Mulher de mãos livres (tô com você); Mulher de mãos firmes, vamos viver uma nova esperança com muito mais futuro e muito mais mudança. Dilma, coração valente, força brasileira, garra desta gente. Dilma, coração valente, nada nos segura pra seguir em frente. O que tá bom, vai continuar. O que não tá, a gente vai melhorar (2x). Coração valente!" Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y5_CdW9K3TU. Acesso em: 20 set. 2018.

Figura 1 (00:39-00:41)

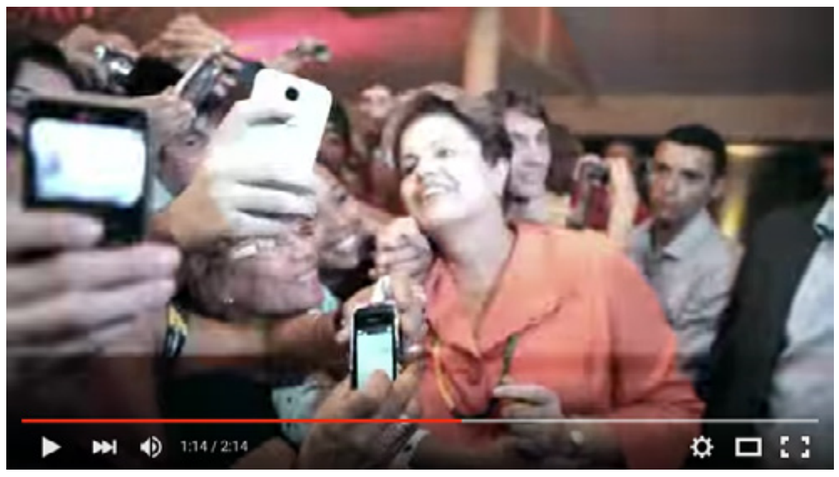


Figura 2 (01:13-01:15)

Pelas imagens, Dilma está próxima aos seus eleitores, reverberando esse caráter popular que se espera de um candidato a tal cargo. Observamos a receptividade dos eleitores em relação à candidata e como a afetividade entre ambos é motivo de destaque na maior parte do vídeo. Nas duas figuras (1 e 2), encontramos uma grande parcela de seu eleitorado composto por mulheres, pois ela, ao lado da história e das lutas por direitos iguais, pode assumir cargos públicos assim como os homens. A memória construída de que é a primeira mulher a governar o país perpassa tal exaltação no vídeo, aproximando-a do eleitorado feminino, no fio do seu discurso, ressaltando, assim, o papel da mulher na história da política brasileira.

O estereótipo de um candidato forte respalda-se, também, no seu sinônimo, a valentia. No caso de Dilma, por exemplo, ela foi uma militante ativa à época da ditadura militar, "com grande capacidade de liderança" e "uma pessoa com qualidades, dedicada, muito disciplinada no que fazia, muito diligente e entregue à luta", segundo Fernando Pimentel em uma entrevista[17] de 2014. Essa história de valentia e força perpassa a memória de

17 Excerto da entrevista de Fernando Pimentel, ex-ministro da pasta de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e Jorge Nahas, companheiros de Dilma na militância contra a Ditadura Militar de 1964, ao *site* UOL em 2014. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/03/31/como-era-a-dilma-que-lutou-durante-a-ditadura-companheiros-da-epoca-respondem.htm. Acesso em: 19 set. 2018.

sua campanha, sendo, inclusive, materializada no *jingle* “Dilma, coração valente, nada nos segura pra seguir em frente”, retratada pela seguinte figura:

Figura 3 (02:07-02:14)

Em virtude disso, temos como interdiscursos as imagens que retomam a Dilma militante, em meio a sua força, enquanto mulher, de conduzir um país, forte e valente diante de uma ditadura militar opressora e, se à época foi forte e valente para enfrentar esse período sombrio da história, ela será, com certeza, forte o suficiente para conduzir, em nome do povo, o Brasil. Nesse caminho, a construção do vídeo destaca a popularidade de Dilma como um traço herdado de Lula.

Para compreendermos a criação de simulacros invertidos, isto é, estereótipos opostos criados sobre os estereótipos básicos instaurados e criados na figura de um candidato, enaltecido quase sempre como um sujeito “forte”, “valente” e “perspicaz” – como retratado, por exemplo, no caso acima de Dilma –, selecionamos uma videomontagem do YouTube, cujo protagonista é, também, a ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff. O contexto, nesse outro recorte, é o ano de 2010, num conjunto de vídeos curtos e modificados produzidos pelo internauta “Exilado na rede”. Mais especificamente, temos como

material a videomontagem intitulada *Direto ao assunto: episódio #04 – Copa 2010* de um minuto e um segundo de duração.

Em sua estrutura composicional, podemos observar várias inserções de imagens e sons pelo produtor que, a sua maneira, contribuem para a produção de (novos) sentidos, irônicos na maioria das vezes, em torno da ex-presidenta em virtude da junção imagem, som e material linguístico. Nas imagens, podemos notar vários momentos da então Presidenta, compostos por diferentes vídeos que são justapostos e organizados à maneira escolhida e produzida pelo sujeito produtor, representando a sua inscrição em uma dada formação discursiva. Tais vídeos justapostos são acompanhados ou não de música, assim como da inserção de sons e figuras para que o sentido produzido seja outro. Tal sentido, ao final, será composto pelas características da multimodalidade, isto é, pelo jogo de sons, imagens e materialidade linguística, que produz as videomontagens de humor.

Nesse sentido, a videomontagem em questão recorta trechos de Dilma, já no seu governo, de diferentes momentos enquanto chefe de estado, construindo, desse modo, uma cadeia discursiva seguindo as suas próprias ideologias e concepções de mundo. Ou seja, seu discurso, contrário, se edifica com o objetivo de julgar suas falas, desconstruir a imagem de força e valentia, como retratada, por exemplo, no *jingle* de 2014 por meio do recurso irônico. Tal recurso, aliado ao modo composicional desse material, junta-se "como confluência de discursos, como cruzamento de vozes" (BRAIT, 2008, p. 16). Além disso, segundo Brait (2008, p. 16):

> A ironia é surpreendida como procedimento intertextual, interdiscursivo, sendo considerada, portanto, como um processo de meta-referenciação, de estruturação do fragmentário, que, como organização de recursos

> significantes, pode provocar efeitos de sentido como a dessacralização do discurso oficial ou o desmascaramento de uma pretensa objetividade em discursos tidos como neutros.

Em outras palavras, o movimento irônico produzido pelo sujeito produtor reinsere as discussões sobre o campo político numa nova ordem, a da (res)significação, em que as imagens são constantemente renovadas no fio do discurso, na sua constituição como um fato social, presente numa memória, no curso da história. Em virtude disso, temos, assim, a produção de simulacros invertidos da então presidenta, desconstruindo estereótipos básicos criados sobre a sua figura política e promovendo outro gesto de leitura, rebaixando-a a estereótipos opostos, negativos a fim de desconstruir a sua imagem política de força, ratificada pela campanha oficial, e produzir o riso, por ora, como resultado desse processo de (res)significação midiática. A junção de elementos à videomontagem, como diversos sons e edições de imagens, corrobora tal sentido depreciativo, questionando-a sobre tal força brasileira.

Para que possamos compreender esse jogo de estereotipia composto de imagens, sons e materialidade verbal, observamos como as videomontagens são produzidas, construindo novos sentidos, mexendo não apenas com o imaginário social cristalizado dos eleitores – o comportamento e os deveres assumidos por uma pessoa em um cargo público – mas também construindo simulacros de uma outra identidade política – de Dilma, por exemplo, como aquela pessoa em quem não poderíamos confiar. Ou seja, por meio dos seus estereótipos básicos, sempre exaltados pela sua campanha (tanto em 2010 quanto em 2014) – tais como, mulher forte e valente, corajosa e inteligente, primeira figura feminina no poder – busca-se trazer

estereótipos opostos, que são colocados na cenografia pelo outro do discurso, no caso, o sujeito produtor da montagem, que faz isso inscrito numa outra formação discursiva, diferente da de Dilma, denegrindo a sua figura política.

A montagem começa com os seguintes recortes:

Figura 4 (00:02-00:09)

Figura 5 (00:10-00:11)

O repórter (E1[18]) insiste para que Dilma (E2) se pronuncie: "só um cumprimento", "só uma palavrinha", mesmo ela não querendo "daqui a pouquinho, *tá*?". De tanto pedir, ela aceita acenar para a câmera: "tá bom, oi! Assim? (sorrindo)", deixando o E1 com um belo sorriso dizendo: "isso, Dra. Dilma Rousseff!". Logo em seguida, a imagem (Figura 4) é cortada do vídeo e vemos a inserção de uma foca numa apresentação, em que supomos ser de um parque aquático, obedecendo ao seu treinador. Uma primeira construção de sentidos, por meio do simulacro invertido do produtor, é produzida: Dilma é fraca em suas decisões, aceitando a imposição dos outros e, por isso, seria facilmente amestrada, manipulável obedecendo ao E1, seu "adestrador", por exemplo.

A abertura do vídeo se dá efetivamente com a inserção da seguinte imagem:

---

18 E: enunciador.

Figura 6 (00:17 – 00:23)

O tema do vídeo é apresentado: o que ela acharia sobre a lista de convocados para a Copa de 2010? Vale ressaltar que, em nenhum momento, Dilma é referida pelo próprio nome, sempre exaltada como “ex-ministra de Lula”[19]. Essa mobilização no discurso retoma uma certa memória discursiva revisitada pelos discursos que circularam à época de sua campanha sobre a influência do ex-presidente no seu governo: “Dilma é a sombra de Lula”, “Dilma é a sucessora de Lula”, “Dilma é os olhos de Lula”. Assim, segundo Amossy e Pierrot (2001, p. 124, tradução nossa[20]), “os discursos [...] retomam e eventualmente trabalham elementos pré-fabricados”. A resposta, incoerente, sem sentido da ex-presidente é destacada com o objetivo de causar a sua descaracterização irônica, em um outro momento de seu governo (Figura 7), caracterizado pela troca do vestuário e o lugar em que se encontra, promovendo, assim, o efeito de que Dilma é fraca em seu discurso, que apresenta vazios e descompasso

19 A imagem que antecede esta, também, faz alusão à Dilma como “ex-ministra do Presidente Lula”.

20 No original: “en una dinámica de las relaciones con el otro y con uno mismo; así como también las modalidades a través de las cuales los discursos en situación retoman y eventualmente trabajan elementos prefabricados”.

de sentidos retratados por um conjunto de palavras soltas e incoerentes, reverberando questionamentos sobre a sua própria capacidade de governar. Observemos as duas figuras:

Figura 7 (00:24-00:51)

Figura 8 (00:52-01:05)

Recortamos a seguir a transcrição da fala de Dilma:

> E2: "o meu chinelo da humildade, eu gostaria muito de vê o Neymar e o Ganso, porque eu acho que [...] *[a) momento 1: partida de carro + b) momento 2: sinal de alerta]* é onze entre dez brasileiros gostariam, porque veio, deu alegria ao futebol porque a gente **eu vi, você veja.** ***[c) momento 3, inserção de uma música xxxx]*** **Eu já vi, parei de vê, voltei a vê e acho que o Neymar e o Ganso têm essa capacidade de fazer a gente olhar.**[21]

Notamos pela transcrição acima que, na sua fala, há três momentos em que o sujeito produtor, de maneira irônica, insere na sua montagem certos sons que configuram a produção de efeitos de sentido diversos: a) dificuldade e a fragilidade na produção dos seus discursos; b) após uma breve pausa, em busca de argumentos, retoma o seu discurso e c) a música empregada constrói uma cenografia de exaltação, solenidade,

21 Para nossa transcrição, não empregamos a ordem fonética dos sons, apenas transcrevemos as falas, utilizando-se da ortografia original das palavras.

apoiada sobre a bandeira do PT ao fundo, de cor vermelha. A fragilidade no seu discurso é destacada e elevada a um lugar importante, ao lado da bandeira, como símbolo de um segmento ideológico, contrário ao do produtor. Assim, todos esses pontos erigidos pelo sujeito servem como sinais de alerta à sociedade em relação ao estereótipo oposto – não mostrado, sobretudo em sua campanha oficial – Dilma não é forte, tampouco valente, pois não conseguiu dizer não ao E1, por exemplo.

Em seguida, encontramos a Figura 8, o reforço visual, com a exaltação pela inserção da música como plano de fundo, do produtor desse "novo" discurso da videomontagem, problemático segundo o seu gesto de leitura, e sem sentido, desorganizado e incoerente, materializado na língua. Ao destacar o excerto final da fala de Dilma (negrito acima), mostrando a desordem na estrutura sintática, o descompasso com o sentido pelo modo empregado das palavras, há, por conseguinte, uma nova simulação negativa de sua figura, desconstruindo os estereótipos básicos do político, pois como presidenta de um país, o discurso esperado é sempre o "correto", linear, sem falhas, entretanto, o que é exposto é uma (des)construção da língua portuguesa, segundo as normas da gramática tradicional, reverberando (e confirmando o seu estereótipo) de possuir um discurso fraco e incoerente. Um dos possíveis efeitos de sentidos criados, com isso, é: como ela, a nossa presidenta, fraca na produção de seus discursos e na estruturação sintática, poderia governar um país? Ou seja, novamente, vemos a criação de simulacros invertidos, negativos, sobre a sua figura, memórias outras que também, no conjunto das videomontagens, são retomadas no interior do interdiscurso.

Em suma, observamos, em ambos os vídeos, diferentes estereótipos sendo (des)construídos no fio do discurso político, ressaltando, direta ou indiretamente, traços de uma figura política

conhecida e marcante para a história do nosso país: Dilma Rousseff, a primeira mulher presidenta, democraticamente eleita. Sob sua figura política, os estereótipos básicos do vídeo oficial constroem uma figura forte, uma mulher capaz de governar um país, valente por enfrentar as dificuldades de tal cargo, diante de uma história política brasileira dominada sobretudo por homens. Em relação à videomontagem, encontramos os estereótipos opostos, simulacros invertidos produzidos pelo seu produtor a fim de desqualificar a sua figura enquanto uma chefe de Estado, promovendo no fio do seu discurso a dicotomia contrária, a fraqueza, retratada, sobretudo no discurso da ex-presidenta, pois ela, na formação discursiva do sujeito produtor da montagem, por um lado, seria facilmente manipulada, "adestrada", por outro, não seria capaz de produzir um discurso forte e coerente e, com isso, não teria condições de governar um país. Podemos dizer que esse jogo dicotômico – forte e fraco – acontece, em especial, pelo humor irônico empregado pela videomontagem, como um mecanismo que corrobora a banalização da fala pública diante de um suporte da mídia; o humor, nesse caso – e ele sendo irônico – permite a despolitização do político, o que, por exemplo, um artigo de opinião ou um editorial não poderiam dizer, sob pena de sofrer sanções legais por calúnia e difamação.

Considerações finais

Com base nas análises apresentadas, podemos, portanto, pensar que a semântica que rege os discursos veiculados na videomontagem sobre a figura de Dilma Rousseff está relacionada a sua desvalorização enquanto sujeito político. O sujeito produtor das montagens tem como objetivo desconstruir o estereótipo básico da candidata – sua identidade política idealizada por campanhas oficiais – e mostrar aspectos negativos, construindo novos estereótipos, opostos. Se pensarmos como Maingueneau

(2008), por exemplo, certos “planos” do discurso, como o modo de enunciação, o quadro cênico e o *ethos*, tais características fazem parte da mesma semântica.

Com efeito, por meio das análises empreendidas neste capítulo, vimos que tais montagens têm como função explorar e exaltar certas imagens, identidades cristalizadas no imaginário social: do homem [mulher] político fraco de discurso e incoerente. Tem-se, com isso, a perpetuação da imagem de um simulacro oposto do imaginário criado pelos vídeos oficiais de campanha, ratificando estereótipos, típicos desse cenografia política brasileira. Desse modo, tais estereótipos opostos construídos e constantemente reverberados e ressignificados (presentes não apenas nessa videomontagem, mas também nas outras do conjunto da série do “exilado na rede”), contribuem, ainda, para a perpetuação do discurso machista, ressaltando imagens do interdiscurso, do “todo complexo com o dominante” (PÊCHEUX, 2014, p. 149) que se cristalizaram no imaginário social, num ambiente em que o ser homem carrega consigo o ideal falso de coragem e força e a mulher não.

Vimos, pois, que as proposições de Possenti (2010) acerca dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos são bastante pertinentes para dar conta de aspectos não só materiais – o linguístico, por exemplo – mas também sonoros, visuais e gestuais. O Facebook, por exemplo, tem se tornado um propagador de novos materiais de análise sobre os quais valeria a pena nos debruçarmos: os memes[22], os vídeos, as imagens

22 Os memes de internet têm sido muito compartilhados pelos usuários de redes sociais, por exemplo. Trata-se de uma imagem ou vídeo, relacionados ao humor, que serve para descrever certo conceito, crítica ou ideia. Pode se espalhar na rede muito rapidamente, chegando, muitas vezes, a alcançar grande número de usuários em todo o mundo, mas assim como sua propagação, também pode desaparecer completamente em poucos dias.

montadas são apenas alguns dos exemplos que podemos encontrar e que possibilitam gerar novas possibilidades de (des) dizer.

Não queremos, com isso, esgotar as possibilidades de dizer sobre a teoria e/ou sobre tal videomontagem, pelo contrário, queremos incitar as novas reflexões com base em novos materiais de análise, mostrando que é possível pensarmos a heurística de Possenti (2010) em materiais sincréticos e/ou multimodais. Dada a sua proposta, portanto, podemos continuar inovando nos estudos do discurso brasileiros e compondo um campo de estudos à moda brasileira.

Referências

AMOSSY, R. Estereótipo. *In:* CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004 [2002].

AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. **Estereotipos y clichés**. Buenos Aires: Eudeba, 2001.

ARAÚJO, L. M. B. M. **Discurso político, derrisão e heterogeneidade dissimulada na mídia contemporânea.** 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7154. Acesso em: 4 out. 2018.

BARONAS, R. L.; ÁVILA, F. G. O. Teoria dos estereótipos básicos e dos estereótipos opostos: a piada levada a sério. *In:* BARONAS, R. L. (org.). **Estudos discursivos à brasileira:** uma introdução. Campinas: Pontes Editores, 2015.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2008.

CARREON, R. O. **Comunicação política e(m) imagens de si:** percursos a caminho do ethos semiotizado. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9956?show=full. Acesso em: 4 out. 2018.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

Como era a Dilma que lutou durante a ditadura? Companheiros da época respondem. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/03/31/como-era-a-dilma-que-lutou-durante-a-ditadura-companheiros-da-epoca-respondem.htm. Acesso em: 4 out. 2018.

Dilma diz que fará Brasil de Lula com "alma de mulher". Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1406201002.htm. Acesso em: 4 out. 2018.

Dilma sai da sombra de Lula e vence eleição no ataque. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/dilma-sai-da-sombra-de-lula-vence-eleicao-no-ataque-14368547. Acesso em: 4 out. 2018.

Discurso de Dilma é tão desconexo quanto os do ovo de "Através do espelho". Disponível: https://economia.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/reinaldo-polito/2015/11/12/discurso-de-dilma-e-tao-desconexo-quanto-os-do-ovo-de-atraves-do-espelho.htm. Acesso em: 4 out. 2018.

Direto ao assunto: Episódio #04 – Copa 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KMFJvnRibM8. Acesso em: 4 out. 2018.

GATTI, M. A. Personagens infantis: entre o ingênuo e o ordinário. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 41, n. 3, p. 1028-1038, 2012. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1141/706. Acesso em: 4 out. 2018.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos.** Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1984].

Novo clip! Dilma coração valente, força brasileira (jingle campanha 2014). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y5_CdW9K3TU. Acesso em: 4 out. 2018.

O desafio de sair da sombra de Lula. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2010/dilma/o-desafio-de-sair-da-sombra-de-lula-13gu4amrup5yap8fu417ryb0u/. Acesso em: 4 out. 2018.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propôs de l'AAD. **Langages**, Didier/Larousse, Paris, n. 37, p. 51-68, 1975. [A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas] (1975). *In:* GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso.** 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso.** São Paulo: Contexto, 2010.

Chuta que é macumba: questões sobre o estereótipo do umbandista

Renata de Oliveira Carreon

Introdução

A religiosidade no Brasil caracteriza-se pela hegemonia do cristianismo. Segundo o IBGE[23], 86,8% da população se declara cristã enquanto as religiões de matriz africana, como Umbanda, Candomblé e Quimbanda, ainda não têm categoria própria, sendo relegadas a "outras" em pesquisas. Tendo pouco espaço social e religioso, a Umbanda, religião brasileira, fundada no entremeio das culturas europeia, africana e indígena, se vê no centro da questão da estereotificação. Uma vez que boa parte da sociedade não conhece sua doutrina, os discursos que circulam sobre os adeptos de seu culto produzem sentidos discriminatórios, a partir dos quais o umbandista é tido como "macumbeiro"[24]. Os discursos produzidos por evangélicos, nessa esteira de pensamentos, parecem confirmar a teoria discursiva dos estereótipos, na qual representações cristalizadas e geralmente negativas de um grupo social são produzidas no discurso de seu Outro, a partir do engendramento de sua formação discursiva no interdiscurso.

Ainda segundo o IBGE, a religião evangélica é a que mais cresce no país, hoje com 22% de adeptos. Com doutrina radical e discurso conservador, seus líderes adotam o confronto e a desqualificação do outro como forma de enunciar. Sendo assim, como poderemos observar nas análises, o discurso evangélico se organiza na desqualificação do outro como forma de legitimação de si, travando sempre uma batalha entre o bem e o mal na qual o

---

23 Pesquisa divulgada na revista *Veja*. Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/. Acesso em: 05 set. 2018.

24 Etimologicamente, a palavra está ligada ao instrumento de percussão denominado "macumba". No entanto, o uso da palavra, com o tempo, adquiriu sentidos daquilo que é da ordem do feitiço. Desse modo, "macumbeiro", socialmente, é aquele que pratica feitiços, entre outros muitos sentidos pejorativos.

bem evangélico-divino sempre vence. A partir de representações do que é a doutrina de Umbanda, dá a circular estereótipos das práticas umbandistas, cristalizando a figura do macumbeiro como adepto da religião.

É difícil, e talvez desnecessário, remontar a origem dos estereótipos que, sabemos, são um consenso social e histórico sobre certo grupo. No entanto, faz-se necessária uma breve introdução sobre a Umbanda de modo a organizar e compreender os discursos que circulam sobre a religião. A Umbanda, em seu mito fundador, foi anunciada, em 1908, em uma reunião de centro espírita por meio da incorporação – transe mediúnico – do Caboclo das Sete Encruzilhadas. A partir daquele dia, estaria fundada uma religião brasileira que envolveria a cultura de diversos povos em uma lógica de inversão simbólica na qual são atribuídos poderes e hierarquia a grupos marginalizados socialmente, como os negros, os índios, os malandros, os ciganos, entre outros. Subvertendo as relações de poder como forma de atenuação da marginalidade de seus praticantes, a quem é prometida a elevação espiritual, a Umbanda trabalha, sobretudo, com espíritos organizados em linhas de trabalho, os quais "baixam" no terreiro[25] para a comunicação com os encarnados. Nas palavras de Saraceni (2013, p. 27-28), médium e escritor umbandista:

> A Umbanda é uma religião nova, com cerca de um século de existência. Ela é sincrética e absorveu conceitos, posturas e preceitos cristãos, indígenas e afros, pois estas três culturas religiosas estão na sua base teológica e são visíveis ao bom observador. [...] Umbanda é o sinônimo de prática religiosa e magística caritativa e não tem a cobrança pecuniária como uma de suas práticas usuais.

25 Espaço destinado às sessões.

Entre suas práticas comuns, estão as oferendas ritualizadas, nas quais os adeptos, em forma de agradecimento ou pedidos, oferecem frutas, flores e velas aos seus Orixás, considerados divindades de Deus ligadas à natureza: “a fé é o principal fundamento religioso da Umbanda e suas práticas ofertatórias isentas de sacrifícios de animais são uma reverência aos orixás e guias espirituais” (SARACENI, 2013, p. 28). Tais oferendas são deixadas, geralmente, em lugares públicos, como praias, cachoeiras e cemitérios. Com roupa branca e colares de contas, os “filhos de umbanda” têm indumentária específica que diverge sensivelmente das de outras religiões.

De uma perspectiva sociológica, a Umbanda nasce da transformação da sociedade no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX:

> Constataremos assim que o nascimento da religião umbandista coincide justamente com a consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes. A um movimento de transformação social corresponde um movimento de mudança cultural, isto é, as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira. Nesta dialética entre social e cultural, observaremos que o social desempenha um papel determinante (ORTIZ, 1999, p. 15).

Apesar da laicidade do Estado e a liberdade de práticas religiosas, assegurada pela Constituição, o preconceito – e consequente intolerância religiosa – é comum à Umbanda. Os praticantes das religiões afro-brasileiras “continuam a sofrer agressões, hoje menos da polícia e mais de seus rivais pentecostais, e seguem sob forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente

de religião" (PRANDI, 2004). O preconceito à religião é atribuído às suas práticas de oferenda – intituladas de "macumba" por uma parcela da população –, ao caráter racista da sociedade com uma religião constitutivamente negra e também ao culto a Exu, demonizado em seu processo de sincretismo da religião com a Igreja Católica. Assim, "fazendo macumba" e "adorando o diabo", a representação do umbandista passa a ser constituída no discurso evangélico como a figura do "macumbeiro".

Sobre a noção de estereótipo

A Análise do discurso, cuja paternidade é atribuída a Michel Pêcheux e à Análise Automática do discurso (AAD-69), desde sua emergência, preocupou-se com as questões que regem o interdiscurso, trazendo para a cena o Outro constitutivo. Maingueneau (2008), a partir de um deslocamento epistemológico, postula o primado do interdiscurso, para quem, no nível das condições de possibilidade, haveria apenas um espaço de trocas e jamais de identidade fechada. Tal ponto de vista vai na contramão do adotado espontaneamente por enunciadores discursivos que, longe de admitirem esse descentramento, tendem a reivindicar a autonomia do discurso. "Ilusão inelutável, que, no caso do discurso religioso, só pode ser reforçada: cada discurso supõe conformidade com uma Palavra divina absoluta" (MAINGUENEAU, 2008, p. 36).

Tendo em vista o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, as relações entre o Mesmo e o Outro são indissociáveis e vão muito mais além do pertencimento a uma dada formação discursiva – ou posicionamento ideológico –, pois remetem à própria gênese dos discursos. A partir, então, do conflito regulado entre a dialógica dos discursos, o conceito de estereótipos em Análise do discurso se faz pertinente, embora

ainda seja pouco trabalhado em seus canteiros de pesquisa. Talvez, a noção de que há representações sociais que levam a uma (des)caracterização essencialmente negativa de certos grupos aparente ser deveras simples ao pesquisador. No entanto, o que parece escapar é que os estereótipos podem estar ligados à própria constituição dos discursos e sua circulação, bem como sua cristalização social.

Em linhas gerais, a noção de estereótipos é trabalhada em diversas áreas do conhecimento, para as quais observamos haver a regularidade de postulação dos estereótipos enquanto um conjunto de características associadas a algo por consenso social. Para Poullet (2012, p. 10, tradução nossa[26]), "a força dos estereótipos se baseia precisamente no consenso que parece ocorrer em torno dele; portanto, ele incorpora, num dado momento, a maneira pela qual a sociedade percebe certos grupos sociais". Assim, a noção de estereótipos compreenderia um discurso de verdade que configura representações, impondo efeitos sobre certos grupos sociais. Portanto, para o autor, os estereótipos são uma representação temporariamente fixa e simplificada que tenta explicar características adornadas a partir de uma afirmação da verdade.

Já Amossy e Herschberg-Pierrot (2001, p. 124, tradução nossa[27]) propõem pensar a questão para além da fixidez de uma imagem cristalizada, pois aos estudos linguísticos interessaria a forma com que um indivíduo e um grupo se apropriam do estereótipo e fazem-no jogar "em uma dinâmica de relações com

---

26 Texto original: "la force des stéréotypes repose précisément sur le consensus qui semble s'opérer autour de lui ; c'est donc qu'il incarne, à un moment donné, la façon dont la société perçoit certains groupes sociaux".

27 Texto original: "en una dinámica de las relaciones con el otro y con uno mismo; así como también las modalidades a través de las cuales los discursos en situación retoman y eventualmente trabajan elementos prefabricados".

o outro e com o mesmo; assim como também as modalidades através das quais os discursos em situação retomam e eventualmente trabalham elementos pré-fabricados".

Voltamos, então, à questão do interdiscurso, lugar simbólico de construção do enunciável, a partir do qual podemos afirmar que os estereótipos retomam discursos enunciados antes, sem um sujeito a quem atribuir sua enunciação. Em um jogo de espelhos de imagens cristalizadas, os estereótipos refletem e refratam construções históricas e sociais que emergem, sob a forma de enunciados, discursos de verdade sobre grupos sociais ou, mais especificamente no discurso religioso, sobre religiões e seus adeptos. É evidente, portanto, que operar o conceito é operar também as formações discursivas, que determinam o que pode e deve ser dito, que "delimitam a zona do dizível legítimo"; assim, o "Outro circunscreve justamente o dizível insuportável sobre cujo interdito se constituiu o discurso" (MAINGUENEAU, 2008, p. 37). Considerando, desse modo, que os enunciados têm um "direito" e um "avesso", os estereótipos parecem operar nesse território de conflito constitutivo em que para a construção do discurso do Eu é preciso interditar o discurso do Outro sob a forma da regulação da formação discursiva. Parece razoável propor que a categoria de estereótipos deve ser a articulação de retomada do Outro sob a forma de um interdiscurso regulado pela própria formação discursiva que engendra o que pode ser dito e o que deve ser interditado, levando a uma dinâmica de circulação que gerará, por consequência, adesão a esse engendramento (ou não) e sua cristalização. Isso implica dizer que o estereótipo, sob a perspectiva discursiva, é um conjunto de características, geralmente negativas, atribuídas a um grupo específico; características estas enunciadas a partir de uma formação discursiva que interdita o Outro, mas que deve a ele sua constituição pelo interdiscurso.

Levando os estudos de Maingueneau em consideração, Possenti (2010) destaca a questão do simulacro, para quem o discurso do Mesmo, ainda que não houvesse um Outro, é criado a partir do simulacro de um discurso existente, uma forma de "tradução do discurso antagonista". Em relação à questão, ao tomar os estereótipos, o autor brasileiro afirma que:

> [...] o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por uma redução (com frequência negativa), eventualmente um simulacro. Assim, o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro. (POSSENTI, 2010, p. 40).

Ao considerar esse deslocamento epistemológico do autor, para quem o estereótipo funciona como um simulacro, voltamos, mais uma vez, para a própria constituição dos discursos. Por isso, a justificativa de operar com tal categoria de análise nos domínios discursivos é pertinente: os estereótipos se fazem presentes no avesso e no direito do enunciável. A partir disso, tomando o discurso religioso como objeto de análise, propomos investigar o estereótipo do umbandista em enunciados evangélicos, assumindo, na construção do discurso do Um, o interdito ao discurso do Outro, em um processo de construção e cristalização do chamado "macumbeiro".

Chuta que é macumba: o estereótipo do umbandista em análise

Adotamos o discurso religioso evangélico como objeto de estudo. Tal escolha se deve, em boa medida, pela tentativa de compreender como ocorre a construção do estereótipo do

macumbeiro por meio de outras religiões. Mais especificamente, trabalharemos a partir do olhar para o canal do YouTube Central Gospel, no qual são postados todos os tipos de vídeos ligados à religião evangélica, sobretudo, de pastores em situação de pregação. Assim, pareceu-nos interessante investigar, para efeitos de circulação, a produção do estereótipo no discurso do líder. A partir dessas escolhas metodológicas, optamos por buscar no canal vídeos que contivessem a palavra “macumbeiro(a)” em seu título, o que nos levou, em maioria absoluta, a pregações de pastores da Pentecostal. Por fim, escolhemos, para nossos rascunhos analíticos, os vídeos *Macumbeiro provoca pastor pentecostal e se dá mal e Pastor Adeildo Costa é desafiado por macumbeira e Deus se manifesta – Pastor x macumbeira*.

Antes de iniciarmos as análises, cabe fazer alguns apontamentos sobre a pregação da Pentecostal. Como observamos nos vídeos, ela tem caráter influenciador, em tom forte, buscando a adesão do seu interlocutor, mas também sua doutrinação. O pastor, representando institucionalmente Deus, assume um lugar de poder por meio do qual a sua fala fará com que seus interlocutores-fiéis adotem a postura de obediência.

> A Igreja Pentecostal investe, de maneira decisiva, na conquista de novos adeptos. São inúmeros os mecanismos verbais e não-verbais usados com esse propósito. Busca-se mesmo direcionar a conduta dos fiéis, doutriná-los, mostrar-lhes os princípios pentecostais como se fossem verdades absolutas. Para isso, recorre-se a mecanismos persuasivos com efeitos ideológicos nos fiéis. Tais mecanismos linguísticos e não-linguísticos contribuem para posicionar os fiéis em um determinado lugar, um lugar dependente da Igreja, associado às doenças físicas e morais, a vícios e pecados, em que a sobrevivência é

> considerada como resultado de um comportamento que segue os ensinamentos religiosos (MAGALHÃES, 1997, p. 30-31).

Vemos, portanto, que o discurso pentecostal é regido por uma cena enunciativa que cria a atmosfera em duas ordens diversas: a doutrinação e o medo, a partir do qual "não há salvação" fora da Igreja e, consequentemente, em outras religiões. Assim, faz-se justificado o conflito regulado de formações discursivas entre religiões tão distintas: a Umbanda cultuando Orixás e entidades e a Pentecostal adorando a Deus e ao Espírito Santo, em que a formação discursiva (FD) da última trata como excludente qualquer forma de crença que não a sua e, com isso, a desqualificação do outro é necessária para a afirmação de si, em uma guerra simbólica entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo.

O discurso, tecido nas tramas do interdiscurso, regulado por uma formação discursiva, vê em seu Outro o seu interdito. No caso de dois discursos que divergem significativamente, sobretudo sob a óptica pentecostal, a polêmica está instaurada. Para Maingueneau (2008, p. 106), ao identificar os enunciados compatíveis à FD na qual se insere, o sujeito também identifica os enunciados incompatíveis a ela e que, assim, pertencem a uma FD antagonista, pois a formação discursiva "define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos". Desse modo, a polêmica é entendida como as relações entre as FDs, sejam elas de confronto ou não, mas que, de qualquer forma, implicam um processo de interincompreensão – ou tradução – do outro. "Polemizar é, sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma Lei que se impõe como incontestável. [...] Trata-se, nesse caso, de desqualificar o adversário mostrando que ele viola as regras do jogo" (MAINGUENEAU, 2008, p. 110).

Apanhada publicamente em erro por “violar as regras de Deus”, a Umbanda se vê inserida no discurso pentecostal como o Outro em forma de polêmica; aquele que deve ser combatido; o mal absoluto. É com tais considerações que passamos à transcrição do material. O vídeo *Macumbeiro provoca pastor pentecostal e se dá mal* é uma narrativa para o público/fiéis de um episódio que, em tese, foi vivido pelo pastor da Pentecostal. Ao ser convidado para pregar em uma igreja tradicional, descobre que o pai de santo[28] do terreiro vizinho estaciona seu carro todos os dias em uma vaga de deficientes. O pastor da Tradicional, não sabendo lidar com o assunto, permite que o pastor da Pentecostal converse com o pai de santo. O diálogo que se segue seria a narrativa do pastor pentecostal contando para o pastor tradicional como sucedeu a conversa com o sacerdote do terreiro:

> (1) Eu disse: - Pastor, falou mal do senhor, falou mal da sua igreja, falou mal da sua família, falou mal de todo mundo.
>
> - Mas eu nunca falei com ele, Márcio.
>
> - Pro senhor ver. Disse que a sua igreja é cemiteriana, disse que a sua igreja não dá glória, e ajuda ele a fazer o trabalho dele, de destruir as famílias, de arrebentar com tudo lá fora. Ele joga na droga, na prostituição, arrebenta os casais e o senhor tá concordando porque o senhor colocou o diácono que em vez de dar glória fica cuidando do carro dele. [...]
>
> (2) Ele tá passando momento difícil porque quem engana só passa momento difícil, quem trapaceia só passa momento difícil, ele não tem nada nem pra ele quanto

28 Expressão usada na Umbanda para designar o dirigente.

mais pra quem vai consultar ele e o senhor tá concordando com isso aí, ele disse que o senhor tá ajudando ele naquilo que ele faz.

(3) Quando deu dez pras onze apareceu na porta esse macumbeiro. [...] Então ele disse “fala pra aquele desgraçado, miserável, fala pra ele que eu vou jogar uma praga nesse miserável”, ele foi lá no meu portão todo bom menino, na maior educação, e quando eu entrei pra dentro da minha sessão a minha entidade disse “você é louco? Você é louco de receber o filho do altíssimo aqui? Você é louco? Agora a atmosfera tá fechada. Agora não consigo me manifestar mais, agora vai ser lá do outro lado agora ele vai descer lá, agora ele vai curar lá, ele vai se manifestar lá e a glória do altíssimo será gloriosa lá”.

Em uma primeira observação, é preciso destacar a referência ao dirigente do terreiro: em toda a narrativa, este foi nomeado como “o macumbeiro”, criando sentidos da ordem daquele que faz macumba, feitiço, daquele que não age pelas leis de Deus. A esse homem é atribuída uma postura reprovável, pois estaciona o carro em vaga reservada a portadores de deficiência, fala mal do pastor da igreja, entra na igreja chamando o pastor de “desgraçado” e “miserável”. A partir dessa narrativa, o estereótipo do macumbeiro aparece para se consolidar, uma vez que não só ele faz o mal, como ainda entra em um templo religioso ofendendo o missionário de Deus, o que é inconcebível a partir da formação discursiva daquele que está ali *em nome Dele*.

O estereótipo daquele que faz o mal – discurso que só pode ser produzido a partir do interdiscurso – é corroborado por suas práticas: “ajuda ele a fazer o trabalho dele, de destruir as famílias, de arrebentar com tudo lá fora”. Assim, o macumbeiro é aquele que, em seu culto, tem práticas condenáveis social

e religiosamente, afinal, ele destrói famílias, destrói tudo. Retomando, a partir da memória, as práticas ofertatórias da Umbanda, ligadas estereotipicamente à magia e ao mal, vulgarmente chamadas de “trabalhos”, o sujeito relaciona tais “trabalhos” ou “macumbas” a mais ações condenáveis: “Ele joga na droga, na prostituição, arrebenta os casais”. Assim, a partir da prática de um ritual desconhecido de uma religião, a outra interdita esse discurso como aquilo que não pode e não se deve fazer, relacionando temas socialmente repreensíveis como droga, prostituição e separação de casais com a religião de seu outro, constituindo polêmica inegável entre práticas discursivas que envolvem o discurso religioso.

A partir disso, o sujeito entrelaça magia, maldade e a figura do pai de santo (“o macumbeiro”) em um universo de sentidos corroborado pelo estereótipo, construído social e historicamente, da figura do umbandista. Tal estereótipo passa a ser fomentado na narrativa do pastor, a qual possui efeito de verdade, como relato de uma prática condenável de uma religião já tida como praticante do ilícito bíblico. Ainda a credibilidade de seu outro, incorporada na figura do dirigente de Umbanda, é questionada quando se afirma em (2): “Ele tá passando momento difícil porque quem engana só passa momento difícil, quem trapaceia só passa momento difícil, ele não tem nada nem pra ele quanto mais pra quem vai consultar ele”. O umbandista é tido como alguém que engana e trapaceia e, por isso, não tem nada, uma vez que, a partir dessa formação discursiva, Deus não contribui com a vida daqueles que vão contra seus desígnios. No embate entre bem e mal, no qual o sujeito se inscreve como porta-voz do bem, o seu outro é o sacerdote do mal, constituindo uma polêmica irremediável entre esses dois discursos que, a partir desses enunciados, não podem habitar o mesmo espaço.

Por meio da estereotipificação, o universo ligado à Umbanda passa a remeter a uma cadeia de sentidos associada a trabalhos, magia, enganação, drogas, prostituição, separação de casais e toda uma série de ações que remetem ao condenável – pela sociedade e por Deus. É a partir disso que a narrativa do pastor chega ao fim, no que seriam as palavras da entidade (espírito) do pai de santo: "você é louco? Você é louco de receber o filho do altíssimo aqui? Você é louco? Agora a atmosfera tá fechada. Agora não consigo me manifestar mais, agora vai ser lá do outro lado agora ele vai descer lá, agora ele vai curar lá, ele vai se manifestar lá e a glória do altíssimo será gloriosa lá". Entre o bem e o mal, a incorporação de espíritos realizada pela Umbanda é condenável em todas as religiões cristãs e, por isso, tal prática é ligada diretamente ao mal, uma vez que, segundo a Bíblia[29], "Não vos dirijais aos espíritos nem aos adivinhos, não os consulteis, para que não sejais contaminados por eles. Eu sou o Senhor, vosso Deus" (BÍBLIA, Levítico 19, p. 163-164). Considerando a prática de consulta aos espíritos como ilícita, ao chamar para a cena a manifestação da entidade no terreiro, já recuperamos, por meio do interdiscurso e da formação discursiva na qual o discurso se inscreve, que os efeitos de sentido serão constituídos na ordem do indesejável, do condenável.

É nessa trama tecida pelo discurso pentecostal que o espírito ganha voz para dizer que é loucura ter recebido o pastor, filho do altíssimo, no terreiro, construindo efeitos de sentido que remontam a, mais uma vez, o bem e o mal, pois a entidade saberia que "aqui" se faz um trabalho mais vulgar enquanto o filho do altíssimo está operando a obra de Deus ao lado. Por conta

---

29 Livro considerado sagrado pela maior parte das religiões, mas que não é adotado por aquelas cuja doutrina é espírita, como o espiritismo kardecista, a Umbanda e o Candomblé. Em relação a isso, o kardecismo foi codificado nas obras de Allan Kardec, enquanto as religiões de matriz africana consideram a não-codificação, uma vez que os fundamentos devem ser ensinados oralmente pelos mais velhos, segundo a tradição africana.

disso, a entidade chegaria à conclusão de que não poderia mais ser recebida no terreiro e que teria de se manifestar na igreja – recuperação feita por meio do dêitico "lá" –, pois é do mal. É ainda necessário pontuar que a Pentecostal trabalha com o "discernimento de espíritos", que pode ser usado para identificar uma pessoa "motivada por Satanás". Em outras palavras, a troca do espaço simbólico, realizada pela entidade, entre o terreiro e a igreja, seria a confirmação de sua inferioridade espiritual diante de Deus, confirmando sua ligação com o mal e, por consequência, corroborando o estereótipo de que a Umbanda se liga a "espíritos trevosos", como circula socialmente.

Por fim, a narrativa, que começa com o relato de uma prática errônea do pai de santo, termina com a exortação de suas próprias práticas, pois no embate entre o bem e o mal, o bem sempre vence – pelo menos na memória discursiva dos sujeitos: "a glória do altíssimo será gloriosa lá".

O segundo vídeo, *Pastor Adeildo Costa é desafiado por macumbeira e Deus se manifesta – Pastor x macumbeira*, assim como o anterior e como muitos do Canal, é uma narrativa para o público/fiéis de um episódio que, em tese, foi vivido pelo pastor da Pentecostal.

> (4) Do lado da igreja tinha um centro de umbanda e candomblé. E eu não sei como tem rico que gosta de macumba, já percebeu?
>
> (5) Ela [a mãe de santo] disse "ô negrinho, você é um atrapalhador do meu trabalho. Você sabia que sexta-feira à noite, nesse culto que você tem, os meus guias não desceram aqui no meu terreiro".

(6) Ela [macumbeira] foi na minha igreja e disse [...] “olha, você anda dizendo que vai comprar a minha casa e a casa do lado pra aumentar a igreja. Vamos fazer o seguinte? Se você conseguir comprar, eu morro. Agora eu vou fazer um trabalho, se daqui a 30 dias, você não morrer, não precisa comprar, eu vou dar a minha casa pra igreja [...]. Quando é uma manhã tá eu e ela [a esposa] na frente da igreja, eu e ela na frente da igreja, a macumbeira saiu pegou uma máquina de foto olhou pra mim e pra ela e pra menina e disse “estou tirando a foto de vocês três, vou sepultar a vossa foto no cemitério a sete palmos”. Aquilo me envenenou! Eu disse: “a senhora macumbeira velha, nojenta, sem vergonha, pode pôr a minha foto sete palmo, sete metro, setenta metro, sete mil metro, se a senhora quiser eu posso até pedir pro diabo mandar um fax que até lá já tem a minha foto, não tem problema. Feitiçaria não pega em crente, macumbaria não pega em crente, condenação não pega em crente”.

(7) (O filho da mãe de santo falando com o pastor) Ela disse que quando foi agora de madrugada entrou um vento fechou a janela, se transformou num homem de branco, colocou o dedo no nariz dela e disse “não mexe com a Igreja, nem toque no meu César”. Aí ela disse pro filho que o homem de branco falou “a partir do dia que tu desafiou ele na minha igreja, ele orou, e agora a tua perna tá dependendo da oração dele. Se ele orar pra eu deixar apodrecer, eu deixo, agora se ele orar pra não deixar apodrecer, aí eu não deixo”. Aí ela contou que aquele de branco saiu, ela começou a tremer, quando o homem de branco saiu entrou dois guias do centro de macumba dela, deu um abraço nela e disse “olha, é tempo de despedir de você porque não dá mais, você já está dominada por alguém”. “Vocês não vão me curar? Não vão sarar a minha perna?”. Os guias disseram pra ela “olha, é melhor tu procurar outro ramo, porque o que

> entrou aqui manda no céu, manda na terra, manda no mar, manda no inferno".
>
> (8) Quando eu vou entrando tem uma cadeira de roda, uma mulher com uma faixa e gesso na perna, eu não percebi que era ela, quando eu fui entrando ela puxou meu paletó e disse "pastorzinho, pastorzinho, como é que o senhor vai entrando e não me cumprimenta?". Eu olhei pra ela e disse "é tu mulher?". "Ô pastor, eu agora sou crente, o senhor deixa eu entrar na sua igreja e dizer que o teu Jesus é maior, pastor? O senhor deixa pastor?". [...] Toda ferramenta preparada contra ti não prosperará.

Assim como o vídeo anterior, toda e qualquer menção ao terreiro de Umbanda é feita por "terreiro de macumba" e a mãe de santo como "macumbeira", como vemos em (4) e (6). Em (6), o estereótipo do umbandista é chamado à cena para tratar do "trabalho" que a mãe de santo faria para tirar a vida do pastor, que é fomentado pelo que seriam as palavras da dirigente: "estou tirando a foto de vocês três, vou sepultar a vossa foto no cemitério a sete palmos". Desse modo, são recuperados os efeitos de sentido daquele que não só faz "macumba", mas que ameaça a vida de outras pessoas fazendo trabalho em cemitério. A partir disso, nas palavras do pastor, são atribuídos adjetivos à mãe de santo como "macumbeira", "nojenta" e "sem vergonha" para deslegitimar a prática do que seria um "trabalho de morte" encomendado pela mulher, uma vez que, a partir de sua formação discursiva e da referência ao bem e mal, "feitiçaria não pega em crente, macumbaria não pega em crente, condenação não pega em crente". Mais uma vez, à religião de Umbanda são atribuídos elementos que fornecem subsídios para a circulação do estereótipo do macumbeiro: feitiço, macumba e condenação. Mas como, a partir da polêmica como interincomprensão, o pastor se insere em seu diâmetro oposto, estaria "guardado" das macumbas realizadas.

Em (5), a fala atribuída à mãe de santo corrobora a análise anterior de que os espíritos, considerados inferiores e demonizados no discurso evangélico, não “baixam” em terreiro quando podem baixar na Igreja – espaço destinado a lidar com eles de forma “correta” e divina – e, por isso, a igreja estaria atrapalhando a mãe de santo, fato que justificaria a maneira pejorativa com a qual ela teria se referido ao pastor: “negrinho”, criando efeitos de sentido da ordem do racismo e atribuindo à figura dessa macumbeira o racismo como mais uma de suas características negativas. O que é corroborado por (7), em que há a descrição de uma experiência mediúnica que a dirigente teria vivido: ao ter contato com um espírito trajando branco, este mostra seu poder ao afirmar que não é para “mexer com a Igreja, nem com o pastor” e que a perna dela dependeria de sua oração. Discursivamente, o poder é atribuído a essa figura da igreja que teria superioridade às entidades de Umbanda, que se fazem presentes no relato e tomam voz para dizer que vão embora, bem como para assegurar a hierarquia do outro, dizendo que aquele manda em todos os lugares e, por consequência, não poderiam fazer a cura da perna, já que ela está dependente de um poder superior a elas. Dessa forma, o processo de inferiorização dos espíritos que constituem as linhas de Umbanda é trazido para a cena para reafirmar que só a outra religião tem o poder e a verdade e, assim, só a submissão a ela é que traria a cura. O processo de estereotipificação de várias crenças ligadas ao universo simbólico de Umbanda gera, portanto, a figura inatável do macumbeiro que deve se submeter a um regime de verdade, ligado ao bem e ao divino.

Por fim, a partir do que seria a salvação divina pelo fato de a mulher ter “aceitado Jesus” e, por consequência, não ter perdido a vida ou a perna, o relato termina com a entrada da mãe de santo na igreja, reforçando o discurso de que o bem

evangélico sempre vence o mal: “Ô pastor, eu agora sou crente, o senhor deixa eu entrar na sua igreja e dizer que o teu Jesus é maior, pastor? O senhor deixa pastor?”. [...] Toda ferramenta preparada contra ti não prosperará”. Desse modo, a conversão da mãe de santo em membro da igreja representa, discursivamente, a aceitação a esse universo de sentidos em que o “Jesus” do outro é maior que o seu próprio e, assim, cabe como desfecho que nada prosperará contra aquele que acredita na igreja, pois a prova disso é a mãe de santo.

Considerações finais

As questões dos estereótipos perpassam a própria gênese dos discursos, uma vez que estão ligadas ao interdiscurso e às formações discursivas que regem e regulam o que pode e deve ser dito, bem como o que deve ser interdito. A partir da interdição dos elementos simbólicos e ritualísticos da Umbanda, o discurso dos pastores pentecostais, por meio da atribuição a uma série de características consideradas condenáveis – social e biblicamente –, fomenta a circulação do estereótipo do macumbeiro para designar aquele que frequenta o terreiro. As práticas ofertatórias do umbandista estariam ligadas a um universo de sentidos de trabalhos, magias e destruição, enquanto o trabalho com os espíritos é visto como errôneo, já que estes são considerados inferiores e, por isso, devem recorrer à igreja para que sejam doutrinados.

Ocorre, por meio do estereótipo, a inversão de valores ligada a um regime de verdade: o que em uma religião é considerado o certo, em outra é moral e espiritualmente errado. Em uma luta polêmica travada entre o bem e o mal, as narrativas dos pastores trazem a figura de dirigentes de Umbanda como grosseiros, enganadores e ameaçadores, dispostos a fazer “trabalho de

morte” para quem quer que seja. Assim, a cristalização do macumbeiro passa a operar sentidos no discurso, a partir da formação discursiva “divina” do pastor, uma vez que a menção a “macumbeiro” já retoma discursos produzidos antes e em outros lugares e com os quais tais relatos só corroboram, fomentam e ampliam esses sentidos.

Como efeito de conclusão, é possível afirmar que a cristalização e a circulação desse estereótipo do umbandista, visto como o invocador do mal, estão enraizadas sócio-historicamente e perpetuam práticas discursivas discriminatórias e preconceituosas, ligadas a formações discursivas que têm em seu enunciável o discurso do bem, do divino e do outro como o repreensível. Por consequência dessas assunções, é possível considerar que os estereótipos sociais, sobretudo os discursivos, levam ao fomento de práticas hegemônicas e à marginalização de grupos específicos, o que faz com que a noção de estereótipo pareça consideravelmente interessante ao pesquisador que busca compreender as práticas discursivas de sua gênese à circulação e cristalização. Importa, então, dizer que o pouco espaço dado à noção no âmbito da Análise do discurso de orientação francesa deve ser repensado para dar lugar a um processo mais amplo de cristalização de representações sociais.

Referências

AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. **Estereotipos y clichés**. Buenos Aires: Eudeba, 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria, 1992. Edição Claretiana.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAGALHÃES. I. Linguagem e ideologia no discurso pentecostal. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 3, n. 1, p. 21-65, 1997.

POULLET, G. **Le stéréotype, un vecteur hégémonique:** Une analyse intertextuelle au sein du répertoire cinématographique nord-américain. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Faculté des Arts et des Sciences, Université de Montréal, Montréal, 2012.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

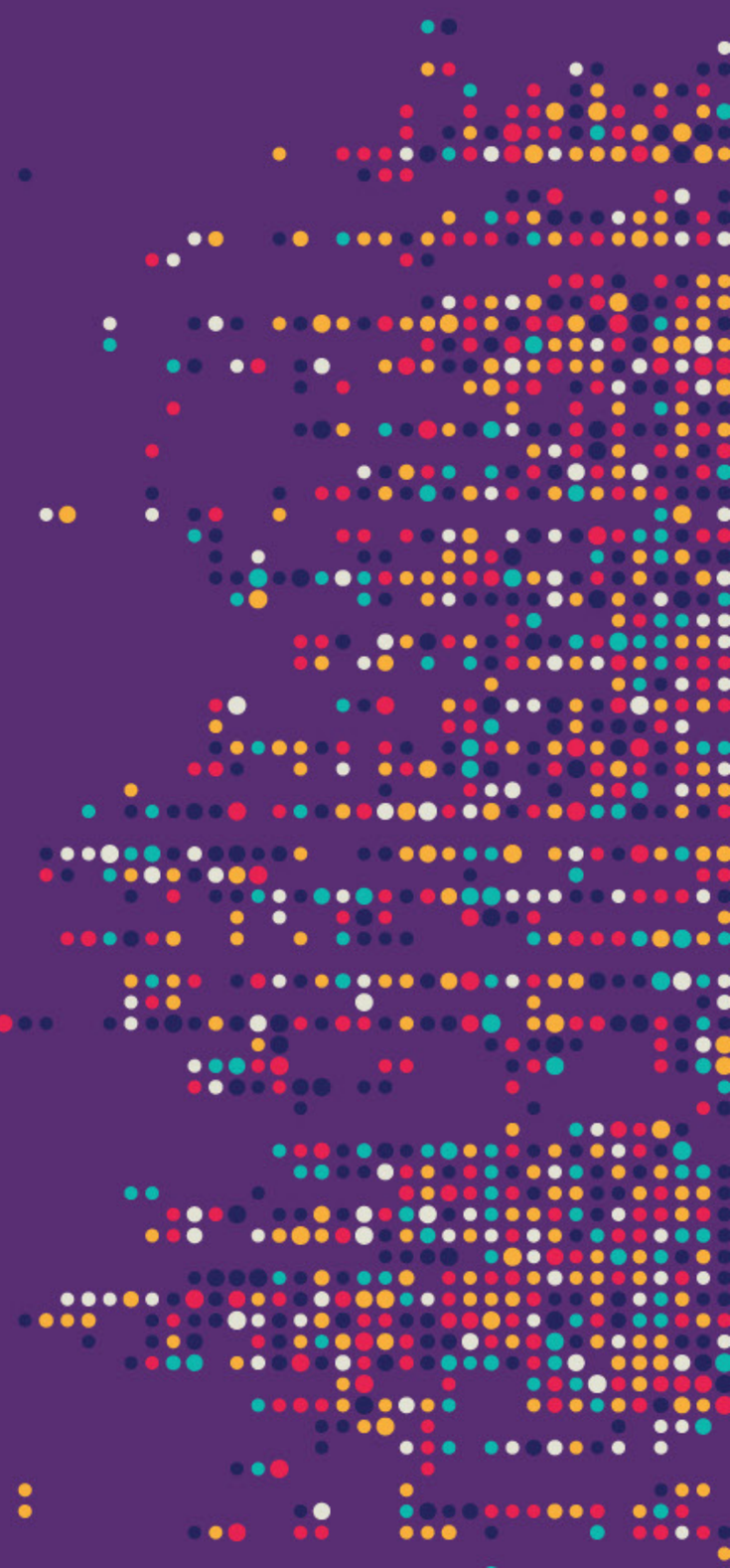
POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Dossiê Religiões no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, dez./2004.

SARACENI, R. **Doutrina e teologia de Umbanda Sagrada**. São Paulo: Madras Editora, 2013.

Desconstruindo a imagem do “cientista maluco” e adaptando a abordagem do discurso para aumentar a cobertura vacinal

Luís Guilherme Virgílio Fernandes



O estereótipo do “cientista maluco”[30]

Muitas narrativas mitológicas de busca de conhecimento culminam em eventos punitivos recaindo sobre o protagonista ou sobre a humanidade em geral. Os mitos concernentes à busca de conhecimento perenizam o arquétipo do cientista como sinistro, perigoso, delirante e ameaçador (HAYNES, 2016). Essas abordagens, normalmente, tendendo a um enfoque cartunesco ou de vilania, dedicam-se às falhas dos cientistas em prever as consequências de seus experimentos (quando estes falham), desperdiçando, assim, vidas na busca do conhecimento, e sobremaneira, quando obtém êxito, criando um “experimento” nocivo, descontrolado e, muitas vezes, personificado por monstruosidades, como é o caso do *Monstro de Frankstein*.

Em uma análise realizada por Tudor (1989), revelou-se que cerca de 30% dos filmes de horror entre 1931 e 1984 traziam “cientistas malucos” e/ou suas criações como vilões, enquanto os cientistas eram retratados como heróis em uma esmagadora minoria de casos. Embora esse estereótipo esteja se desgastando progressivamente – o cientista, nesse momento, retratado em muitas obras ficcionais como pessoas comuns, com certas rotinas e que apresentam certas interações com familiares e sentimentos para gerar uma proximidade com o espectador –, alguns traços semióticos do “cientista maluco” ainda perduram, sobretudo em um discurso que prega uma dualidade entre a proximidade e a afetuosidade de um pai ou de uma mãe e a frieza e o distanciamento de um médico; esse discurso de deslegitimação de profissionais da saúde é bastante arraigado ao pensamento do movimento antivacina.

---

30 Este trabalho teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo número 2017/06731-8.

Esse cenário díspar se deve ao fato de que muitas pessoas consideram os pais como uma fonte desprovida de motivações escusas, ao passo que médicos, governo e companhias farmacêuticas são frequentemente acortinados por teorias conspiratórias. Essa dualidade é bem representada pela campanha de uma estado-unidense chamada Polly Tommey (Figura 1[31]), uma das principais figuras do movimento antivacina e produtora do documentário Vaxxed (2016). Vejamos:

Figura 1 – Polly Tommey, produtora do documentário de pseudociência Vaxxed e uma das principais figuras do movimento antivacina

Em um trabalho realizado por Freed *et al.* (2011), foi avaliado o grau de confiança que os pais depositavam em fontes de informações sobre a segurança nos usos das vacinas. Para os autores, a conclusão é a seguinte: os profissionais da saúde, médicos e agências governamentais, por exemplo, são considerados mais confiáveis pela maioria dos pais e/ou responsáveis. Todavia, tais autores salientaram, ainda, que alguns deles acreditam em informações advindas de uma fonte não profissional, sem o devido conhecimento científico testado e aprovado por cientistas. Irrefragavelmente, o teor da informação pode impactar a maneira como os pais encaram a confiabilidade das fontes emissoras, uma vez que Hilton, Etticrew e Hunt (2007), em outro trabalho investigativo, notaram que os

31 Disponível em: http://www.stopmandatoryvaccination.com. Acesso em: 8 nov. 2018.

pais se ocupam de mostrar que tais fontes são “especialmente confiáveis”, sobretudo quando se referem à vacina tríplice viral MMR (contra sarampo, caxumba e rubéola, do inglês *measles, mumps, and rubella*) que, conforme tais fontes, pode ocasionar o aparecimento de autismo em seus filhos.

A transição da imagem do “cientista maluco” para o “cientista humano” tem sido trabalhada pela mídia. Um bom exemplo de como a ficção tratou com verossimilhança o cotidiano de um cientista pode ser encontrado no filme *Contágio* (2005): a revista de língua inglesa *New Scientist* aprovou o filme por sua fidelidade em retratar a rotina de tentativas e erros de um cientista, especialmente em mostrar todos os passos críticos para a criação de uma vacina segura e eficaz para combater a epidemia do vírus fictício retratado no longa-metragem, humanizando, desse modo, o personagem por entremear sua rotina científica com dramas pessoais e, por fim, mostrando o papel proeminente do cientista em beneficiar a população.

Em face da grande heterogeneidade da população em relação ao entendimento da linguagem científica e da reticência em relação aos profissionais da saúde por parte de alguns grupos, qual seria, pois, o caminho apropriado para combater a mentalidade antivacinação e desconstruir por completo o estereótipo do “cientista maluco”? Aplicar uma linguagem científica acessível e propiciar um entendimento real de como as vacinas funcionam? Se sim, qual seria o teor adequado de tecnicalidades? Ou adequar o discurso, se munindo de uma abordagem menos científica e mais fundamentada em consequências, mostrando, com isso, os malefícios de uma infecção que poderia facilmente ser combatida pela vacinação?

A curva crescente dos movimentos contrários à vacinação tem preocupado o Ministério da Saúde, uma vez que foi observada

uma queda na procura de algumas vacinas no Sistema Único de Saúde (SUS). É imperativo que a comunidade científica consiga melhorar esses índices de cobertura vacinal para evitar a ressurgência de muitas doenças infectocontagiosas. A luta contra a estereotipização continua.

Entendendo as vacinas: como aplicar a linguagem para uma população leiga?

As vacinas são preparações biológicas que constituem uma das mais importantes medidas profiláticas para proteger uma população contra infecções, prevenindo cerca de 26 doenças infecciosas e cerca de 2,5 milhões de mortes por ano (OMS, 2018). O princípio de uma vacina é, pois, preconizado pelo dito popular “é melhor prevenir do que remediar”, ou seja, estimular o nosso sistema de defesa, chamado de sistema imunológico, para que ele possa nos defender de maneira eficiente contra patógenos, evitando, assim, uma eventual infecção. Existem várias células (imunidade celular) e fatores solúveis no sangue (imunidade humoral) que atuam de maneira coordenada para neutralizar partículas estranhas ao nosso organismo. A ideia geral da vacinação é, portanto, mimetizar a infecção por meio de componentes inócuos do patógeno ou, ainda, usar uma versão atenuada ou inativada do mesmo. Nesse sentido, o nosso sistema imunológico é ensinado a reconhecer de maneira mais rápida e eficiente o patógeno na circunstância de uma infecção natural por meio de uma imunidade de memória.

Ademais, outro conceito muito importante é o de imunidade de grupo ou efeito rebanho; esse efeito se refere aos benefícios estendidos àquelas pessoas que não são vacinadas, uma vez que evita a circulação de patógenos em uma população por conta das pessoas vacinadas, as quais funcionam como uma barreira.

O conhecimento e entendimento do conceito de imunidade de grupo são cruciais para se evitar conclusões errôneas como, por exemplo, “nunca fui vacinado e nunca contrai tal doença”.

O uso de termos técnicos e linguagem científica, na maioria dos casos, corroboram, talvez, para um distanciamento dessa prática de vacinação e, com isso, produzem uma certa estranheza por parte do público em geral que, ao não compreender exatamente o princípio básico das vacinas, peca em optar pela comodidade de acreditar em notícias falsas que circulam em redes sociais, que normalmente são restritas às frases curtas, de impacto. Dessa forma, faz-se alarde sobre os “malefícios” da vacinação, modelando, muitas vezes, o estereótipo de “cientista maluco” desprovido de emoções, isto é, o desumanizado.

Entretanto, a repulsa à linguagem científica, ou pelo menos ao produto final da mesma, não se aplica quando esta pode ser usada para fundamentar um preconceito arraigado em um grupo de indivíduos antivacinação. Embora existam incontáveis artigos científicos que provam a eficácia das vacinas e dados que mostram a redução drástica da incidência de doenças infecciosas após a introdução de rotinas de vacinação, sempre há um artigo científico que se destaca, como o carro chefe, a raiz científica, tomado de argumento pelo grupo antivacinação: *Ileal-lymphoid-nodular hyperplasia, non-specific colitis, and pervasive developmental disorder in children* (WAKEFIELD *et al*., 1998). Nesse trabalho, publicado em 1998 pela revista *Lancet*, o pesquisador Andrew Wakefield, juntamente com outros membros da Escola de Medicina de Londres, apresentou uma pesquisa preliminar mostrando uma relação causal entre o desenvolvimento de comportamentos autistas e inflamações intestinais e a administração da vacina MMR em 12 crianças. Após a circulação desse artigo, os índices de vacinação declinaram de maneira galopante no Reino Unido e, consequentemente, no mundo todo.

Foi, então, que o jornalista investigativo Brian Deer, após entrevistar alguns pais das crianças retratadas no artigo supracitado, observou certas incongruências em relação aos dados apresentados, além do surgimento de um claro conflito de interesse por parte de Wakefield: foi descoberto que pouco antes da sua publicação, ele havia depositado um pedido de patente para uma vacina que concorreria diretamente com a MMR. Em 2010, o Conselho Geral de Medicina do Reino Unido considerou Wakefield "inapto para exercer sua profissão", por conta de seu comportamento "antiético e enganoso", sendo que a própria revista *Lancet* oficialmente se retratou por conta de conclusões "completamente falsas" (Figura 2)[32].

EARLY REPORT

Early report

Ileal-lymphoid-nodular hyperplasia, non-specific colitis, and pervasive developmental disorder in children

A J Wakefield, S H Murch, A Anthony, J Linnell, D M Casson, M Malik, M Berelowitz, A P Dhillon, M A Thomson, P Harvey, A Valentine, S E Davies, J A Walker-Smith

Summary

Background We investigated a consecutive series of children with chronic enterocolitis and regressive developmental disorder.

Methods 12 children (mean age 6 years (range 3–10), 11 boys) were referred to a paediatric gastroenterology unit with a history of normal development followed by loss of acquired skills, including language, together with diarrhoea and abdominal pain. Children underwent gastroenterological, neurological, and developmental assessment and review of developmental records. Ileocolonoscopy and biopsy sampling, magnetic resonance imaging (MRI), electroencephalography (EEG), and lumbar puncture were done under sedation. Barium follow through radiography was done where possible. Biochemical, haematological, and immunological profiles were examined.

Findings Onset of behavioural symptoms was associated by the parents, with measles, mumps, and rubella vaccination in eight of the 12 children, with measles infection in one child, and otitis media in one. All 12 children had intestinal abnormalities, ranging from lymphoid nodular hyperplasia to lymphoid ulceration. Histology showed patchy chronic inflammation in 11 children and reactive lymphoid hyperplasia in seven, but no granulomas. Behavioural disorders included autism (nine), disintegrative psychosis (one), and possible postviral or vaccinal encephalitis (one). There were no focal neurological abnormalities and MRI and EEG tests were normal. Ataxia and laboratory results were significantly raised urinary methylmalonic acid compared with age-matched controls ($p<0.003$), low haemoglobin in four children, and low serum IgA in five children.

Interpretation We identified associated gastrointestinal disease and developmental regression in a group of previously normal children, which was generally associated in time with possible environmental triggers.

Lancet 1998; **351:** 637–41
See Commentary page

Inflammatory Bowel Disease Study Group, University Departments of Medicine and Histopathology (A J Wakefield FRCS, A Anthony MB, J Linnell PhD, A P Dhillon MRCPath, S E Davies MRCPath) **and the University Departments of Paediatric Gastroenterology** (S H Murch MB, D M Casson MRCP, M Malik MRCP,

Introduction

We saw several children who, after a period of apparent normality, lost acquired skills, including communication. They all had gastrointestinal symptoms, including abdominal pain, diarrhoea, and vomiting and, in some cases, food intolerance. We describe the clinical findings, and gastrointestinal features of these children.

Patients and methods

12 children, consecutively referred to the department of paediatric gastroenterology with a history of a pervasive developmental disorder with loss of acquired skills and intestinal symptoms, including abdominal pain, bloating and food intolerance, were investigated. All children were admitted to the ward for 1 week, accompanied by their parents.

Clinical investigations

We took histories, including details of immunisations and exposure to infectious diseases, and assessed the children. In 11 cases the history was obtained by the senior clinician (JW-S). Neurological and psychiatric assessments were done by consultant staff (PH, MB) with HMS-4 criteria.[7] Developmental assessment included a review of prospective developmental records from parents, health visitors, and general practitioners. Four children did not undergo psychiatric assessment in hospital; all had been assessed professionally elsewhere, so these assessments were used as the basis for their behavioural diagnosis.

After bowel preparation, ileocolonoscopy was performed by SHM or MAT under sedation with midazolam and pethidine. Paired frozen and formalin-fixed mucosal biopsy samples were taken from the terminal ileum, ascending, transverse, descending, and sigmoid colons, and from the rectum. The procedure was recorded by video or still images, and were compared with images of the previous seven consecutive paediatric colonoscopies (four normal colonoscopies and three on children with ulcerative colitis), in which the physician reported normal appearances in the terminal ileum. Barium follow through radiography was possible in some cases.

Also under sedation, cerebral magnetic-resonance imaging (MRI), electroencephalography (EEG) including visual, brain stem auditory, and somatosensory evoked potentials (where compliance made these possible), and lumbar puncture were done.

Laboratory investigations

Thyroid function, serum long-chain fatty acids, and cerebrospinal-fluid lactate were measured to exclude known causes of childhood neurodegenerative disease. Urinary methylmalonic acid was measured in random urine samples from eight of the 12 children and 14 age-matched and sex-matched normal controls, by a modification of a technique described previously.[8] Chromatograms were scanned digitally on computer, to analyse the methylmalonic acid zones from cases and controls. Urinary methylmalonic-acid concentrations in

RETRACTED

Figura 2 – Página inicial do artigo contendo a informação de retratação da revista *Lancet.* A retratação foi realizada em 2010, 12 anos após a publicação do artigo original

32 Maiores informações sobre os eventos que levaram Brian Deer a elucidar tal farsa estão disponíveis em: https://briandeer.com/mmr/lancet-summary. Acesso em: 8 nov. 2018. Retratação disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20137807. Acesso em: 10 nov. 2018.

Embora esse artigo de Wakefield já tenha sido refutado e comprovadamente não exista qualquer relação entre vacinação e autismo, ele ainda é usado para impulsionar o discurso contrário à vacinação em uma espécie de afronte da comunidade não científica aos cientistas. Estudos recentes mostraram que mulheres e pais de elevada escolaridade e *status* são os principais expoentes do movimento antivacina, sendo mais propensos a duvidarem da segurança/eficácia dos usos das vacinas e, logo, atrasam ou evitam que seus filhos sejam vacinados (FREED *et al.*, 2010). Esse público, que em teoria apresenta maior escolaridade e consequentemente teria um melhor entendimento da linguagem científica, continua recalcitrante às informações científicas que legitimam a segurança da prática da vacinação. Isso mostra que o discurso precisa ser adaptado para causar o impacto correto nesse grupo, o qual constitui um epicentro extremamente perigoso do movimento antivacina, em virtude de sua crença inabalável nos malefícios da vacina associada ao grau de escolaridade e/ou *status* social.

É inevitável não lançar mão da linguagem e de métodos científicos para explicar a não cientistas todos os pontos que comprovam a fraude do artigo refutado; ironicamente, ao fazê-lo, a repulsa ao discurso científico novamente se aflora. Há, portanto, um acolhimento extremamente seletivo do discurso científico de maneira a fundamentar, exclusivamente, um preconceito e, com isso, demonizar o uso de vacinas. É tudo uma questão de conveniência; cabe a nós, comunidade científica, entender o cerne do movimento antivacinação, suas motivações e o discurso utilizado para angariar novos adeptos que, indubitavelmente, possuem elevado poder de viralização. Assim, podemos adaptar as informações a fim de causar o impacto correto na população e aumentar a aceitabilidade dessa prática de saúde, possibilitando a quebra de certos estereótipos cristalizados e historicamente arraigados.

A abordagem do movimento antivacina

As ciências comportamentais se fundamentam na multidisciplinaridade e tentam, por meio de métodos científicos rigorosos e análises sistemáticas, predizer e extrapolar comportamentos humanos no que tange à sociedade. No curso da história, comportamentos tradicionais eram impulsionados por aprendizados individuais e sociais e embasados em fontes confiáveis de informações (BENTLEY; O'BRIEN; BROCK, 2014). Porém, no contexto de um mundo cada vez mais conectado e gerador de *big data*, fenômenos sociais podem nascer e se disseminar em velocidades alarmantes e de maneiras imprevisíveis.

Assim, muitas pesquisas na área de evolução cultural apontam que a maneira como uma informação é passada e perpetuada depende bastante do tipo de informação (JIMÉNEZ; STUBBERSFIELD; TEHRANI, 2018). Nesse sentido, muitos estudos têm evidenciado uma vantagem na disseminação de informações negativas e de cunho emotivo (ERIKSSON; COULTAS, 2014; BEBBINGTON *et al*., 2017).

Jiménez, Stubbersfield e Tehrani (2018) realizaram um experimento que infere de que maneira informações controversas sobre uma vacina fictícia, partindo de diferentes fontes, influenciavam a atitude em relação à vacinação, fornecendo, assim, conclusões valiosas para se abordar em futuras campanhas. Sumariamente, os autores empregaram o método de transmissão linear da informação, no qual uma pessoa recebe um conteúdo para que possa ser passado a uma segunda, terceira pessoa, por exemplo, nesta ordem. Por meio disso, pode-se aferir indicadores quantitativos e qualitativos da passagem da informação (MESOUDI, 2009).

Com efeito, nesse trabalho, Jiménez, Stubbersfield e Tehrani (2018) geraram duas informações contrastantes (anti e pró-vacinação) a respeito de uma vacina fictícia, as quais foram fornecidas por um médico (perspectiva científica) e por um pai (perspectiva baseada em experiências pessoais), de maneira cruzada, ou seja, ora o médico adotava uma postura pró-vacinação e ora anti. Diante dos fatos observados, eles concluíram que a informação passada pela perspectiva do pai foi a melhor transmitida pela cadeia de participantes por conta de seu viés emocional, sugerindo, pois, que a melhor estratégia a ser adotada pelas políticas públicas e pelas campanhas de vacinação possa ser a adoção de abordagens que foquem experiências pessoais enfatizando as consequências negativas da não-vacinação.

Efetivamente, esse viés de informações pessoais e negativas é o principal propulsor das mensagens do movimento antivacina (BEAN, 2011), sobremaneira com a disseminação de notícias falsas. No âmbito de um mundo conectado em redes sociais, da “tecnologização”, a disseminação de informações tendenciosas ou falsas (as chamadas *Fake News*) atinge índices alarmantes: em um outro trabalho proposto por Keelan *et al.* (2007) foi observado que cerca de um terço de todos os vídeos do YouTube analisados que tratavam de imunização traziam mensagens negativas e, com isso, apresentavam, em média, mais visualizações do que aqueles vídeos pró-vacina. Salienta-se, nesse momento, que aproximadamente metade dos vídeos negativos continham informações contraditórias às informações de referência científica.

No Brasil, o cerne do movimento antivacinação reside em grupos impulsionados por meio de páginas no Facebook que divulgam, sem base ou rigor científico, os efeitos colaterais das vacinas, sempre atrelado a um obscurantismo e/ou teorias da

conspiração. Grupos como *O Lado Obscuro das Vacinas* (12 mil membros) e *VACINAS: O maior crime da História* (2,4 mil) publicam diariamente conteúdo de fontes duvidosas, não científicas, sempre focando casos de morte ou efeitos colaterais semanas após a administração de uma vacina; mães compartilham experiências de como "driblar" escolas que solicitam as carteiras de vacinação para a matrícula das crianças e, também, pedem dicas médicas a esse grupo de não cientistas, ficando, desse modo, bastante evidente a esse nicho a permanência do estereótipo do "cientista maluco", o vilão.

A Figura 3 traz um exemplo de teor conspiratório que circula em tais grupos digitais. No referido vídeo[33], as vacinas são tratadas como uma arma para matar milhões de brasileiros e reduzir a população mundial, pois "matam as pessoas lentamente", "reduzem fertilidade" e "aumentam a taxa de mortalidade em uma pandemia". Nota-se, assim, que um dos objetivos do vídeo é a produção do estereótipo negativo da vacina, despertando a dúvida e o medo nos seus interlocutores.

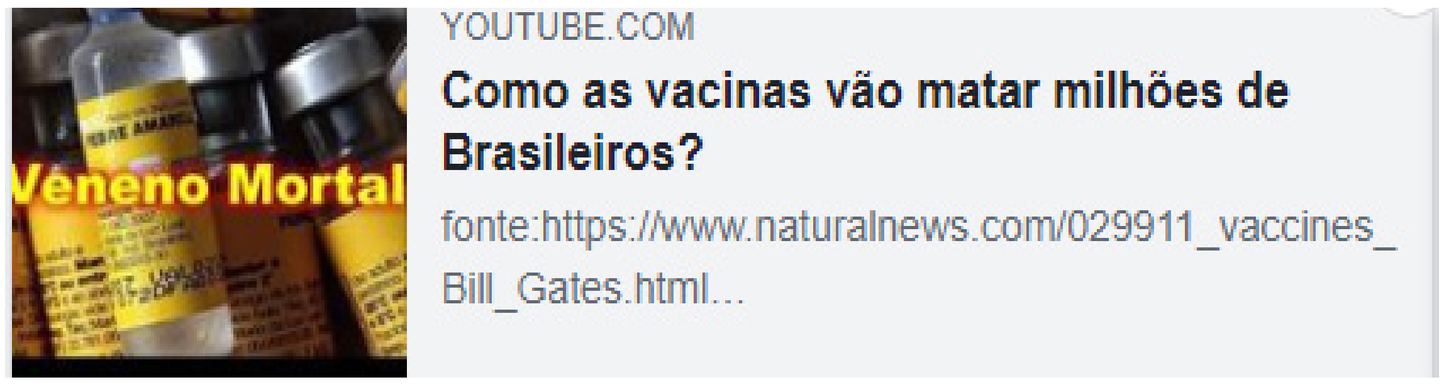


Figura 3 – Vídeo vinculado ao YouTube trazendo "fatos" obscuros sobre as vacinas

Mesmo contendo certas conceituações e incongruências teóricas, além de inverdades científicas, uma coisa é indiscutível: a abordagem alarmista e focada em sentimentos, principalmente o medo e o arrependimento ("meu filho desenvolveu autismo

33 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hmLtq6ykcz4. Acesso em: 8 nov. 2018.

por eu tê-lo vacinado!") causa bastante impacto nos seus interlocutores e tem, com isso, contribuído para a disseminação em massa, reverberando e estigmatizando tal estereótipo pré-construído e cristalizado socialmente.

Como aplicar a abordagem do discurso do movimento antivacina a favor da vacinação?

O *slogan* adotado pelo Ministério da Saúde para a campanha de vacinação é *Dor, sofrimento, sequelas e morte: contra o arrependimento não existe vacina*. No *site* oficial da campanha[34], o *slogan* é ladeado por uma transição de imagens de pessoas acometidas por diferentes doenças que seriam facilmente cometidas pela vacinação. Com isso, pode-se notar a abordagem de trazer mensagens que focam nos efeitos negativos, no caso da não-vacinação, destacando no texto o arrependimento em virtude de sequelas, além de mostrar uma criança (dentre outras retratadas no *site*) com um semblante triste por conta de seus sintomas (Figura 4), influenciando o emocional dos pais.

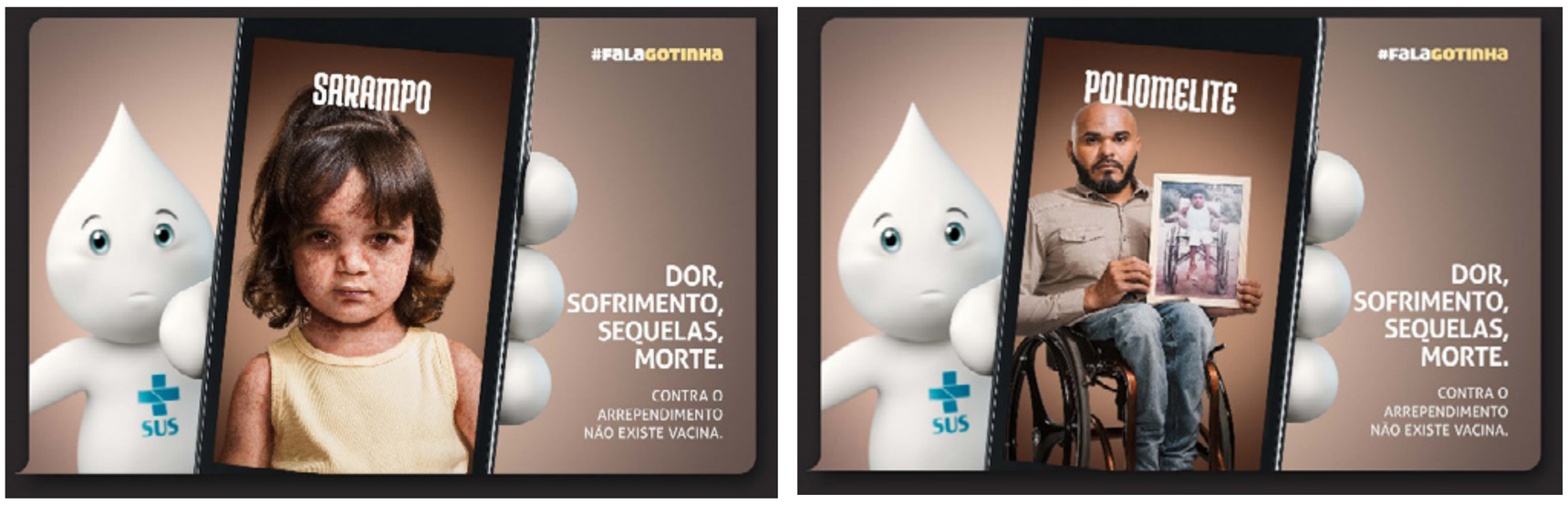


Figura 4 – Imagens da campanha de vacinação do Ministério da Saúde trazendo imagens mostrando as consequências de várias doenças que poderiam facilmente ser combatidas por práticas de vacinação[35]

---

34 Disponível em: http://portalarquivos.saude.gov.br/campanhas/vacinacaogeral/. Acesso em: 8 nov. 2018.

35 Idem.

Nas redes sociais do Ministério da Saúde, é possível, também, encontrar a circulação de imagens como a retratada na Figura 5[36]. Embora estas não apresentem a mensagem que propaga certas consequências negativas, mais uma vez é possível encontrar o apelo emocional, enfatizado por meio do bordão *Proteja quem você ama*, acoplado a uma estratégia, típica das novas mídias digitais, de viralização da mensagem ao sugerir a marcação de outros sujeitos nos comentários.

Figura 5 – O mascote da campanha de vacinação, o Gotinha, fazendo o popular gesto do "coração" para incentivar a vacinação da população

O Ministério da Saúde, por meio da iniciativa da Campanha Nacional de Vacinação de Rotina, tem vinculado alguns vídeos curtos para causar o impacto pró-vacinação. Os vídeos podem ser encontrados em várias redes sociais, no próprio *site* oficial do Ministério, sendo, inclusive, exibido em salas de cinema. O recorte do vídeo a seguir (Figura 6) se inicia com várias cenas de pessoas realizando tarefas cotidianas, como correr, andar

36 Disponível em: https://www.instagram.com/p/BpaSdXLHnUM/. Acesso em: 8 nov. 2018.

na praia, ir às compras e passear com um filho; o objetivo é, pois, produzir uma certa aproximação com o seu interlocutor. Sobre cada cena há a sobreposição do rosto de uma senhora – alternado nas cenas seguintes –, revelando que a mesma está imóvel em uma cama. Essa abordagem, mais uma vez, utiliza, como estratégia de persuasão, o viés emocional por meio do conteúdo impactante de histórias reais; ao final, destaca-se o seguinte *slogan*: *contra o arrependimento não existe vacina*. Nota-se, portanto, que os emissores da mensagem são pessoas comuns que sofrem com as consequências e não profissionais da saúde.

Figura 6 – Excertos do vídeo da campanha de vacinação vinculado a várias mídias

Mesmo com as mensagens focadas em apelos emocionais, a vertente científica ainda está bastante presente; no *site* da Ministério da Saúde, juntamente com as imagens supramencionadas, existem tópicos explicando a importância das vacinas, como elas funcionam e apresentando o contexto de que elas são seguras. Inclusive, existe um subtópico no *site* intitulado "*Com saúde não se brinca. Diga 'não' às fake news!*",

no qual são dispostas em uma tabela as notícias falsas mais recorrentes e, ao lado das mesmas, a explicação científica do porquê da inverdade das asserções. Também há algumas informações sobre possíveis efeitos adversos temporários, como no excerto abaixo, mostrando o direcionamento dos profissionais da saúde em apresentar uma transparência completa em relação às vacinas. Vejamos:

> *Eventuais reações, como febre e dor local, podem ocorrer após a aplicação de uma vacina, mas os benefícios da imunização são muito maiores que os riscos dessas reações temporárias.*
>
> Ministério da Saúde

Considerações finais

A crescente recusa às vacinas tem refletido em menores taxas de cobertura vacinal, o que pode propiciar o ressurgimento de doenças infecciosas já erradicadas no Brasil. Embora a desconstrução do estereótipo de "cientista maluco" – retratado, muitas vezes, como frio – esteja paulatinamente ocorrendo, ela ainda surte efeitos a longo prazo. Uma abordagem mais imediatista e bastante efetiva tem sido a adoção de discursos até então aplicados empiricamente pelo grupo antivacinação: o uso de mensagens curtas atreladas a um viés emocional e focado em consequências negativas. Nesse caminho, o Ministério da Saúde tem vinculado, em seu *site* e redes sociais oficiais, imagens e vídeos de pessoas, em especial, crianças, afetadas pela não-vacinação, apelando a sentimentos de medo, pelos efeitos e causas prejudiciais do não uso das vacinas, com o objetivo de incentivar cada vez mais a prática da vacinação. Vemos, na atualidade, melhor disseminação e impacto desse tipo de

abordagem, cabendo à comunidade científica dar continuidade a esses discursos, cuja função é tornar-se cada vez mais aberta à linguagem popular, permitindo uma transparência de informações ao público não científico, por exemplo. Tais práticas, discursivas ou não, promovem a disseminação do conhecimento científico, questionam certos estigmas sociais e erradicam certos movimentos antivacinação e doenças infecciosas.

Referências

BEAN, S. J. Emerging and continuing trends in vaccine opposition website content. **Vaccine**, v. 29, n. 10, p. 1874-1880, feb. 2011. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21238571. Acesso em: 10 nov. 2018.

BEBBINGTON, K.; MACLEOD, C.; ELLISON, T. M.; FAYA, N. The sky is falling: evidence of a negativity bias in the social transmission of information. **Evol. Hum. Behav.**, v. 38, n. 1, p. 92-101, 2017.

BENTLEY, R. A.; O'BRIEN, M. J.; BROCK, W. A. Mapping collective behavior in the big-data era. **Behav Brain Sci**, v. 37, n. 1, p. 63-76, feb. 2014. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24572217. Acesso em: 10 nov. 2018.

ERIKSSON, K.; COULTAS, J. C. Corpses, maggots, poodles and rats: emotional selection operating in three phases of cultural transmission of urban legends **J. Cognit. Cult**., v. 14, n. 1-2, p. 1-26, 2014.

FREED, G. L.; CLARK, S. J.; BUTCHART, A. T.; SINGER, D. C.; DAVIS, M. M. Parental vaccine safety concerns in 2009. **Pediatrics**, v. 125, n. 4, p. 654-659, apr. 2010. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20194286. Acesso em: 10 nov. 2018.

FREED, G. L.; CLARK, S. J.; BUTCHART, A. T.; SINGER, D. C.; DAVIS, M. M. Sources and perceived credibility of vaccine-safety information for parents. **Pediatrics**, v. 127, suppl. 1, p. S107-112, may. 2011. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21502236. Acesso em: 10 nov. 2018.

HAYNES, R. D. Whatever happened to the 'mad, bad' scientist? Overturning the stereotype. **Public Underst Sci**, v. 25, n. 1, p. 31-44, jan. 2016. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24916194. Acesso em: 10 nov. 2018.

HILTON, S.; PETTICREW, M.; HUNT, K. Parents' champions vs. vested interests: who do parents believe about MMR? A qualitative study. **BMC Public Health**, v. 7, p. 42, mar. 2007. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17391507. Acesso em: 10 nov. 2018.

JIMÉNEZ, Á.; STUBBERSFIELD, J. M.; TEHRANI, J. J. An experimental investigation into the transmission of antivax attitudes using a fictional health controversy. **Soc. Sci. Med.**, v. 215, p. 23-27, oct. 2018. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/30199743. Acesso em: 10 nov. 2018.

KEELAN, J.; PAVRI-GARCIA, V.; TOMLINSON, G.; WILSON, K. YouTube as a source of information on immunization: a content analysis. **JAMA,** v. 298, n. 21, p. 2482-4, dec. 2007. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18056901. Acesso em: 10 nov. 2018.

MESOUDI, A. How cultural evolutionary theory can inform social psychology and vice versa. **Psychol Rev.**, v. 116, n. 4, p. 929-52, oct. 2009. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19839691. Acesso em: 10 nov. 2018.

OMS, Organização Mundial da Saúde, 2018. Vacinas e Doenças. Disponível em: https://www.who.int/immunization/diseases/en/. Acesso em: 10 nov. 2018.

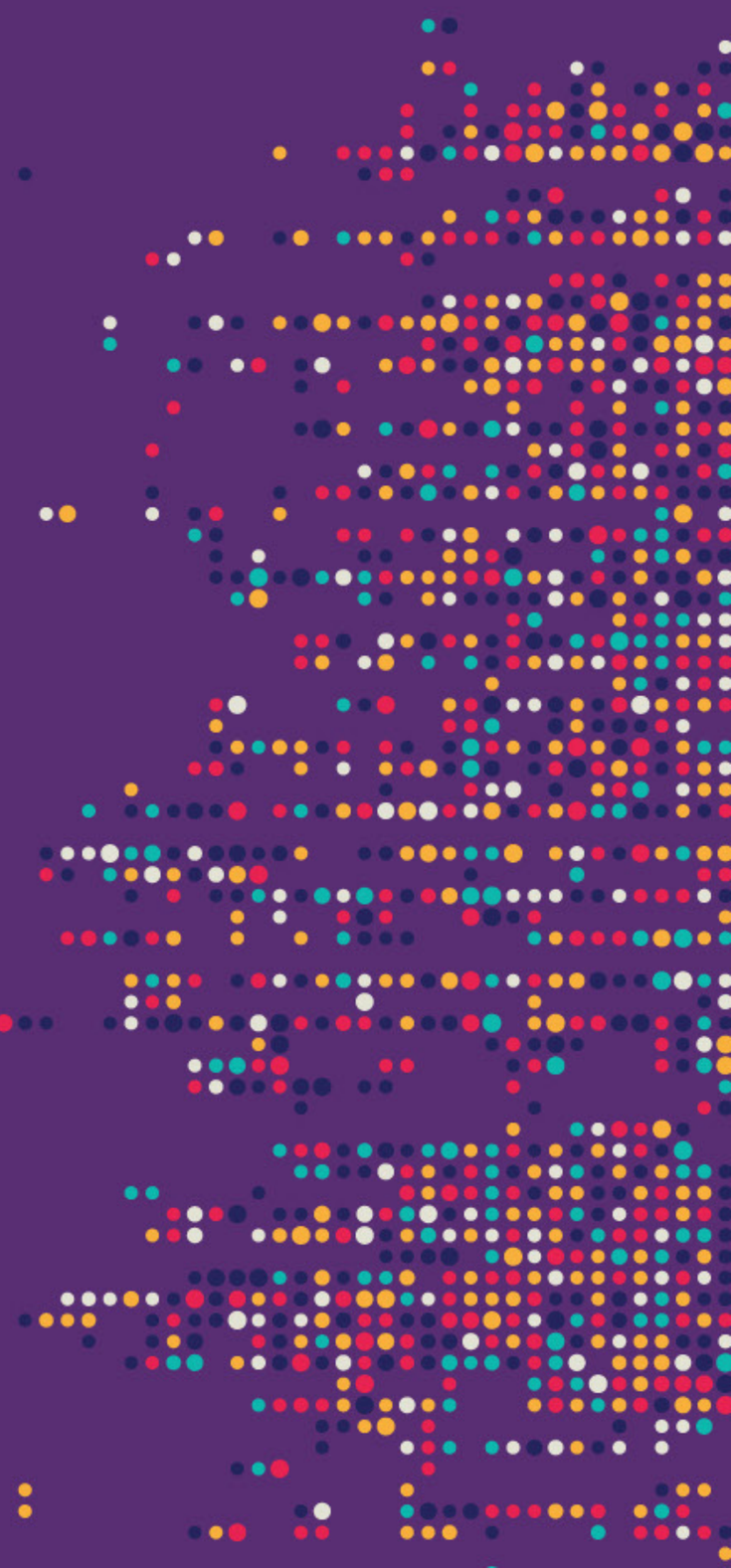
STUBBERFIELD, J. M.; TEHRANI, J.; FLYNN, E. G. Cognitive evolution and the transmission of popular narratives: a literature review and application to urban legends. **Evol. Stud. Imagin. Cult**., v. 1, p. 121-135, 2017.

TUDOR, A. **Monsters and Mad Scientists:** A Cultural History of the Horror Movie. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 17-47.

WAKEFIELD, A. J.; MURCH, S. H.; ANTHONY, A.; LINNELL, J.; CASSON, D. M.; MALIK, M.; BERELOWITZ, M.; DHILLON, A. P.; THOMSON, M. A.; HARVEY, P.; VALENTINE, A.; DAVIES, S. E.; WALKER-SMITH, J. A. Ileal-lymphoid-nodular hyperplasia, non-specific colitis, and pervasive developmental disorder in children. **Lancet**, v. 351, n. 9103, p. 637-641, 02 1998. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9500320. Acesso em: 10 nov. 2018.

O estigma do ‹não-trabalho› na produção musical: o caso dos DJs de São Paulo

Marcos Roberto Mariano Pina



Introdução[37]

As ocupações musicais quase sempre se localizam no polo oposto aos modelos tradicionais de organização do trabalho, pautados na relação de assalariamento e de subordinação, pressupondo um conjunto de qualidades especiais dos trabalhadores. São atividades que, ao menos no nível das representações sociais, estão próximas ao ideal do trabalho artesanal, em outras palavras, das funções carregadas de conteúdo expressivo, em que os resultados finais dos esforços trazem consigo aspectos da própria identidade dos trabalhadores (MENGER, 2002). As obras criadas refletem conteúdos subjetivos específicos.

Essas atividades são marcadas pela informalidade e pela ausência de delimitação rígida do tempo de trabalho, organizados aos moldes dos empregos por conta própria. Tais características alocaram durante muito tempo as ocupações musicais no campo semântico da precariedade, dos vínculos instáveis, distantes das carreiras duradouras. A contrapartida aparece na satisfação da expectativa de liberdade criativa, que ressignifica estes engajamentos instáveis como oportunidades de inserção vantajosas, em que as consequências da informalidade são atenuadas por meio de uma administração funcional das incertezas.

Depois do processo de ‹ flexibilização › das relações de trabalho e produção, ocorrido no fim da década de 1970, propagou-se um modelo diferente de trabalhador, valorizando as iniciativas de adaptabilidade, criatividade, inventividade, dinamismo e polivalência, afastadas do modelo anterior do

---

37 Este trabalho teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo número 2014/08098-2.

fordismo-keynesianismo[38]. Os engajamentos que correspondem melhor às demandas flexíveis são aqueles organizados em projetos sucessivos de curta duração, que atendem aos limites encurtados de tempo da produção flexível, garantindo uma rotatividade enriquecedora na perspectiva das experiências individuais (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009).

As chamadas ‹ carreiras sem fronteiras › se tornam protagonistas, englobando as atividades nas quais os vínculos entre indivíduos e organizações são enfraquecidos, em favor da mobilidade permanente (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011). Este modelo de contratação culmina no acirramento da imposição pela diferenciação nos ambientes de trabalho e da competitividade. A queda no número dos ‹ contratos por tempo indeterminado › acompanha uma mudança de posição dos discursos em relação aos vínculos empregatícios longos, classificados como contraproducentes e algo limitadores.

No presente texto, analiso as relações de trabalho dos DJs – Disc Jockeys – da cidade de São Paulo, que ilustram este movimento de ressignificação das ocupações musicais, tratadas não mais na perspectiva das ausências – de regulamentação – mas como exemplos valorizados de inserção econômica. O eixo principal de orientação da discussão são os valores que impactam o processo de identificação dos DJs como trabalhadores, levando em consideração os estigmas do não-trabalho associados ao ambiente das festas onde apresentam os resultados das produções musicais, voltadas ao lazer do público.

---

382 O modelo fordista-keynesiano (HARVEY, 2008) representa um período de organização das relações de trabalho e produção que foi marcado pela fixidez dos contratos de trabalho assalariados, vinculados aos direitos sociais, que perdurou nos países industrializados da Europa e nos EUA, sobretudo, entre as décadas de 1950 e 1970.

Os DJs são artistas autônomos responsáveis pela produção de músicas através de processos eletrônicos de intervenção de áudio, que podem ser inéditas ou resultantes de manipulações em músicas existentes por meio da inserção de efeitos nas bases originais. As músicas produzidas são apresentadas em festas itinerantes para as quais os DJs são convidados como atrações temporárias, estipulando uma rotatividade de engajamentos. Os DJs precisam negociar convites com contratantes em um intervalo semanal, convivendo com as consequências da imprevisibilidade e da ausência de garantias formais.

Os métodos de intervenção de áudio realizados podem ser resumidos como: acelerações e desacelerações das linhas rítmicas, recortes e colagens de trechos selecionados, inserção de efeitos que descaracterizam os padrões de tempo originais das músicas usadas como base (CONTADOR; FERREIRA, 1997). Os resultados da modificação são planejados segundo expectativas que, em muitos casos, extrapolam as aspirações iniciais dos DJs, adequando-as conforme os recursos materiais disponíveis no momento. As músicas serão aceitas apenas se forem inteligíveis para os diferentes públicos.

O interesse de ingresso prevê uma disposição para enfrentar as consequências negativas da imprecisão estatutária, para conviver com as dificuldades cotidianas da ausência de regulação, demonstrando, assim, afinidade com os valores de cada estilo musical. A dedicação exclusiva pressupõe um esforço de afastamento em relação aos estímulos comuns das festas, ressignificando esses espaços em uma perspectiva objetiva, com base na ética de controle do tempo e adiamento das satisfações em favor da performance musical, atendendo, pois, a um conjunto de parâmetros tácitos de atuação quando estão se apresentando.

O conceito de ‹ indústrias criativas › representa um movimento de virada analítica nas perspectivas sobre produção musical, reconhecendo os impactos objetivos do setor para economia em geral, articulando discussões sobre as capacidades criativas, mercados de massa e tecnologias midiáticas (HARTLEY, 2005). A característica de instabilidade se torna um dos critérios de atratividade, conforme as próprias notações de tempo de trabalho são reconfiguradas, pensando nos parâmetros da realização na perspectiva dos projetos. O que antes era tratado como precariedade se reveste de sentido positivo como margem de independência.

A metodologia utilizada foi qualitativa, contando com mediação de interlocutores inseridos no mercado das festas em casas de espetáculo de São Paulo. Ao total, foram realizadas 19 entrevistas com DJs oriundos de diferentes contextos, seguindo as indicações de nomes, no sistema conhecido como *Bola de Neve*. A metodologia qualitativa na análise do trabalho aparece como oportunidade promissora para a compreensão das estratégias de sobrevivência que não são verbalizadas, abrindo, dessa forma, caminho para uma observação de sentimentos sutis, desvelados apenas por meio de uma convivência rotineira de fôlego (BUSCATTO, 2008).

As características da organização do trabalho dos DJs

A exigência de desempenho técnico na produção musical depende da capacidade individual, com mais ênfase do que em outros setores de trabalho, pois os músicos supostamente descobrem métodos de inovação com base no ideal do ‹ talento › intransferível. A figura do autodidata se coloca em evidência quando comparada aos modos de formação institucionais,

através de cursos especializados, aqui interpretados como secundários (BUSCATTO, 2004). A instrução por conta própria representa melhor as exigências de dinamismo do trabalho criativo, correspondendo aos parâmetros do saber-fazer inato.

Os DJs vivenciam ainda uma tensão entre as categorias do singular e da moda; da eminência de limitação da autonomia, pois mesmo que as entrevistas confiram uma grande importância para essa autonomia no controle do tempo de trabalho, com frequência são contrariados pela imposição dos não-músicos. Em resposta, os DJs ressaltam uma necessidade de justificar todas as escolhas realizadas na produção musical, justificando as estratégias adotadas como um mecanismo de defesa da independência inventiva, mesmo quando acabam seguindo tendências impostas pelos modismos transitórios do mercado.

Um valor importante que impacta a escolha de ingressos na produção musical repousa na abertura para se tornarem ‹ criadores de tendências ›, fazendo do saber-fazer um meio de vida e de ascensão social. Por meio da aproximação da imagem do trabalho criativo, conferem sentido prático ao conhecimento musical adquirido ao longo das suas trajetórias, não mais como prática de lazer, mas como janela promissora de sustento e afirmação de uma identidade social (FERREIRA, 2017). A chance de se colocar como liderança junto aos grupos sociais de origem corrobora essa imagem positiva do trabalho por conta própria.

A primeira categoria de engajamento dos DJs corresponde aos chamados ‹ residentes › que são aqueles que mantêm uma posição mais ou menos estável de apresentação em um local específico dentro de um intervalo de recorrência negociado com os contratantes. Os ‹ residentes › representam os locais onde atuam como funcionários informais, assumindo responsabilidade por um cronograma quase sempre semanal, ainda que continuem

ancorados apenas em contratos verbais, sem vínculos formais de permanência, mantendo em alguma medida o sentimento de incerteza que faz parte do ambiente da produção musical.

A segunda categoria de engajamento dos DJs representa os chamados ‹ independentes › que são aqueles que não consolidaram de antemão um vínculo de exclusividade, optando pela circulação entre convites esporádicos. A falta dos mesmos níveis de pessoalidade que fazem parte do vínculo dos ‹ residentes › permite que os ‹ independentes › acessem um conjunto destoante de projetos, uma vez que não estão envolvidos nas disputas internas de cada espaço de apresentação, escapando em parte das competições por horários vantajosos e posições de evidência no local, apenas assumindo os convites que conseguem.

No trabalho flexível, as experiências de vida dos trabalhadores, as suas bagagens culturais, por assim dizer, tornam-se atributos de competitividade, demandados como uma forma de ‹ capital humano ›, revendo práticas informais do cotidiano como força produtiva, em oposição ao momento anterior que desprezava indicações da individualidade dos trabalhadores nos processos de trabalho (GORZ, 2005). Parte-se agora de um novo paradigma em que as funções que antes eram observadas como ‹ não-trabalho › são revistas como abertura de aprendizado de habilidades de cooperação e de aprimoramento individual.

Na entrevista do DJ William, fica claro que os ‹ independentes › apaziguam estas impressões negativas da condição flexível mais uma vez deslocando para o campo da iniciativa individual os deveres imediatos pela manutenção da empregabilidade, agora, vinculados com as capacidades de reinvenção de si mesmos. Apesar do papel das redes relacionais, não existem ferramentas eficazes para antecipação das ofertas dos convites, sabendo que os contratantes priorizam uma

rotatividade básica em seus clubes para minimizar os eventuais impactos simbólicos negativos das performances menos empolgantes.

> Isso é relativo, pois primeiro depende do cachê que você recebe, do quanto você consegue levantar em um fim de semana. É claro que você sempre vai querer fazer o máximo de apresentações que você conseguir, por satisfação mesmo. Se eu pudesse eu tocava duas ou três vezes todos os dias, ficando em turnê o mês inteiro. Mas existe uma questão financeira. Você precisa pelo menos fechar uma data por final de semana para conseguir manter ao menos uma rotina rentável. Em geral, você tem as pessoas que querem te ajudar, mas raramente existe uma coisa certa. Para os contratantes não compensa manter um DJ repetido, porque você perde diversidade. Só no caso de quem é residente, que tem um espaço todos os finais de semana, mas fora eles acho que não existe um meio termo. É você que precisa que correr atrás um pouco. Eu estou todos os finais de semana circulando nas festas, mesmo quando eu não vou tocar, para estar no meio. Eu gosto da atividade saber uma coisa que poucas pessoas sabem fazer (William, 2015).

No seu ponto de vista, essa falta de regulação funciona por conta própria como um recurso de seleção do mercado, chamando atenção apenas dos candidatos dispostos ao embate, aqueles que procuram antes de mais nada uma oportunidade para expressão do seu ‹ talento › musical, ainda que estejam distantes dos critérios usuais de organização do trabalho. A possível imposição de respeito estrito aos códigos de conduta internos representaria uma limitação intrusiva na autonomia criativa dos DJs, que constrange as prerrogativas de negociação livre. A independência contempla uma ideia de segurança precária.

As justificativas da aceitação da intermitência passam pelo discurso do gerenciamento da subjetividade como uma marca vendável, que deve ser exposta de forma abrangente e independente, assumindo tarefa alternativa como publicitários de si mesmos, levando para todos os lados portfólios com as suas músicas produzidas, resultantes da inspiração inventiva, nas quais se cristalizam os marcadores da perspicácia. As janelas de tempo livre se tornam brechas funcionais de investimento necessário em *marketing*, mascarando no discurso da auto-gerência um atraso na defesa dos interesses coletivos.

O acesso aos convites mais vantajosos de apresentação depende da facilidade com que os DJs podem transitar entre as diferentes redes relacionais. É no interior de um conjunto mais ou menos coeso de comunicação que circulam as dicas valiosas sobre contratantes. É muito difícil para um DJ novato receber um convite de uma casa de espetáculo conhecida sem que uma terceira parte se responsabilize pela apresentação, defendendo a premissa de capacidade criativa, atestando que o indicado dispõe das habilidades necessárias para cativar o público, justificando aos contratantes os riscos da negociação.

Uma das consequências da dependência das parcerias informais aparece no envolvimento pessoal entre as partes, colocando na equação sentimentos de confiança e reciprocidade que não podem ser ignorados sem gerar consequências objetivas (LIMA; CONSERVA, 2006). A cobrança pela boa demonstração do saber-fazer aumenta, uma vez que os DJs internalizam um entendimento de que agora não é mais apenas a sua reputação que está em jogo, mas a dos colegas que indicaram os seus nomes aos contratantes, assumindo um papel de destaque na intermediação do vínculo, diluindo as exigências de sucesso.

O caso do DJ Paulo ilustra como os elos casuais criados no ambiente das festas são centrais. Foi por meio do contato com um colega que ele aprendeu as técnicas de inserção de efeitos de áudio. Aos 21 anos, recebeu um convite para ingressar como ‹ residente › no Royal Club, localizado na Vila Olímpia. Na negociação do contrato, conseguiu adicionar uma cláusula de indicação, na qual os contratantes assumiam parte da responsabilidade pela exposição do seu nome. É muito importante se manter em evidência, manipulando as suas trajetórias como verdadeiras vitrines, em que expõem como produtos vendáveis o ideal do ‹ talento ›.

> Você precisa ser visto pelo maior número de pessoas, estar bem vestido, estar bem fisicamente, aparecer em festas boas, mostrar que está viajando, mas de forma não apelativa. O trabalho depende 80% das redes sociais. Se você não tem os contatos certos, você não vai para frente. Tem que usar Facebook, Instagram, SoundCloud e YouTube. Eu foco na relação com os contratantes, eles se sentem na obrigação de me colocar em pelo menos duas festas por mês, isso é muito bom. Eu vou lá toda semana encontrar com eles, sou muito bem recebido. Você precisa criar um vínculo com as pessoas que trabalham no lugar, sabe? A diferença é total para continuar na atividade. Eu fechei uma festa para o início do mês no Shopping Light. Eu nem sei quem me indicou. Vai ser uma puta festa enorme, com orçamento lá em cima. Falaram que meu nome foi indicado. O contato é mais importante que o trabalho. O mais difícil é estar presente sempre. Você não tem opção de sumir, voltar e todo mundo lembrar de você (Paulo, 2016).

Os DJs não encontram situações de delegação vertical de cobranças, o que não significa que não existam marcos

regulatórios claros para a sua atuação. As imposições assumem um caráter tácito, como resultantes da articulação das redes relacionais. São expectativas que não constam em códigos de conduta formais, antes, estão pulverizadas na forma de dívidas pessoais de reciprocidade para com os colaboradores próximos. A demanda de confiança está fragmentada nos inúmeros contatos acionados para levantarem convites, uma vez que qualquer falha na retribuição do favor recebido acarreta uma perda significativa.

O processo de identificação dos DJs como trabalhadores costuma mobilizar um conjunto de categorias em disputa, os colocando quase sempre em uma posição fronteiriça entre as imagens do músico autônomo e dos prestadores subordinados, de acordo com os projetos aos quais se vinculam. A primeira consequência aparece na divisão interna entre trajetórias classificadas como ‹ amadoras › e ‹ profissionais ›, que servem de atestado de interesse ou não de inserção no mercado, com impacto direto na maneira como são tratados pelos colegas e pelo público, estabelecendo, assim, limites das marcas artísticas que querem divulgar.

3. O discurso da ‹ profissionalização › como escape ao estigma do ‹ não-trabalho ›

No contexto das sociedades industriais avançadas, os espaços reservados ao entretenimento coletivo representam verdadeiros enclaves de sociabilidade diferenciada, em que os comportamentos que são considerados excitados/emotivos em excesso no decurso das interações cotidianas não são apenas permitidos, como incentivados (ELIAS; DUNNING, 1992). As festas itinerantes nas quais os DJs se apresentam são recortes

de tempo/espaço em que as restrições de conduta habituais são abafadas momentaneamente para fornecer um ambiente ideal de descontração e apreciação das músicas que foram selecionadas.

Desse modo, as festas populares sempre estiveram em oposição direta às cerimônias oficiais do Estado, por meio da imagem do ritual ‹ carnavalesco ›, que são pautadas pelo mimetismo debochado dos eventos equivalentes formais. A linguagem do lúdico guarda uma universalidade quando se liga inseparavelmente ao ‹ baixo material ›, aos ciclos naturais, associados às ideias de renovação social (BAKHTIN, 1987). O lazer não representa de início uma experiência de trabalho válida, em decorrência da centralidade simbólica da expectativa da eficácia produtiva, como medida de sucesso intransponível.

A identificação como DJ ‹ profissional › classifica o esforço criativo não apenas do ponto de vista do cálculo econômico, da troca do trabalho pela remuneração, mas também focando na dimensão simbólica da atividade, em termos de reconhecimento por parte dos colegas e do público. O título de ‹ profissional › serve como uma estratégia de pertencimento, que faz com que, apesar da condição difusa de organização do mercado, exista uma linearidade para essas trajetórias, abrindo oportunidade para que sejam observados como membros de um grupo com interesses definidos e autônomos (DUBAS, 2012).

O estatuto ‹ profissional ›, diferente do interesse casual na atividade – localizado no estatuto do ‹ amador › –, serve como pilar para elaboração de uma solidariedade inicial na produção musical, importante em um circuito marcado pelos vínculos informais e pelas ligações instáveis com as contratantes. A associação aos valores ‹ profissionais › apresenta um aspecto conector para tais experiências de trabalho flexíveis, apontando

como base uma representação da função desempenhada, pensando na relevância do trabalho criativo, junto aos seus grupos sociais de origem. As atividades ‹ profissionais › são definidas como aquelas que são marcadas pelo controle e delimitação de um campo de conhecimento especializado, transmitido por meio de processos de formação técnica institucionalizados, demandando uma forma de credenciamento para exercício legítimo da atividade (FREIDSON, 1998). As ferramentas de controle de acesso aos empregos são ancoradas no poder dos ‹ grupos profissionais ›, que têm capacidade decisória de estabelecer os limites de atuação ‹ profissional ›, assim como o monopólio de transmissão do conhecimento especializado.

No caso dos DJs, esse processo aparece inscrito no esforço cotidiano para delimitar um ‹ tempo de trabalho ›, separando no momento das apresentações os esforços técnicos de inserção de efeitos de áudio nas músicas gravadas, dos demais estímulos aos quais estão sujeitos durante a festa. É preciso notar que o trabalho dos DJs não se encerra nas performances ao vivo, mobilizando tarefas complementares que transbordam para demais aspectos das suas vidas privadas. São demandas de atualização que tomam e colonizam o tempo livre dos DJs, embaçando, ainda mais, os limites do trabalho e do descanso.

Para o DJ Caio, os aspectos da diferenciação entre ‹ profissionais › e ‹ amadores › se apresenta menos nítido quando isolamos as trajetórias individuais. As narrativas apontam que os limites de classificação são burlados com frequência, quando ‹ amadores › realizam funções previstas para os ‹ profissionais › e vice-versa. Do ponto de vista teórico cabe definir até que ponto então essas categorias genéricas informam as reais percepções dos DJs; até que ponto elas podem estar apenas encobrindo estratégias de superação das dificuldades de manutenção de uma posição no mercado das festas.

> No fundo o meu trabalho é a diversão mesmo. Eu vou para balada para tocar, mas não posso deixar de curtir um pouco. Não em todas, porque tem algumas situações em que você fica mais tenso. Mas no geral eu converso com as pessoas que eu conheço no local, se eu não conheço eu vou tentar conhecer, eu vou xavecar as meninas, tudo normal. Mas você precisa desligar das influências isto no instante em que você entra na cabine de som para tocar. Ali dentro você é um artista contratado, com uma responsabilidade clara de realizar o trabalho da forma mais profissional possível. Tem um limite para esta diversão. É por isto que nos últimos tempos prefiro chegar nas festas o mais em cima da hora que eu puder. Eu acho que gera uma diferença, porque quando você chega bem na hora de tocar, você fala com menos pessoas, passa mais rápido e sobe na cabine. Isso faz com que todo mundo vá direto para as pistas de dança (Caio, 2014).

Um fator importante na construção do ideal da ‹ profissionalização › está na categoria nativa que os DJs designam como ‹ giro de convites ›, que representa uma intenção de permanência longa na atividade, por meio do levantamento de um número estável de convites ao longo da semana, uma cadência de ritmo de apresentações, capaz de garantir um nível de previsibilidade de remuneração, que configura um marcador simbólico de pertencimento. O ‹ giro de convites › funciona como um atestado de dedicação exclusiva à produção musical, demonstrando seriedade do DJ em contribuir com o estilo musical ao qual está vinculado.

Com base no ‹ giro de convites ›, pode-se problematizar a positivação inicial do risco e da intermitência, sabendo que ao mesmo tempo em que valorizam a mobilidade desimpedida que os contratos verbais temporários lhes oferecem, precisam

estabelecer uma rotina mais ou menos estável de trabalho para que sejam identificados como DJs ‹ profissionais ›. A constância dos vínculos de apresentação é uma exigência intrínseca, ao menos na demonstração de que conseguem ocupar suas agendas com projetos aos finais de semana, para que não sejam vistos como DJs ‹ aventureiros › sem compromisso com o setor.

O movimento aponta para criação de uma ordem rotineira de trabalho, somada ao esforço de objetificação do ambiente das festas, afastando-se por um momento da imagem do lazer associado normalmente a esses recortes de tempo/espaço. A falha na consolidação do ‹ giro de convites › diminui as chances de acesso ao circuito das trocas de informações estratégicas, na medida em que as trajetórias marcadas pela inconstância demasiada são vistas como posturas de desinteresse, em consequência, sem legitimidade de reivindicações de melhorias no modelo das contratações ou de remunerações negociadas.

Em uma conversa com o DJ Natham, fica claro como essa exigência de continuidade guarda relação com questões referentes à própria identificação dos DJs como trabalhadores, pensando em estratégias para contornar as consequências negativas da informalidade e da ausência de segurança. Ao firmar um ciclo de convites, diminuem os riscos de acomodação em um projeto desvantajoso, interagindo, assim, por meio de diferentes cenários. Ao conquistarem um ‹ giro de convites ›, escapam do drama semanal da busca de oportunidades para levarem as suas músicas ao público, amenizando os impactos subjetivos que tal condição impõe.

Como todo trabalho de *freelancer*, ele é muito desregrado, porque você acaba fazendo os seus próprios horários, você tem essa liberdade. A gente está conversando aqui agora, por exemplo, e daqui a pouco eu estou indo para

> academia. Mas por outro lado recai para nós mesmos essa obrigação de ter que pensar como se prevenir para o futuro, porque não há formalização nenhuma. É você que tem que se preparar e fazer as suas economias, para não se dar mal amanhã, quando você não estiver mais em alta e não ser mais contratado. E daí como é que fica? Com a flexibilidade de horário também é muito fácil de você se acomodar e procrastinar. Você precisa fazer guardar um pé de meia para caso aconteça alguma coisa. O mais importante é tentar pelo menos manter um giro de convites consistente, para trabalhar com uma agenda mais cheia sempre que possível. Na questão dos valores que eu ganho como DJ depende muito, fica em geral entre os R$10.000,00 e os R$15.000,00 ao mês (Natham, 2014).

Quando conseguem manter uma agenda lotada, acessam o sentimento de segurança, ainda que momentâneo, de integração plena ao ‹ grupo profissional ›, de que aproveitam as oportunidades disponíveis, ao mesmo tempo em que pensam em alternativas de precaução para o futuro, partindo do pressuposto de que os limites de permanência como DJs são encurtados. A convivência com os aspectos negativos da intermitência não acontece de forma tão pacífica quanto aparece nas falas iniciais, demandando um nível básico de previsibilidade de futuro, para que realizem planos de vida em médio prazo.

A delimitação do ‹ tempo de trabalho › e do esforço de abstenção dos estímulos das festas demonstra como os valores tradicionais do trabalho encarado como autossacrifício, afastamento dos prazeres em função da produtividade, permanecem válidos, desaguando na contraposição conceitual entre trabalho e lazer, como polos antagônicos. Esse fato é decorrente da produção musical em que as

referências que informam as trajetórias continuam sendo os empregos formais, ao menos no que se refere ao interesse de ‹ profissionalização ›, independente do aspecto positivo da autonomia e da informalidade.

No decorrer das apresentações, os DJs enfrentam situações de imposição subjetiva, quando as emoções particulares não estão de acordo com os ideais de receptividade esperados na construção do ambiente das festas. O esforço que realizam para superar os sentimentos, na tentativa de mostrar uma imagem de alegria permanente, representa uma verdadeira jornada de trabalho adicional, que não entra no cálculo da remuneração. São exigências de adaptação para diminuir as discrepâncias entre os sentimentos reais do DJ e os padrões de comportamento previstos na interação com o público e com os colaboradores.

São imposições sutis, não verbalizadas, porém inescapáveis, pressupondo uma readequação dos quadros emocionais individuais conforme os códigos de conduta das festas, aos moldes de um ‹ trabalho das emoções › como explicado por Hochschild (1983). Trata-se, pois, da administração de aspectos da vida privada dos trabalhadores de maneira funcional às demandas do trabalho, em que os elementos que antes pareciam restritos aos quadros psíquicos invioláveis da intimidade, agora, são submetidos aos critérios de eficiência produtiva, medidos conforme os níveis de influência que têm para empregabilidade.

Os DJs precisam lidar com um conjunto de situações incômodas, como flertes constantes, ou solicitações de repertórios de músicas realizadas pelo público, que são entendidas como intrusões negativas no processo criativo, investidas que burlam os limites firmados do ‹ tempo de trabalho ›, e que precisam ser amenizadas subjetivamente para que os DJs não demonstrem uma certa insatisfação diante de seu público. A quebra da

hierarquia simbólica que existe na relação do artista com os consumidores não deve impactar na construção da marca individual que procuram difundir, para não afetar na imagem como criadores de tendências.

Em uma outra entrevista, com o DJ Jean, é possível encontrar em suas reflexões a preocupação com uma pressão subjetiva, naturalizada como um dado do mercado, um pressuposto para todos os DJs, somada às demais exigências que fazem parte das trajetórias na produção musical. Outro elemento crítico da atividade aparece nas solicitações de mudança de última hora na apresentação, em resposta ao contratante, que mobiliza proximidade relacional para pedir tarefas adicionais como favor, que não foram negociadas no contrato inicial. É comum que precisem atender aos imprevistos das festas, substituindo colegas que faltaram ou emprestando equipamentos.

> Quando você trabalha com música parece que você tem que ir trabalhar feliz o tempo todo, mas nem sempre você se sente assim, às vezes a balada não está boa. Mas o dono confia em você e joga a responsabilidade no seu colo, tendo que manter esse público lá até as seis horas da manhã. Uma vez o cara quase se ajoelhou pedindo pelo amor de Deus, porque ele contratou um DJ estrangeiro que estava acabando com as pistas. Um cliente do camarote que me conhece falou para ele que se eu não tocasse ele iria embora. Eu tive que entrar mais cedo, em vez de tocar duas horas toquei 4 horas. Essas mudanças em cima da hora são horríveis. Você vai preparado para abrir uma noite, quando chega na porta do clube os caras falam que um dos sócios resolveu mudar os horários. Eu jantei mais cedo, tomei banho mais cedo, deixei de fazer um monte de coisa, minha mulher teve que voltar mais cedo para casa, e o cara

> me muda de horário no clube. Mas você tem que engolir sapos porque ele é teu amigo, enfim (DJ Jean, 2016).

As prescrições emocionais não são observadas como problema, mas sim como premissas de personalidade, pré-requisitos que eles devem trazer na bagagem cultural para serem bem-sucedidos. É preciso fomentar um estado de espírito descontraído no público por meio das performances, para influenciar na receptividade das músicas. A impressão de não-músicos aparece como critério último de avaliação do ‹ talento ›, em que todos os investimentos subjetivos acabam sendo justificados com um preço inescapável para serem bem-vistos, para construírem, assim, uma publicidade positiva para as suas marcas individuais em cada estilo musical.

A permanência na atividade depende de um certo nível de disciplina para enfrentar todas as consequências da aleatoriedade dos contratos, como método de preservação da própria saúde, para não se desgastar em excesso. A despeito de serem vistos como trabalhadores aptos para sobreviver a essa rotina intensa de apresentações, os DJs não podem prescindir de períodos de descanso e afastamento. É preciso, pois, lidar com atenção em relação às bebidas e drogas que circulam nas festas, inclusive na tentativa de firmar uma imagem neutra como DJs ‹ profissionais ›, que sabem separar esse ‹ tempo de trabalho ›.

O momento da composição preserva um patamar de autonomia criativa, porém esta é idealizada tendo em vista um determinado recorte de consumo, observando, com isso, todas as capacidades de absorção do mercado. Em outras palavras, os produtos finais não são apenas uma expressão do inconsciente criativo do artista, que não presta contas ao mundo sensível, mas produtos adaptados aos formatos e materiais existentes (BECKER, 2008). O consenso necessário para a elaboração das

intervenções de áudio depende da disposição para equilibrar aspirações individuais com condições objetivas de divulgação.

Os fluxos criativos dos artistas devem parecer razoáveis ao público, mobilizando símbolos e vocabulários comuns. Pode-se dizer que o critério da razão na modernidade esvaziou-se de sentido autônomo, tornando-se uma mera ferramenta de conformação da realidade, de ajustamento da ordem conforme o pensamento e o cálculo utilitário se confundem como uma coisa só (HORKHEIMER, 2015). Mesmo que as músicas sejam observadas pelo senso comum como aberturas para irrupção da subjetividade criativa, elas encontram os seus limites em uma demanda universal de eficiência que acabou internalizada monetariamente.

As festas servem como vitrines para propagarem um determinado estilo de vida ao público, por meio dos gestos, imagens e vocabulários utilizados. São recortes de tempo/espaço, em que o consumo de mercadorias-símbolos pode atestar uma posição social valorizada. Nesse caminho, o consumo assume um papel para além da lógica comercial e do escopo utilitário, servindo como marcador de pertencimento. Os DJs são facilitadores da obtenção desse estatuto, promovendo um ambiente de interação desinibida, incentivando comportamentos específicos nas pistas de dança, reconhecidos por todos os presentes.

As interações que são estabelecidas no contexto das festas guardam uma natureza diversa, que assume um aspecto de provisoriedade, ancorado na partilha de preferências musicais, que perduram por pouco tempo. São próximos ao ideal das chamadas ‹ comunidades guarda-casacos › como são explicadas por Bauman (2008), como os grupos dos quais os indivíduos fazem parte apenas na medida em que acessam os signos

representativos do ambiente, consolidando uma experiência de pertencimento pontual, limitada ao contexto específico de contato, sem garantia de permanência em uma situação diferente.

O consumo realizado no interior das festas, que faz parte do cálculo dos DJs, ganha um novo significado, tendo mais influência como prova de pertencimento e expressão da posição social de prestígio. O acesso às mercadorias-símbolo demonstra que partilham as predileções do grupo, que são apresentadas pelos DJs, por meio das grifes de roupas que usam, das bebidas que consomem, dos acessórios que portam, enfim, incentivando um padrão de consumo específico. São essas as relações que se colocam no espectro do consumo conspícuo, ou seja, um consumo carregado de utilidade honorífica (VEBLEN, 1965).

Considerações finais

A análise realizada ressaltou aspectos envolvidos no processo de identificação dos DJs como trabalhadores, atentando aos esforços para se afastarem do estigma do não-trabalho, que em geral está associado às situações de lazer. No imaginário comum, o lazer desponta como contraposição conceitual ao trabalho, entendido como esforço abnegado, como momento de afastamento do prazer em favor da produtividade. A estratégia para contornar essa representação social passa pelo discurso da ‹ profissionalização ›, do ideal de conduta que demonstra seriedade e comprometimento com um saber-fazer técnico.

Em consonância com as tendências do trabalho artístico-musical, as consequências diretas da informalidade são ressignificadas de maneira positiva, conferindo aos contratos verbais um valor de mobilidade para circularem em outros projetos, somando vínculos e ampliando as remunerações.

Os riscos são percebidos como condições estruturantes do mercado das festas itinerantes, uma espécie de justificativa moral do sucesso que podem obter, quando consolidam uma posição como criadores de tendências. Os esforços se voltam para retirar benefícios da intermitência, ao invés de despender esforços para superá-la.

A delimitação do ‹ tempo de trabalho › funciona como atestado da necessidade de confirmar uma ordem/rotina básica para os projetos aos quais se vinculam, a despeito da rotatividade, para que associem um sentido de trabalho válido aos esforços criativos de inserção de efeitos nas músicas e nas performances diante do público. Para os DJs, a separação entre trabalho e lazer pressupõe uma objetificação do ambiente das festas, delimitando os espaços onde tocam em oposição aos estímulos das drogas e das bebidas alcoólicas. A capacidade de demonstrar isenção serve como marcador de seriedade e dedicação integral.

Além de apontar as consequências da manutenção de uma posição limítrofe entre as imagens do músico autônomo e do prestador subordinado, o caso dos DJs permite uma reflexão acerca das disputas de sentido sobre o trabalho, como uma categoria moral, que prediz uma conduta de vida. A despeito da organização difusa e desregulamentada do mercado, trata-se de uma atividade desejável para muitos grupos, observada como percurso promissor de inserção econômica, capaz de garantir ainda liberdade para expressão criativa e pertencimento social por meio dos grupos consumidores dos diferentes estilos musicais.

Referências

ASSEF, C. **Todo DJ já sambou:** a história do disc-jóquei no Brasil. 3. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BECKER, H. S. **Art worlds.** 25. ed. Berkeley, Los Angeles; London: University of California Press, 2008.

BECKER, H. S. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **RAE:** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-159, 2011.

BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E.; WOOD JR., T. O paradoxo de Mozart: carreiras nas indústrias criativas. **O&S:** Revista Organizações e Sociedade, Salvador, v. 17, n. 53, p. 259-277, 2010.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, P. **Le capital social.** Actes de la Recherche en Sciences Sociales, v. 31, p. 2-3, 1980. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069. Acesso em: 28 jun. 2018.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BUSCATTO, M. L'art et la manière : ethnographies du travail artistique. **Ethnologie Française**, v. 38, n. 1, p. 5-13, 2008. Disponível em: http://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2008-1-page-5.htm. Acesso em: 19 jun. 2018.

BUSCATTO, M. De la vocation artistique au travail musical: tensions, compromis et ambivalences chez les musiciens de jazz. **OPuS: Sociologie de l'Art**, v. 3, n. 5, p. 35-56, 2004. Disponível em: http://www.cairn.info/revue-sociologie-de-l-art-2004-3-page-35.htm. Acesso em: 15 jun. 2018.

CONTADOR, A. C.; FERREIRA, E. L. **Ritmo & poesia:** os caminhos do Rap. Lisboa: Assírio & Alvin, 1997.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, 2012.

ELIAS, N. **Mozart:** sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

FERREIRA, V. S. Ser DJ não é só soltar o play: a pedagogização de uma nova profissão de sonho. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 473-494, 2017.

FREIDSON, E. **O renascimento do profissionalismo**. São Paulo: EDUSP, 1998.

GORZ, A. **O imaterial:** conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

HARTLEY, J. **Creative industries**. London: Blackwell Publishing LTD, 2005.

HOCHSCHILD, A. R. **The managed heart**. 20. ed. Los Angeles: University of California Press, 1983.

HORKHEIMER, M. **O eclipse da razão**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

LIMA, J. C.; CONSERVA, M. de S. Redes sociais e mercado de trabalho: entre o formal e o informal. **Política e Trabalho**, João Pessoa, v. 24, n. 22, p. 73-98, 2006.

MENGER, P. M. **Portrait de l'artiste en travailleur**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter:** consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

SENNETT, R. **O artífice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

SIMMEL, G. O dinheiro na cultura moderna. 2. ed. *In:* SOUZA, J.; OELZE, B. (org.). **Simmel e a modernidade.** Brasília: Editora UNB, 2005.

VEBLEN, T. B. **A teoria da classe ociosa:** um estudo econômico das instituições. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1965.

Estereótipos na biologia

Maira da Costa Cacemiro

A grande área das ciências biológicas abrange mais de trinta diferentes profissões que incluem: Medicina, Biomedicina, Farmácia, Nutrição, Enfermagem, Biologia, Odontologia, Medicina veterinária, Fisioterapia, Zootecnia, Educação física, Fonoaudiologia, Ciência e tecnologia de alimentos, Biotecnologia, Estética e Cosmetologia, dentre outras. Este capítulo abordará estereótipos comuns a todas as profissões dessa grande área, além de estereótipos específicos presentes em algumas delas.

Estereótipo de gênero

Desde a infância, tem-se a ideia de que as mulheres não possuem aptidão natural para as ciências. Ao entrar numa loja de brinquedos, é possível notar que as opções para os meninos incluem jogos eletrônicos, carros, armas, robôs, entre outras tecnologias, enquanto as opções para as meninas incluem bonecas, animais de pelúcia e simulações de atividades do lar, como lavar louça e passar roupa.

As meninas são bombardeadas, desde cedo, com a ideia de que lhes falta a aptidão natural e, por conta disso, simplesmente tendem a evitar algumas carreiras, ou quando as escolhem, sofrem preconceito dentro daquela profissão.

No Brasil, a mulher vem ganhando espaço e reconhecimento em diversos campos de conhecimento, mas isso é algo recente, até poucos anos atrás desempenhavam o papel de damas do lar, cuidando da casa e dos filhos, sem direito a voto e opinião própria e menos ainda a opção de fazer um curso superior e exercer uma profissão.

> Até os anos 1960, a carreira acadêmica era muito fechada no Brasil. O diploma das escolas que as mulheres frequentavam – quando tinham permissão para isso – não dava acesso ao ensino superior. Com a equalização dos diplomas de ensino médio a partir de então, há uma abertura maior para as mulheres, mas elas entram nas universidades em um contexto no qual as contratações acontecem com base em indicações (não existiam concursos institucionais como atualmente) (A luta diária das mulheres cientistas, 2015)[39].

O prêmio Nobel, criado em 1901, todos os anos premia pesquisadores que contribuíram agregando valor de alguma maneira para o bem do ser humano em diversas áreas, como Química, Física, Medicina e Fisiologia, Literatura, Economia e Paz. Em 2018, dos 12 indivíduos laureados com o Nobel, apenas três foram mulheres, enquanto nos anos de 2016 e 2017 nenhuma mulher recebeu o prêmio. Ao longo de 117 anos de história, o prêmio Nobel foi entregue a 935 pessoas, apenas 51 eram mulheres (All the nobel prizes, 2018)[40].

O ganhador do prêmio Nobel de medicina e fisiologia de 2001, Tim Hunt, afirmou em uma palestra que "três coisas acontecem quando há mulheres no laboratório: você se apaixona por elas; elas por você e elas choram quando são criticadas". Após toda a repercussão que esse comentário gerou, Tim Hunt renunciou ao cargo de professor honorário da *University College London.* Ele ainda se disse arrependido pelo comentário, porém afirmou que é exatamente assim que enxerga as mulheres na ciência.

---

39 Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/09/luta-diaria-das-mulheres-cientistas.html. Acesso em: 5 nov. 2018.

40 Disponível em: https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes/. Acesso em: 5 nov. 2018

Desde os primórdios, a mulher é considerada como “sexo frágil” e a partir do momento em que começou a ganhar espaço para trabalhar e competir igualmente com os homens, tal concepção assustou-os. Infelizmente, muitas vezes os homens tiram proveito do trabalho desenvolvido por uma mulher e levam todo o crédito por isso, como aconteceu com a descoberta da estrutura do DNA em 1953.

> A Biologia Molecular, ciência que promoveu o desenvolvimento de projetos genomas, desenvolve-se ao longo do século XX e apresenta três marcos relevantes: o descobrimento da estrutura de DNA (1953), das técnicas de RNA recombinante (1970) e de novas técnicas e equipamentos (1995) que automatizaram o processo de sequenciamento do genoma de organismos vivos. Em 1953, James D. Watson, Francis Crick, Maurice Wilkins e Rosalind Franklin descobriram a estrutura do DNA. Essa descoberta só foi possível por intermédio dos estudos de Franklin que, através da cristalografia, obteve as imagens do DNA, levando a representação – a dupla hélice – de sua estrutura. Considerada uma das cientistas mais importantes da biologia molecular cuja vida e trabalho foram rodeados de inúmeras situações preconceituosas, controvérsias, Franklin talvez tenha sido uma das maiores injustiçadas da história da biologia. Os três pesquisadores, Crick, Watson e Wilkins receberam o Prêmio Nobel em 1962 pela descoberta, quatro anos após a morte de Franklin, causada pela superexposição ao Raio X (OSADA; COSTA, 2006, p. 8).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO – do inglês *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), em 2015 apenas 28% dos pesquisadores no mundo eram mulheres

e, em colaboração com a ONU Mulheres e outros parceiros, conseguiram nesse mesmo ano aprovar na assembleia das Nações Unidas o Dia internacional das mulheres e meninas na ciência, data que é celebrada no dia 11 de fevereiro em todo o mundo. Tal iniciativa visa a igualdade de gênero na ciência por meio da promoção e da conscientização dos meios educacionais que vão desde a pré-escola até a educação superior (Meninas e mulheres na ciência, 2017).

Toda essa discriminação com as mulheres na ciência é consequência de uma cultura machista que perpetua nas sociedades através dos séculos e, por conta desse mesmo pensamento machista, alguns homens também têm sido alvo de preconceito. Certas profissões são consideradas femininas, principalmente aquelas relacionadas ao cuidar. Se um homem decide ser enfermeiro, biomédico ou biólogo, por exemplo, ele é visto na sociedade como homossexual, mesmo que não seja.

> Ainda que a emancipação da mulher, decorrente das pressões sociais e das mudanças culturais, tenha garantido seu ingresso e amplo acesso ao meio acadêmico e profissional, áreas ligadas ao “cuidar” continuam sendo majoritariamente ocupadas pela força feminina, enquanto as que exigem raciocínio rápido e preciso permanecem atreladas ao sexo masculino (BURGARDT, 2007)[41].

Nessa mesma matéria, publicada pela revista *Universia*, podemos ver o relato de um estudante do gênero masculino que gostaria de cursar educação física, mas devido à pouca oferta de trabalho decidiu cursar nutrição.

---

41 Disponível em: http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2007/10/23/423359/exo-das profisses.html. Acesso em: 7 nov. 2018.

Todo mundo pensa que fazer Nutrição é coisa para menino gay. Fazer um curso considerado de menina tem esse problema, mas eu não sou gay e não ligo para esse preconceito porque estou feliz com minha carreira e tenho planos para o futuro ligados ao esporte, área que gosto (BURGARDT, 2007).

Na enfermagem, o problema é o mesmo. O assunto é tão comum e frequente que foi tema da dissertação de mestrado de um aluno da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) em 2016, na qual destacou-se o perfil dos homens na enfermagem brasileira, revelando a grande desproporcionalidade na questão de gênero, considerando-se que, entre os anos de 1950 a 1999, apenas 59 homens se formaram no curso (COSTA, 2016).

Entretanto, de acordo com o Conselho Regional de Enfermagem do estado de São Paulo (COREN-SP), a postura preconceituosa frente ao homem que decide ser enfermeiro já não é mais tão frequente e isso reflete na maior procura de homens por essa profissão. Há 40 anos, apenas 2% dos homens no estado se interessavam em ser enfermeiro, atualmente, essa porcentagem é de 12%. Apesar desse número ainda ser pequeno, o COREN-SP comemora esse aumento e acredita que seja reflexo de um avanço cultural e comportamental (Homem na enfermagem, 2015).

Independente do gênero, o pré-conceito está enraizado em nossa sociedade e os estereótipos de gênero muitas vezes forçam os indivíduos a desistirem de seus sonhos por medo da crítica ou pela falta de reconhecimento.

Estereótipo do estudante eterno que vive às custas do governo

Na área de ciências biológicas, mas não restrita a ela, quando se decide fazer uma pós-graduação *stricto sensu* é muito comum se deparar com frases como: “mas você só estuda?” ou ainda: “quando você começará trabalhar?”.

Em algumas áreas, é possível conciliar o trabalho e a pós-graduação e, nesses casos, a pesquisa do “aluno” envolve levantamento bibliográfico e escrita da tese, que pode ser feito nas horas de folga. Contudo, um mestrado ou doutorado nas áreas que compreendem as ciências biológicas requerem dedicação exclusiva, pois envolvem uma parte experimental, na qual os “alunos” precisam estar na bancada desenvolvendo “experiências” para responder à hipótese de sua pesquisa.

Tais “alunos” já são graduados em uma área de conhecimento, portanto, são indivíduos capacitados e aptos a desempenhar sua profissão no mercado de trabalho, porém, escolhem fazer um curso de pós-graduação e contribuir para o desenvolvimento da ciência no país, mas, às vezes, são mal interpretados. O título de uma matéria publicada em 2011 na coluna de educação do *site* IG erroneamente diz: “Eles são pagos para se dedicar aos estudos: Bolsas de estudo de mestrado e doutorado permitem que profissionais deixem o mercado de trabalho para viver de estudar” (RODRIGUES, 2011).

Na prática, a realidade é outra: os pós-graduandos não são apenas estudantes, são os responsáveis pelo desenvolvimento científico e tecnológico do país, colocando o Brasil em posição de competir com grandes centros de pesquisas do mundo todo.

Para que fique claro, na área biológica, desenvolve-se muitos medicamentos, testes que auxiliam no diagnóstico de diversas doenças, desenvolvem-se estratégias para melhor atendimento ao paciente, descobre-se novas espécies vegetais e animais, determina-se como os alimentos atuam no organismo, podendo agir como tratamento para algumas doenças, entre outras coisas.

O regime de dedicação exclusiva exigido dá ao “aluno” o direito a uma bolsa de estudos que tem o valor muito aquém daquele que o indivíduo receberia se escolhesse exercer sua profissão no mercado de trabalho. As bolsas de estudo são financiadas por agências de fomento dos governos federais e estaduais e, em alguns casos, recebem apoio de empresas privadas.

> As instituições de fomento à pesquisa no país têm papel crucial na consolidação das ciências modernas. A aprovação de um projeto temático na FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo) ou qualquer outra instituição de financiamento garante ao pesquisador e à sua equipe recursos financeiros para aquisição de equipamentos, reforma da infraestrutura, garantia dos suprimentos para pesquisa (laboratórios, informática, etc.), reserva técnica, custeio de participação em eventos no país e no exterior, entre outras facilidades. Ela também certifica o grupo de pesquisa quanto à sua competência na área, torna o pesquisador visível na comunidade científica e, quando os resultados alcançam a mídia, torna-se referência na área junto à sociedade. (OSADA; COSTA, 2006, p. 10).

No Brasil, a profissão de cientista não é regulamentada, portanto, nossos cientistas são os pós-graduandos que durante o desenvolvimento de suas teses de mestrado ou doutorado

contribuem para a evolução e desenvolvimento da pesquisa no país. Se as pessoas entendessem a importância de se fazer ciência e a importância que o pós-graduando desempenha, tal estereótipo cristalizado – pós-graduandos só estudam e recebem para isso – não existiria.

Em abril de 2018, uma bióloga brasileira recebeu o prêmio de melhor tese de doutorado em biologia do Reino Unido.

> Após quatro anos de estudos, a pesquisadora formada na Universidade de Brasília (UnB) mostrou como evoluem as mirtáceas – uma família de plantas encontrada, principalmente, nos biomas brasileiros. Apesar do nome pouco comum, as espécies deste grupo são velhas conhecidas dos brasilienses: cagaitas, goiabeiras e eucaliptos, por exemplo (MARQUES, 2018)[42].

É preciso, pois, aprender a valorizar nossos cientistas e a pesquisa que é desenvolvida no país. O Brasil tem grande potencial, falta apenas mais investimento e apoio.

Estereótipo do aluno fraco

Uma vez que os pós-graduandos são considerados pela sociedade como meros estudantes, acredita-se que não há pressão psicológica, já que os «alunos» não podem ser demitidos. A verdade é que se o orientador não estiver satisfeito com o desempenho do aluno, ou decidir se aposentar, ele pode desistir de orientá-lo, ou seja, demiti-lo.

---

42 Disponível em: https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/pesquisadora-de-brasilia-ganha-premio-de-melhor-tese-de-biologia-do-reino-unido.ghtml. Acesso em: 9 nov. 2018

Os orientadores, os programas de pós-graduação e, muitas vezes, amigos e familiares enxergam o “aluno” como fraco, como o sujeito que reclama de tudo sem motivo, afinal está ganhando só para estudar. Mas a verdade é que nesse meio existe muita pressão psicológica, que vai além da questão da demissão.

Trata-se de um período muito intenso, são anos de dedicação à pesquisa, participação em eventos científicos, concorrência acirrada, prazos apertados, pouco dinheiro, carga de trabalho excessiva e cobrança para publicar artigos científicos. Muitos alunos sofrem assédio moral com orientadores abusivos e os relatos ocorrem por todo o mundo em diversas áreas de conhecimento, incluindo a biologia. A pressão é tão grande que mais de 40% dos alunos sofrem de depressão ou ansiedade e há diversos relatos de suicídio em decorrência da exaustão psicológica do aluno.

A revista *Nature*, uma das mais conceituadas no mundo na área acadêmica, publicou esse ano um estudo feito com mais de 2.200 estudantes de 26 países e mostrou que estudantes de pós-graduação têm seis vezes mais chance de enfrentar depressão e ansiedade (EVANS *et al.*, 2018).

> Humilhações em reuniões e aulas, omissão na resposta sobre a orientação, abandono de responsabilidades com o orientado, pedido para realização de tarefas não relacionada à pesquisa, corte de bolsas e reprovação não justificadas ou com justificativas falsas ou não acadêmicas. A lista do assédio na pós-graduação é enorme e essas atitudes podem levar os alunos a quadros de depressão entre outros distúrbios (Depressão na pós-graduação: é preciso falar sobre isso, 2018)[43].

43 Disponível em: http://www.anpg.org.br/depressao-na-pos-graduacao-e-preciso-falar-sobre-isso/. Acesso em: 9 nov. 2018.

Muitos são os artigos e reportagens que tratam do tema, que, apesar de não ser novo, começou a ser destaque há pouco tempo. Vejamos:

> Depressão e tentativas de suicídio entre universitários e pós-graduandos não são assunto novo dentro das universidades. Em 2017, o tema chegou a ganhar páginas de jornais com o termo “surto de suicídios” depois que seis alunos da Faculdade de Medicina da USP tentaram se matar, entre janeiro e abril. Pouco depois, alunos da Universidade Federal de Viçosa (MG) lançaram a campanha #NãoÉNormal na internet para expor casos de demandas abusivas de escolas e professores que comprometem a saúde mental dos estudantes (SAMORANO, 2018)[44].

Ainda em 2017, um aluno do Instituto de Ciências Biomédicas da USP se suicidou dentro do laboratório onde trabalhava e deixou na lousa uma mensagem dizendo estar cansado de tentar, de ter esperanças e de viver (PADGURSCHI, 2016).

De acordo com a coordenadora do serviço de assistência psicológica e psiquiátrica ao estudante da UNICAMP, na área de Ciências biológicas a situação é um pouco pior, pois o aluno fica sujeito a circunstâncias que não dependem dele, como a quebra de equipamentos ou atraso na entrega de reagentes que atrapalham o desenvolvimento do trabalho e causam ainda mais angústia (PADGURSCHI, 2016).

Estereótipo do cientista no cinema

No mundo, atualmente, o cientista tem um pouco mais de respeito e reconhecimento do que no Brasil, porém, nem sempre foi assim. O conceito errado que a população tem do cientista

44 Disponível em: https://www.metropoles.com/saude/um-terco-dos-alunos-de-pos-graduacao-tem-depressao-ou-ansiedade. Acesso em: 9 nov. 2018

em grande parte vem da representação dessa figura no cinema, pois a população forma suas impressões sobre a ciência e os cientistas a partir do que veem na mídia, nos noticiários, nos filmes e nas telenovelas.

Em 1902, o francês Georges Méliès produziu o filme *Le Voyage dans la Lune* (Viagem à Lua – em tradução literal) em que mostra uma visão distorcida do cientista.

> O filme inicia-se com uma reunião na Academia de Astrônomos da França. Os cientistas discutem os planos para uma viagem à Lua, usando trajes de trabalho, muito semelhantes às vestes dos magos e feiticeiros. Antes de embarcar na cápsula que será lançada por um canhão em direção à Lua, trocam as vestes por roupas de expedição (BARCA, 2005, p. 2).

Em 1910, foi filmado o curta metragem *Frankenstein* inspirado no livro *The Modern Prometheus* (O prometeu moderno – em tradução literal) de Mary Shelley. Frankenstein é um dos personagens mais recorrentes nos filmes do gênero terror. Na história, ele foi criado pelo cientista Victor Frankenstein que era obcecado pelo estudo das ciências naturais.

Outro exemplo clássico dos cinemas é o filme *O médico e o monstro – Dr. Jekyll and Mr. Hyde,* filmado em 1931, em que mostra o médico Dr. Jekyll preparando certas substâncias em seu laboratório que interferem na essência da vida e o transformam, assim, em um ser do mal, capaz de cometer atrocidades; as mudanças ocorrem também na aparência física do médico, refletindo distorções que ocorrem em seu caráter.

Em 1933, outro cientista “maluco” surgiu no filme *O homem invisível* no papel do Dr. Jack Griffin que fazia suas experiências

almejando poder e riqueza, para impressionar a bela filha de seu mestre.

> O sociólogo inglês Andrew Tudor, da Universidade de York, EUA, em seu livro *Monsters and mad scientists: a cultural history of the horror movie* (Monstros e cientistas malucos: a história cultural dos filmes de terror), publicado em 1989, na Inglaterra, analisou quase mil filmes do gênero terror, produzidos entre 1931 e 1984. Em mais de um quarto desses filmes (264), a ciência é a principal promotora de ameaças à humanidade. Um cientista louco é a origem de todos os problemas em 169 filmes. Nos 95 restantes, as ameaças não são ocasionadas pela ação direta do cientista, mas são consequências das investigações e descobertas científicas (BARCA, 2005, p. 3).

Por muito tempo, os cientistas foram temidos. Eram vistos como uma espécie de bruxo que queria destruir o mundo com suas criações. Atualmente, as ficções científicas não impressionam tanto quanto na época em que esses filmes foram gravados, mas a ideia do cientista maluco ainda permanece no subconsciente de grande parte das pessoas que ainda julgam a ciência e o cientista como desnecessários.

Uma grande evolução ocorreu na visão do cientista pela população ao longo do tempo e, após ser visto apenas como um monstro criador de outras monstruosidades, o cientista aparece com um papel secundário nos filmes, sendo algumas vezes ridicularizado. Foi apenas a partir da década de 1980 que os cientistas começaram a conquistar o público através de filmes em que são estereotipados como heróis aloprados e divertidos, sempre empenhados em novas experiências, que quase nunca dão certo.

> Na década de 1990, as conquistas da engenharia genética fazem uma brilhante trajetória nas telas, batendo todos os recordes de bilheteria. Jurassic Park (Parque dos dinossauros, 1993), outro sucesso milionário do diretor Steven Spielberg, transforma a ciência em aventura, dá um show de efeitos especiais e computação gráfica e, de quebra, usa atrações do próprio parque para explicar os princípios da clonagem. Os cientistas das duas versões do filme passam metade do tempo maravilhados com as conquistas obtidas e a outra metade fugindo das consequências das mudanças que provocaram (BARCA, 2005, p. 7).

Considerações finais

Os estereótipos observados na biologia também estão presentes em outras áreas. Eles são reproduzidos pelas culturas e veiculados pelas mídias, se repetindo com o passar do tempo. Tratam-se de ideias e ideais repetidos, cristalizados que repercutem na sociedade de maneira negativa. O estereótipo do pós-graduando, do "aluno", do estudante que não trabalha reverbera concepções erradas sobre o seu papel enquanto pesquisador. A ciência se constrói em conjunto, numa parceria de todas as áreas que contribuem para o seu avanço, trazendo contribuições relevantes para o avanço do pensamento e de técnicas numa certa sociedade. Tratam-se, pois, de certos padrões impessoais e de certas ideias pré-concebidas que, muitas vezes, estão escondidos no inconsciente do ser humano. Cabe a nós, numa luta constante, quebrar estereótipos cristalizados por meio do nosso trabalho, acreditando que, apesar de todas as falácias criadas em torno da carreira do cientista, nosso dever é com a sociedade.

Referências

All Nobel Prizes. Disponível em: https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes/. Acesso em: 5 nov. 2018.

BARCA, L. As múltiplas imagens do cientista no cinema. **Comunicação & Educação**, v. 10, n. 1, p. 31, 30 abr. 2005.

BURGARDT, L. **O sexo das profissões?** 2007. Disponível em: http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2007/10/23/423359/exo-das-profisses.html. Acesso em: 7 nov. 2018.

COSTA, K. de Souza. **Homens na enfermagem:** inserção, vivência e trajetória profissional. 2016. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Depressão na pós-graduação: é preciso falar sobre isso. Disponível em: http://www.anpg.org.br/depressao-na-pos-graduacao-e-preciso-falar-sobre-isso/. Acesso em: 9 nov. 2018.

EVANS, T. M.; BIRA, L.; GASTELUM, J. B.; WEISS, L. T.; VANDERFORD, N. L. Evidence for a mental health crisis in graduate education. **Nature Biotechnology**, v. 36, n. 3, p. 282-284, 6 mar. 2018.

Homem na Enfermagem. Disponível em: https://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/48_homem_na_enfermagem.pdf. Acesso em: 8 nov. 2018.

LOUREIRO, G. **A luta diária das mulheres cientistas.** Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/09/luta-diaria-das-mulheres-cientistas.html. Acesso em: 5 nov. 2018.

MARQUES, M. **Pesquisadora de Brasília ganha prêmio de 'melhor tese de biologia' do Reino Unido.** Disponível em: https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/pesquisadora-de-brasilia-ganha-premio-de-melhor-tese-de-biologia-do-reino-unido.ghtml. Acesso em: 9 nov. 2018.

Meninas e mulheres na ciência. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/natural-sciences/science-and-technology/women-and-girls-in-science/. Acesso em: 7 nov. 2018.

OSADA, N. M.; COSTA, M. C. da. A construção social de gênero na Biologia: preconceitos e obstáculos na biologia molecular. **Cadernos Pagu**, n. 27, p. 279-299, dez. 2006.

PADGURSCHI, D. **Suicídio de doutorando da USP levanta questões sobre saúde mental na pós.** 2016. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/10/1930625-suicidio-de-doutorando-da-usp-levanta-questoes-sobre-saude-mental-na-pos.shtml. Acesso em: 10 nov. 2018.

RODRIGUES, C. **Eles são pagos para se dedicar aos estudos:** Bolsas de estudo de mestrado e doutorado permitem que profissionais deixem o mercado de trabalho para viver de estudar. 2011. Disponível em: https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/eles-sao-pagos-para-se-dedicar-aos-estudos/n1237888090742.html. Acesso em: 8 nov. 2018.

SAMORANO, C. **Um terço dos alunos de pós-graduação tem depressão ou ansiedade.** 2018. Disponível em: https://www.metropoles.com/saude/um-terco-dos-alunos-de-pos-graduacao-tem-depressao-ou-ansiedade. Acesso em: 9 nov. 2018.

Primitivos: possíveis aspectos da construção de um estereótipo sobre “arte negra”

Vivian Braga dos Santos

Apresentação[45]

No constante atravessamento de práticas artísticas por temas políticos, o campo das artes faz notar sua potência em agir criticamente no mundo, propondo transformações dos modelos histórico-culturais pré-estabelecidos que direcionam continuamente nossas interações sociais. Não obstante essa possibilidade de interferência política por meio de experiências estéticas, é preciso ter em mente que essa mesma predisposição artística de disrupção de paradigmas foi, durante muitos anos, preterida enquanto autocrítica do campo. Por séculos, as belas-artes e suas narrativas replicaram normatividades elaboradas no seio de uma cultura ocidental como aspectos ontológicos e universais.

Dentre os exemplos mais populares dessa ausência de autoavaliação estão (1) a imagem preponderantemente masculina e caucasiana subjacente na construção e no emprego do conceito de *artista*, (2) a aplicação do vocábulo *arte* no singular como referência a um campo homogêneo e (3) a tentativa de reconhecer movimentos artísticos ao redor do mundo, sempre a partir das nomeações estabelecidas pelo Norte (HUYSSEN, 2014). Esses aspectos formaram um delimitador sobre a definição de arte, que corresponde, principalmente, a certo conjunto de valores e configurações materiais, sensíveis e reconhecíveis nos modos de vida e de apreciação estética eurocentristas.

---

45 Este texto reúne os questionamentos iniciais que nortearam a elaboração de meu projeto de pós-doutorado sobre *contraimagens históricas de negros realizadas por práticas artísticas contemporâneas.* Aqui, muitas das hipóteses sobre a construção do cenário no qual essas contraimagens se desenvolveriam (dentre os quais, a tese de uma “estética do primitivo” como leitura comum na mediação de produções de artistas de herança afro) são, pela primeira vez, apresentadas. A brevidade de suas definições, no entanto, deve-se à condição atual desse trabalho de pesquisa, ainda em desenvolvimento.

Não obstante esse cenário, desde a segunda metade do século XX muitas restrições têm sido reiteradamente tencionadas por artistas e teóricos, na busca por rupturas dos limites. Sabe-se, por exemplo, da luta por um espaço feminino (e feminista) no sistema artístico, que tem exigido uma revisão de historiografias sobre arte, de modo a incluir mulheres-agentes nas narrativas, além de uma renovação de questões a partir de outros lugares de fala[46]. Contudo, ainda há reducionismos históricos, resultados de enquadramentos perigosos, que continuam a ser perpetuados na esfera artística à réplica de um cânone segregacionista. Uma dessas reproduções menos interpeladas é a aplicação da noção de *primitivo* (e suas variações semânticas, dentre as quais: arcaico, pureza, transcendentalismo) na mediação de artes ditas "artes negras" (mais extensamente, "não-ocidentais" ou "extra-ocidentais"). O presente texto explora esse problema, pontuando a evolução desse termo em três momentos. São eles: (1) a elaboração do estereótipo que vincula a imagem de *negro(a)s* ao adjetivo *primitivo*, (2) sua apropriação e ressignificação por algumas das vanguardas artísticas europeias no início do século XX e (3) seu reaparecimento na crítica de arte a partir de 1989.

Nosso objetivo é demonstrar, através de uma breve abordagem histórica e política, como uma arte ocidental formulou um estereótipo específico sobre artes de procedência africana. Estereótipo este que, embora aparentemente afastado dos discursos científicos racistas da época, perpetuava um olhar colonial. Consideramos que esse olhar incide ainda hoje como um racismo velado, disfarçado em ações politicamente corretas, que o circuito de arte contemporânea

---

46 Cf. RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2007.

exerce, em certa medida, sobre artistas pretos[47] e produções artísticas de herança afro.

Aspecto 1: *Negros* como *primitivos* e a popularização do racismo científico

Os primeiros registros do uso sistemático do vocábulo *primitivo* como característica de certos grupos de indivíduos datam do século XVIII, quando da produção e circulação maciça de relatos, ilustrações e anedotas oriundas de viagens exploratórias. Na época, tais documentações contribuíram para o desenvolvimento de uma imagem pitoresca sobre mundos até então desconhecidos, bem como para a criação de estereótipos sobre os habitantes, ditos selvagens, que povoavam esses territórios além mar. Segundo muitas das descrições, esses "personagens excêntricos", ainda que *homo sapiens*, distanciavam-

47 Nesse texto, faremos uso de duas nomenclaturas para designar homens e mulheres cuja cor da pele têm uma tonalidade escura. Serão elas: *negro* e *preto*. Cada uma delas carrega consigo contextos histórico e político precisos. Reservaremos à primeira a discussão histórica conforme as nomenclaturas que encontramos nas fontes utilizadas. A segunda estabelece uma coerência com a autonomeação dos companheiros pretos que recusam a terminologia *negro* carregado de um racismo estruturalista na mesma medida que possuíam os termos *nigger*, no inglês, e *nègre*, no francês. Não ignoramos o fato de que, no Brasil e na língua portuguesa falada no país, tanto o termo *preto* quanto *negro* podem ser aplicados em expressões e imagens racistas: "coisa de preto", "trabalho de preto", "a coisa tá preta", "seu neguinho(a)", "mercado negro", "ovelha negra". Nossa evolução linguística, banhada no sangue de uma ferida histórica e longe de ser cicatrizada, nos deixa evidente o racismo que domina nossas falas, que limita nossos corpos. No entanto, acreditamos que fazer uso desses dois termos no presente texto, aplicando-os nos contextos referenciados pode servir a dois potentes objetivos. Primeiramente, o do estranhamento que possibilitará ao leitor reconhecer em si mesmo as inquietudes e mal-estares que cada termo proporciona. Em segundo lugar, comparar e diferenciar uma crítica linguística que ocorreu em outros países, mas que ainda dá seus primeiros passos no Brasil. Quem sabe assim, podemos incluirmo-nos nessa discussão, ao mesmo tempo que refletimos sobre as particularidades que o racismo e sua proliferação possuem em terras brasileiras.

se do homem moderno por um primitivismo manifesto, identificado de ao menos duas maneiras. Por um lado, eles possuiriam um contato genuíno com a natureza, traduzido como uma inocência e pureza desaparecidas no homem moderno, que lhes direcionava, muitas das vezes, a crenças singulares e práticas interpretadas como místicas. Por outro, haveria uma selvageria em seus comportamentos, argumentada como presente na nudez dos corpos, no uso de acessórios extravagantes e de origem animal como dentes e chifres, nos rituais, nas danças, nas canções e, dentre outros aspectos, na dieta alimentar, por vezes canibal. Apesar do aparente antagonismo, essas duas interpretações não eram apresentadas como opostas. Dificilmente um relato de viajante saudava a simplicidade e o aspecto "mágico" de certas culturas sem salientar também comportamentos entendidos como grosseiros; condutas que com frequência eram recebidas como brutas e interpretadas como resultado de certa incultura.

Em *Voyage autour du monde* (1769), por exemplo, o oficial e explorador Louis-Antoine de Bougainville (1729-1811), responsável pela primeira expedição francesa ao redor do mundo, realizada de 1766 a 1769, apresenta parte de suas estadias na América do Sul, no Tahiti, na Nova Guiné e na África. Em seu *carnet de voyage*, encontramos o uso dos termos *homem natural* e *selvagem* para se referir aos nativos das regiões visitadas. No trecho sobre os entornos das cidades de Buenos Aires e de Montevideo, ele escreveu: "os **naturais** que habitam essa parte da América, no norte e no sul do Río de la Plata, fazem parte daqueles que ainda não foram subjugados pelos espanhóis e que eles nomeiam de índios bravos. Eles têm uma altura medíocre, são muitos feios e quase todos são sarnentos" (BOUGAINVILLE, 1769, p. 22, tradução nossa, grifo nosso). Páginas à frente, Bougainville (1769, p. 37, tradução nossa, grifo nosso) continua: "Eu fui vê-los várias vezes. Eu tive a impressão que tinham uma

natureza indolente e notei neles um ar estúpido como aquele de animais presos em uma armadilha”[48]. Já sobre os nativos que chegavam navegando em canoas estreitas ao Cabo Galant, no arquipélago Terra do Fogo, extremo sul das Américas, tomou as seguintes notas:

> Naquele dia nós tivemos a bordo a visita de alguns **selvagens**. Quatro pirogas tinham aparecido, durante a manhã, na ponta de Cabo Galant e depois de terem permanecido algum tempo presas, três delas avançaram para o fundo da baía, navegando em direção a [nossa] fragata. [...] Os homens entraram na fragata com as crianças. Logo eles ficaram muito à vontade. Nós os fizemos cantar, dançar, ouvir instrumentos e, especialmente, comer, ação que eles executaram com grande apetite. Tudo era bom para eles: pão, carne salgada, sebo, eles devoravam o que lhes era apresentado. Foi difícil nos livrarmos desses **convidados repugnantes e inconvenientes**, e nós não podíamos mandá-los de volta para suas pirogas a não ser que lhes déssemos belos pedaços de carne salgada para levar embora. [...]. Esses **selvagens** são **pequenos**, **malcriados**, **magros** e **insuportavelmente fedidos**. Eles são **quase nus**, e não usam nenhuma vestimenta, a não ser algumas peles de lobos bem ruins, pequenas demais para os envolver, peles que servem também como telhado para suas cabanas, e como velas para suas pirogas. De resto, eles parecem ser pessoas **suficientemente boas**; mas eles são tão **fracos** que somos tentados a nem mesmo reconhecer a bondade que possuem. Temos observado

48 Em comentário que segue essa impressão, Bougainville fará menção à barreira linguística que se interpunha entre ele e os nativos, e da qual o oficial se deu conta somente após ser alertado por terceiros da remarcada instrução desses *naturais*. Em continuação, Bougainville afirma ainda que o desencontro de idiomas impediu de atestar os conhecimentos desse povo específico, podendo testemunhar apenas sobre certo talento musical.

> que eles são **supersticiosos** e acreditam em forças do mal: entre eles, os homens que conjuram essa influência são, ao mesmo tempo, médicos e sacerdotes. De todos os *selvagens* que vi em minha vida, os **Pécherais** são os mais **desprovidos de tudo**: eles são exatamente o que podemos chamar de **estado natural**; e, na verdade, se alguém se lamentasse da sorte de um homem livre e senhor de si mesmo, sem dever e sem negócios, **contente com o que ele tem porque não conhece nada melhor**, eu lamentaria por esses homens, os quais, além de serem privados de tudo que torna a vida cômoda, ainda sofrem a dureza do clima mais assustador do universo (BOUGAINVILLE, 1769, p. 51-53, tradução e grifos nossos).

Os excertos aqui transcritos servem a ilustrar a dificuldade dos relatos de viagem do século XVIII de isolar as duas maneiras habituais pelas quais afirmavam um primitivismo em povos não-ocidentais. Nos trechos acima, embora os vocábulos *natural* e *selvagem* sejam aplicados separadamente, as sequências das frases permitem afirmar que seus empregos contêm uma mesma postura sobre a variedade de grupos étnicos encontrados em territórios além mar, seja ela: um fascínio e um aparente elogio à inocência de um ser inalterado pela cultura do homem branco – aspecto que será retomado insistentemente pelas vanguardas europeias no início do século XX – nos quais reside, outrossim, a desaprovação de seus hábitos considerados excêntricos.

Esse suposto paradoxo presente no *carnet de voyage* de Bougainville replica-se em muitos outros relatos de viajantes. Essa reincidência permite considerarmos uma conjectura teórica mais abrangente sobre a complicada separação entre as posições de observação dos viajantes e suas decorrentes aplicações do termo *primitivo*. Nossa hipótese é que essas duas visões, *natural* e *selvagem*, foram formuladas sobre um mesmo

fundamento e, por isso, a contraposição entre elas seria errônea. Uma leitura cuidadosa faz notar que ambos os pontos de vista foram elaborados com base em uma comparação desproporcional entre um homem europeu moderno, que ocupava a posição de observador, e um "novo homem", "descoberto" durante as conquistas coloniais e as viagens exploratórias de territórios, o qual, por aparecer secundariamente nessa comparação entre dois pólos, recebeu a posição de observado.

Nessa relação, uma alteridade violenta foi produzida, na qual esses outros não foram nem percebidos como pares, nem diferenciados entre si. Ao invés de seus modos de vidas serem acolhidos como conjuntos de costumes específicos, elaborados em resposta às necessidades singulares dos povos, eles foram assimilados como culturas rudimentares, argumentadas como pouco desenvolvidas e, portanto, classificadas como *primitivas.* Essa caracterização, porém, levava em conta apenas a ausência de espelhamento entre esse novo mundo e as convenções sociais ocidentais. Diante disso, podemos afirmar que os primeiros usos do vocábulo *primitivo* (e suas derivações) serviram, sobretudo, como marcador de uma alteridade estereotipada, que salientava as dissemelhanças físicas e culturais entre as figuras de um homem branco europeu civilizado e aquele outro considerado bárbaro.

Além de debutarem um estereótipo sobre o outro não-ocidental, as representações dos viajantes no século XVIII contribuíram também para que esse reducionismo, que já carregava consigo um preconceito latente, se desenvolvesse enquanto fórmula racista institucionalizada. Esses textos, ilustrações e anedotas podem ser identificados como o início da construção de uma relação de alteridade hierárquica entre o homem moderno e outros povos que, rapidamente, desenhou-se cientificamente como uma linha evolutiva da raça humana,

polarizada decrescentemente entre brancos e negros; o substrato do segregacionismo ordinário que ainda perdura e organiza os convívios contemporâneos. Mais do que alimentar o imaginário popular sobre os lugares remotos do mundo, recuperando e fortalecendo fantasias da literatura sobre seres excêntricos que já haviam circulado até o século XVIII, provenientes de cronistas, soldados, comerciantes e missionários, essas e outras contribuições de viajantes, muitos deles especialistas em diferentes campos do conhecimento[49], passaram a ter, a partir do século XVIII, um lugar de empirismo etnográfico e etnológico, visto que foram recebidas no bojo de um interesse científico que se interrogava sobre a natureza do homem e suas origens. Na época, a antropologia, recém-nascida como disciplina científica, tomou parte dessas descrições e interpretações como material de base para seus estudos do homem como ser biológico, cultural e social (DEMEULENAERE-DOUYERE, 2010).

Dentre esses usos, aplicou-se também o vocábulo *primitivo* como adjetivo de certos povos. Na antropologia física, o termo serviu como elemento caracterizador na hierarquização, cognitiva e civilizacional, de raças; uma avaliação que foi elaborada "sobre as particularidades fisiológicas de diferentes grupos humanos" (BANCEL *et al.*, 2002, p. 6, tradução nossa). Os limites dessa hierarquização dividiam-se entre *raças primitivas* e *raças civilizadas*, específica e respectivamente, entre negros e brancos[50]. Assim, dava-se uma continuidade perigosa a uma visão de superioridade ocidental sobre um outro não-ocidental anteriormente sugerida nos relatos; as interpretações de outrora

---

49 A expedição de Bougainville, por exemplo, contava com a presença do botânico Philibert Commerson, o cartógrafo Charles Routier de Romainville e o astrônomo Pierre Antoine Véron.

50 Cf. GOBINEAU, J. A. (1853-55). **Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas.** Barcelona: Editorial Apolo, 1937.

avançavam então para o nascimento e a proliferação de um racismo cientificamente legitimado nos estratos sociais.

Se as anotações de viajantes serviram de escopo para o desenvolvimento científico de uma hierarquia de raças como tese sobre a evolução da espécie humana, o século XIX trouxe o elemento faltante para a intensificação e popularização das noções de hierarquias. No bojo das Exposições Universais e das Exposições Coloniais, tornou-se recorrente a prática dos chamados *zoológicos humanos*: espaços onde seres humanos retirados das colônias europeias e/ou advindos de outros países não-europeus eram exibidos, em muitos casos, como espécimes em um zoológico, como animais exóticos e/ou selvagens, privados de inteligência e de civilidade, vistos como inferiores. Qualquer que fosse a situação, em palcos teatrais, dentro de jaulas, em festas particulares ou em *hábitats naturais* reproduzidos em espaços públicos, uma *mise-en-scène* era organizada em torno da elaboração de uma imagem que reproduzia o outro estereotipado dos relatos, ilustrações e anedotas.

Nativos das colônias eram incentivados (mesmo obrigados) a apresentarem-se e a encenarem suas danças, músicas, jogos, exercerem suas atividades cotidianas de modo isolado, alimentando certa "economia do olhar" (BANCEL *et al.*, 2002, p. 16, tradução nossa) preconceituoso (Figura 1): os corpos nus, adornados de objetos e dispostos em meio a ferramentas, armas e cabanas fabricavam a ideia de selvageria e de docilidade naturais, do corpo extremamente erotizado, da fantasia, liberdade e transgressão sexuais, da magia e de outros aspectos "que parecem escapar a todos os cânones do funcionamento ocidental" (BANCEL *et al.*, 2002, p. 13, tradução nossa), ao mesmo tempo em que personificavam a fascinação exótica em forma de divertimento eficaz.

Essa mostração de “um outro importado, exibido, medido, dissecado, espetacularizado, cenografado, de acordo com as expectativas de um Ocidente em busca de certezas sobre o seu papel de ‘guia do mundo’, de ‘civilização superior’” (BANCEL *et al.*, 2002, p. 5, tradução nossa), personificava o mito do selvagem, respondia “às inquietudes do Ocidente sobre outros territórios e aporta[va] uma realidade ao discurso racial então em construção” (BANCEL *et al.*, 2002, p. 5, tradução nossa). Deste modo, a prática de Exposições Universais e Exposições Coloniais servia, no curso da recente Revolução Industrial, como reivindicação identitária de potências europeias da época por meio da promoção e da afirmação de suas predominâncias econômica e tecnológica (DEMEULENAERE-DOUYERE, 2010) em relação a outros países, ao mesmo tempo em que sublinhavam a construção dessas identidades por meio da soberania sobre o mundo não-europeu. Neste objetivo, esses espaços expositivos também eram usados como formação e valorização de uma cultura colonial pautada sobre a inferiorização das colônias, de seus modos de vida e de seus habitantes, e na demonstração da capacidade de dominação e administração europeia sobre esse novo mundo.

Figura 1: Fotografia de nativo da República do Níger "trabalhando" durante a Exposição (colonial) de Wembley, em Londres, 1924. Fotografia, 13 x 18 cm. Agência Rol, Londres, Grand-Bretanha. Fonte: Bibliothèque nationale de France (BnF), gallica.bnf.fr, Departamento de Estampas e Fotografia. Documento de domínio público. Reprodução sem fins comerciais autorizada pela fonte

Entretanto, essa cultura colonial em vias de elaboração no século XIX não é apenas fruto de uma justaposição entre (1) os interesses governamentais de apresentar as colônias às metrópoles e desfazer as más impressões sobre as colonizações, (2) a rentabilidade bem lucrativa dos empresários do setor privado responsáveis pelo comércio de itens e pessoas e (3) o afã de um público curioso nesses espaços de entretenimento. Na soma desses fatores, a antropologia também desempenhou um papel importante, legitimando e usufruindo dessas atividades para o desenvolvimento de sua hierarquia científica das raças e do racismo que passou a reger as relações humanas, sobretudo no que concerne à vida social do homem e da mulher pretos, incluindo a maneira como estes são posicionados em alguns circuitos artísticos. Isto porque,

> O principal problema dos estudiosos na segunda metade do século [era] o acesso a *sujeitos vivos* e não apenas histórias de viajantes, objetos etnográficos ou crânios...

> Os zoológicos humanos chega[ram] nesse momento crucial em que as ciências humanas est[avam] em busca de “evidências”. Do ato mercantil e do fenômeno das feiras, nos dirigimos naturalmente ao objeto da ciência, ao objeto de estudo... (BANCEL *et al.*, 2002, p. 12, tradução nossa, grifos do autor).

Nesse encontro, a visualização pública dos zoológicos serviu para vulgarizar o registo científico, tornando-os lúdicas análises científicas austeras. Concomitantemente, a promoção de tais espaços facilitou o acesso aos *espécimes* esperados. Sabe-se, por exemplo, da insistência do Museu de História Natural da França (criado em 1793) para escrutinar o corpo de Sarah “Saartjie” Baartman (1789-1815), mulher *khoisan*, povo nativo da África do Sul, que fora exibida em 1810, em Londres, promovida em espetáculos públicos e privados sob o nome de *Vênus Hotentote*[51] e atrelada à imagem de um ser selvagem, por vezes passível de ser dominado – aspecto incentivado na construção de selvagem que se empregava no momento: a possibilidade de civilização desse outro, mas sem que ele jamais consiga ser igual ao seu colonizador[52]. Seu corpo protuberante, suas dimensões faciais singulares e sua anatomia íntima diferenciada dos corpos femininos europeus despertou uma curiosidade ativa, que invadia violentamente (no olhar e

---

51 Por fim, o Museu de História Natural da França teve sucesso no estudo constrangedor, ainda em vida, das formas corporais de Saartjie. Após sua morte em 1915, resultado de uma vida precária, uma análise anatômica minuciosa foi realizada pelo anatomista francês Henri Marie Ducrotay de Blainville e acompanhada pelo naturalista Georges Cuvier. Apesar dos pedidos constantes de repatriação dos restos mortais de Saartjie, seu esqueleto, órgãos genitais e cérebro estiveram em exposição pública no Musée de l’Homme, em Paris, até 1974, sendo restituídos à sua terra natal, o Vale do Rio Gamtoos, apenas em 2002, após longas disputas legais.

52 Cf. BHABHA, H. Da Mímica e do Homem. *In:* **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

no toque) esse corpo contrastivo (Figura 2). Casos como os de Sarah “Saartjie” Baartman foram repetidos diversas vezes, buscando-se relacionar os traços físicos e modos de agir de homens não-ocidentais e, por conseguinte, localizar e justificar sua pseudo selvageria como um estágio primitivo de raças humanas, cujo modelo de desenvolvimento bem-sucedido seria o homem branco europeu.

Figura 2: “Os curiosos em êxtase ou Cadarços dos calçados”, 1815. Textos da imagem, da esquerda para a direita: “Oh deus, que rosbife”; “Há sempre algo de bom em alguma coisa má”; “Ah, como a natureza é engraçada”; “Que beleza estranha”. Gravure, Água forte colorida, 18,4 x 27 cm. Impresso em Paris por Martinet Libraire e Charon.
Fonte: Bibliothèque nationale de France (BnF), gallica.bnf.fr, Departamento de Estampas e Fotografia, Coleção de Vinck: Un siècle d›histoire de France par l›estampe, 1770-1870. Documento de domínio público. Reprodução sem fins comerciais autorizada pela fonte

Outro exemplo do uso de *seres humanos como espécimes animais* pelas ciências da época pode ser verificado no texto “Ethnographie moderne: les races sauvages” (1883), de Alphonse Bertillon (1853-1914). Já na introdução de seu estudo, o criminologista francês chama a atenção para a importância do chamado *Jardin d’Acclimatation* [Jardim de Aclimatação]. Criado em 1854, o zoológico de Paris que exibia animais do mundo todo, passou, de 1877 a 1912, a *Jardin d’Acclimatation Anthropologique*, expondo nativos de povos estrangeiros em seus

hábitats naturais, atração que dobrou o lucro do referido parque (Figuras 3 e 4). Sobre esse espaço, Bertillon escreveu (1883, VII, tradução nossa):

> O sucesso considerável [dessas] exibições humanas [...] mostra que o espírito do público se interessa cada vez mais pela etnografia, [disciplina que] nos faz considerar as coisas para além dos preconceitos e dos hábitos de nossa raça, nos fazendo assistir ao primeiro passo do homem em direção do progresso, o que nos dá uma ideia filosófica sobre nossa civilização e nossos costumes, sobre o que nós fomos e sobre o que nós seremos.

Após apresentar esse paradoxo de uma postura de observação "não-preconceituosa" e as origens da civilização europeia, o autor prossegue, deixando claro o ângulo a partir do qual observava os povos não-ocidentais. Para ele,

> O selvagem é legista, quando ele vela, com todo fanatismo de sua ignorância, para que os jovens observam os costumes dos ancestrais; *matemático*, quando ele utiliza seus dedos para contar; *botânico*, quando ele distingue as plantas comestíveis das venenosas; *físico*, quando ele acende seu fogo; *químico*, quando ele cozinha seus alimentos! Mais tarde essas receitas regularizadas e colocadas em ordem se tornam ciência pela invenção da escritura. É esse conhecimento que marca o limite entre barbárie e civilização (BERTILLON, 1883, VII, tradução nossa, grifos do autor).

O passo seguinte de sua introdução é marcar uma diferença entre as "raças civilizadas da Ásia e da Europa" e o estudo das "raças selvagens e semi-civilizadas da África, da América pré-colombiana e da Oceania", em que as primeiras podem

ser comparadas entre si, pois pelo avanço da escritura seriam consideradas, dentro dos limites adequados, participantes de semelhante civilidade. As demais raças, no entanto, formariam um conjunto especial e inferior, e se devidamente estudadas, serviriam para conduzir a uma melhor compreensão do "nascimento da civilização" (BERTILLON, 1883, VIII, tradução nossa, grifos do autor). Sob esses termos, além do homem europeu moderno ocupar, segundo a análise de Bertillon, uma posição evolutiva superior em relação aos demais seres humanos, sua condição de civilizado, adquirida pelo domínio de uma memória escrita[53], o licenciaria para legislar sobre o diferente, pois se vê acima deste outro – eis aqui um elemento histórico-cultural importante para compreendermos a sinonimização entre *normativo* e *homem branco* que ainda hoje legisla sobre os corpos que escapam a sua lógica.

Tendo somado todos esses elementos sobre a construção, científica e popular, de um estereótipo racista sobre o homem não-ocidental, cabe concluirmos esse primeiro ponto de nosso texto, sublinhando a catalogação máxima que foi elaborada para essa noção de *primitivo* como característica de um ser humano inferior. Nos referimos aqui à associação do *negro como primitivo*.

Na taxonomia da hierarquia de raças, um tipo será considerado abaixo de todos os demais devido a sua cor de pele e aos seus traços físicos. Segundo Bancel *et al.* (2002, p. 14, tradução nossa),

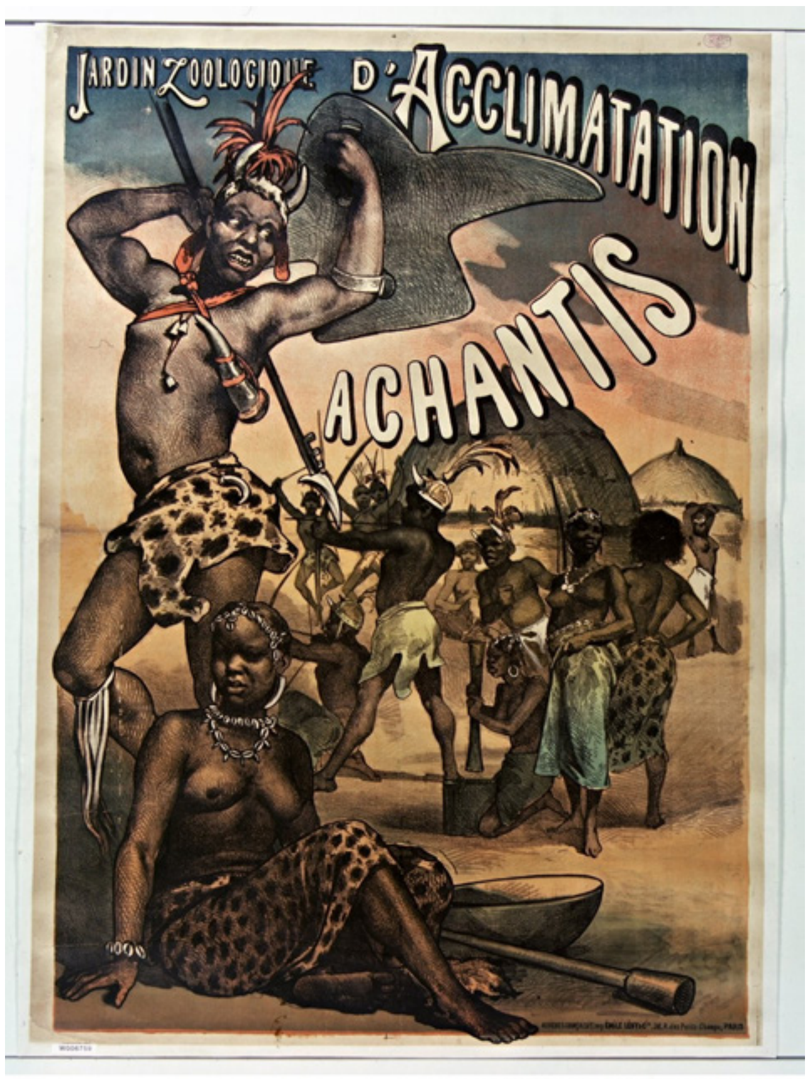
> Se o modo de vida, as vestimentas, as danças, as técnicas artesanais est[avam] aí para sublinhar uma suposta inferioridade cultural dos povos colonizados, a cor da pele [era] sempre o marco emblemático da 'diferença'. Na

53 O que poderíamos sugerir como uma inferiorização inicial do aprendizado pela oralidade.

cartela de cores que determina[va] as ‘raças’, a graduação [ia] do mais escuro ao mais claro. Quanto mais o indivíduo fo[sse] negro, mais suas habilidades de desenvolvimento [eram] consideradas fracas ou mesmo nulas.

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 3: Cartaz de propaganda para a exposição do Jardim Zoológico Aclimatação, 1883. Estampa, 122 x 82 cm. Impresso por Emile Lévy. Fonte: Bibliothèque nationale de France (BnF), gallica.bnf.fr. Documento de domínio público. Reprodução sem fins comerciais autorizada pela fonte.



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 4: Cartaz de propaganda para a exposição do Jardim Zoológico Aclimatação, 1887. Litografia. Cartaz de exposição, estampa, 125 x 90 cm. Impresso por Emile Lévy. Fonte: Bibliothèque nationale de France (BnF), gallica.bnf.fr. Documento de domínio público. Reprodução sem fins comerciais autorizada pela fonte.

Essa categorização pautada na tonalidade da epiderme vinha ainda acompanhada de características físicas portadas por diferentes grupos e associadas, pela antropologia física, a aspectos comportamentais. Nesse essencialismo biológico, os povos de cor preta, suas estruturas corporal e facial diferenciadas e suas culturas pouco reconhecidas dentro dos enquadramentos ocidentais eram os mais inferiorizados, enquanto a dita raça branca europeia era lida como uma espécie de supremacia moderna[54].

54 Na comparação entre atenienses, brancos e negros, Francis Galton formalizou os degraus evolutivos que separariam esses povos. Em suas teorias eugenistas declara que “a capacidade média da raça ateniense é, de acordo com estimativa mais baixa possível, quase dois degraus mais alta do que a nossa – ou seja, superior, de acordo com uma proporção quase tão grande quanto aquela da nossa raça em relação ao Negro da África”. GALTON, F. **Hereditary Genius.** Londres: Friedman, 1978, p. 342 (tradução nossa). Cabe sublinhar que, na frase citada, Galton faz o uso do termo *nigger* para referir-se ao “Negro da África”.

A esse respeito, vale recuperarmos um trecho do livro de Bertillon citado anteriormente, no qual a chamada inicial sobre o primitivismo das raças selvagens resulta, ao longo das páginas, em um estudo comparativo entre brancos e negros, sublinhando-se a inferiorização desse último grupo. Lê-se:

> Resultados surpreendentes foram obtidos na tentativa de **educar crianças negras em nossas escola**s. Elas têm uma grande aptidão para aprender outras línguas, e o jovem negro de doze a treze anos freqüentemente ultrapassa o jovem branco da mesma idade. Mas, **perto dos dezoito anos, essas promessas de inteligência tão vivaz desaparecem**, o ancestral das Costas da Guiné reaparece, permanecendo superior para aquele que não frequentou uma escola tão boa. **A paralização do desenvolvimento das faculdades intelectuais, comum a toda a humanidade, seria então infinitamente mais precoce e mais pronunciada no negro que no branco**. É preciso atribuir esse fenômeno à soldagem prematura dos ossos do crânio nessa raça? Esse trabalho de ossificação que impede o desenvolvimento cerebral começa nas raças brancas por meio de soldagens posteriores, enquanto, nos negros, ele inicia geralmente na região frontal, área das faculdades intelectuais. **Qual seja a causa desse aborto de inteligência, o fato é reconhecido pela maioria dos observadores e não pode ser colocado em dúvida**. **Os negros permanecem, durante toda a vida, crianças grandes, motivadas por paixões de homem adulto**. **Eles não conseguem ter domínio próprio**. Chaillu testemunhou que eles choravam compulsoriamente e riam ao mesmo tempo. Qualquer coisa um pouco abstrata deixa pouco ou nenhum traço, e **eles não podem reconstituir um raciocínio**. Isso não impede os negros livres de terem um profundo sentimento de justiça e de serem capazes de afeição. **A apatia e a preguiça profunda são as principais**

> **características da inferioridade deles** e devem ser atribuídas, em parte, ao clima irritante sob o qual eles vivem (BERTILLON, 1883, p. 62, tradução nossa, grifos nossos).

O limite desse menosprezo foi a associação de traços físicos e aspectos anatômicos a comportamentos violentos, ação científica que transformou para sempre as relações sociais cotidianas de países que empreenderam e/ou conviveram com as ações coloniais e, por conseguinte, escravocratas. Allan Sekula (1986) ressalta que a invenção de *seres humanos primitivos* formulou, sem dúvida, uma nova ordem policial. Segundo o autor, até o século XIX, houve uma grande produção de retratos de tipos criminosos, justificada por uma ficção geométrica racial que definiu uma hierarquia da raça humana baseada em tipos de cabeças: os retratos combinavam comportamentos recorrentes de criminosos com aspectos de selvageria, apresentados em diversas publicações científicas como reconhecíveis imperativamente na fisionomia facial e na estrutura corporal de negros da África e de seus descendentes, de modo a sinonimizar assim um sentido negativo de primitivo a uma predestinação ontológica à violência[55] e o homem preto à barbárie. A tese de *nascidos criminosos* [*criminel né*], de Cesare Lombroso (1835-

---

55 Nos EUA, para citar um caso fora do resquício europeu, mas de convívio escravocrata e de fabricação maciça da imagem negativa dos povos de pele escura, o filme “O nascimento de uma nação” de David Llewelyn Wark Griffith, ainda em 1915, insistia nessa determinação biológica, ligando a imagem do homem negro ao crime de violação sexual. Mesmo que aparamente inocente, sabe-se o quanto a fotografia e o cinema foram decisivos na substituição das Exposições Coloniais e Universais no que se trata da relação com o mundo não-ocidental. Foram decisivos também na criação de certas imagens que, no caso desse filme, foi elemento ativo na criminalização da imagem do homem afro-americano e sua tendência biológica à violência. Sobre essa produção do racismo pela imagem e a importância do filme inaugural de D. L. W. Griffith, conferir o documentário norte-americano “13th” [A 13a Emenda] (2016), dirigido por Ava DuVernay, sobre a processo de encarceração da população preta nos EUA.

1909), para citar apenas outro caso além de Bertillon e Galton, afirmava, por exemplo, que criminosos compartilhavam uma hereditariedade específica: um comportamento degenerado que poderia ser identificado em seus traços físicos. Os métodos de reconhecimento elaborados pelo higienista italiano comparavam a fisionomia de presos condenados e propunham a prevenção de crimes por meio da intervenção sob a circulação e liberdade dos indivíduos que apresentassem essas características, antes que estes cometessem os atos de barbárie (Figura 5) para os quais estariam geneticamente determinados.

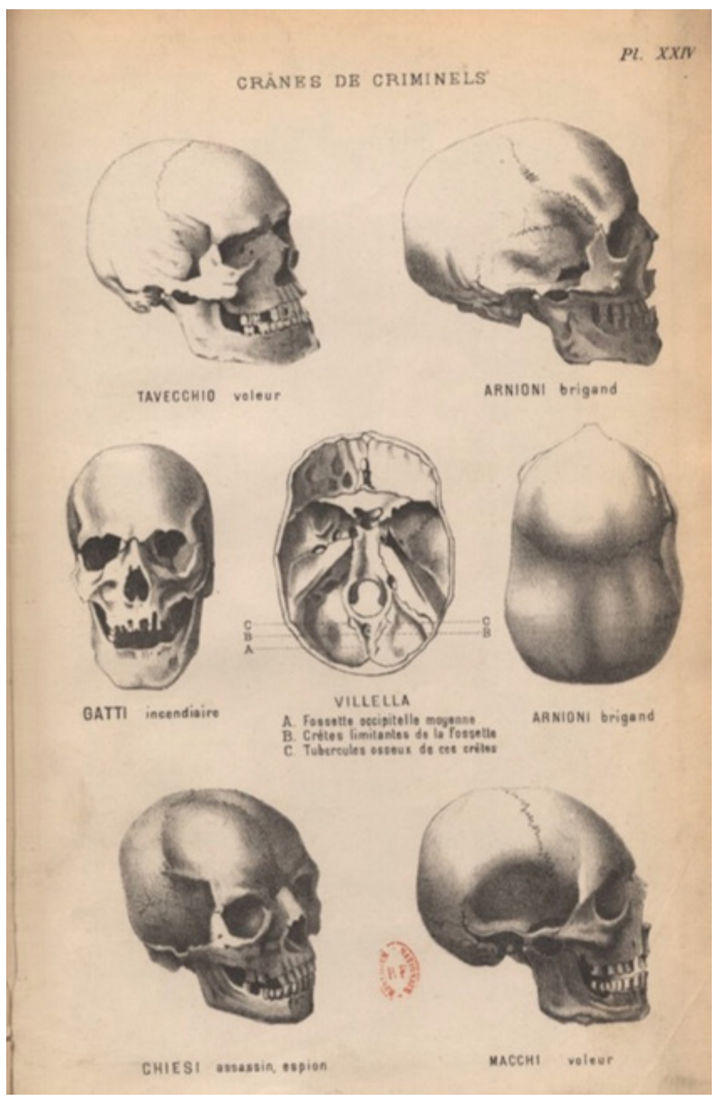


Figura 5: Conjunto de crânios de criminosos. Estudo de Cesare Lombroso. Fonte: LOMBROSO, C. **L'homme criminel :** criminel- né, fou moral, épileptique. Atlas. XXXII Planches. Turim: Camilla et Bertolero, p. 165, prancha XXIV. Volume conservado pela Bibliothèque nationale de France (BnF), gallica.bnf.fr.

Assim, com respaldo científico, o estereótipo sobre não-ocidentais e o racismo daí advindo, somado à circulação comercializada e espetacularizada de grupos étnicos na

Europa, forma, no bojo do século XIX, a imagem do *negro como primitivo*. Tendo colocado alguns dos elementos históricos, sociais e políticos que envolveram a criação dessa associação e seu desenvolvimento, nas páginas seguintes nos deteremos aos modos como esses entendimentos atravessaram algumas posições que o homem e a mulher de cor preta tiveram nas artes visuais nos anos seguintes e de que maneira alguns dos preconceitos indicados acima ainda persistem na contemporaneidade.

Aspecto 2: (Re)interpretação artística no século XX: um preconceito bem intencionado?

Nas primeiras décadas do século XX, um novo entendimento da relação entre culturas africanas e o termo *primitivo* foi elaborado por artistas e teóricos, em contraposição à associação pejorativa do *negro como primitivo* produzida e difundida no século anterior. Embora, no campo das artes visuais, o vocábulo já tivesse outrora sido aplicado às pinturas de Paul Gauguin[56] e sobre as referências que o cubismo de Pablo Picasso fizera às máscaras africanas, foi no contexto do dadaísmo e do surrealismo europeus que o termo pôde ser associado a um engajamento artístico anti-racialismo, apresentado em uma prática artística *sui generis* sobre o outro não-ocidental.

---

56 Aqui, deve-se diferenciar duas aplicações do termo. Uma diz respeito ao uso como adjetivo para o enquadramento das pinturas de Gauguin, outro é o próprio uso que o artista fará desse vocábulo para se referir aos nativos do Taiti, em viagem realizada em 1891, experiência a respeito da qual ele responde, quando perguntado sobre o porquê fora ao Taiti: “Eu tinha sido seduzido por essa terra virgem e por sua raça primitiva e simples; eu voltei até lá e ainda retornarei outras vezes. Para fazer algo novo é preciso remontar às fontes, à humanidade em sua infância. A Eva da minha escolha é quase um animal; eis porque ela é casta, mesmo estando nua. Todas essas Vênus expostas no Salão são indecentes, odiosamente lascivas…”. GAUGUIN, P. **Oviri, écrits d’un Sauvage**, 1895. (tradução nossa)

Parte dessa originalidade estava no modo como essa rede de artistas e teóricos abordava e dialogava com o conhecimento disponível na época sobre grupos étnicos, notadamente, culturas africanas inseridas nos empreendimentos de colonização europeus da África subsaariana. Ao invés de manejarem, por exemplo, objetos etnográficos advindos desses povos para a composição do vocabulário imagético de suas poéticas a exemplo do cubismo, as vanguardas europeias em questão argumentavam a recuperação e a valorização de aspectos de culturas africanas como desencadeadores de experiências artísticas singulares. Isto visto que essas fontes seriam, segundo a leitura realizada, representantes de uma sensibilidade própria da relação que esses povos preservavam com a natureza; uma sensibilidade argumentada como perdida no homem ocidental. Assim, nessas vanguardas, os vocábulos *pureza* e *selvageria* – que compunham, como definição de *primitivo,* as teorias preconceituosas da antropologia oitocentista sobre o outro não-ocidental – são deslocados à acepção positiva. Elabora-se, em seu lugar, uma espécie de "estética do primitivo" como caminho para a ruptura necessária das tradições e valores ocidentais.

A produção artística à qual nos referimos debuta na *Revolta Dada* em Zurique, em 1916, e em sua crítica a valores tradicionais que, segundo o movimento, teriam culminado nos horrores da Primeira Guerra mundial. É como parte de um engajamento contrário às posições armamentistas que muitos artistas e teóricos se apropriaram de produções artísticas provenientes de culturas africanas (negras), observando-as também por um olhar primitivo. Porém, ressaltou-se nelas uma espécie de purismo transcendental de compreensão e de relação com o mundo, mui estimado quando comparado aos modelos de convivência de uma sociedade e indivíduos ocidentais considerados corrompidos.

Sob a justificativa de tentar recuperar traços ancestrais, as experimentações e os discursos dadaístas formulados sob esse entendimento positivo da figura de um homem primevo fizeram uso assíduo de coleções etnográficas como fontes de uma nova estética, desenvolvida em noites de performances, poemas, *assemblages*, danças e produções de máscaras e vestimentas inspiradas nas culturas africanas. Todavia, mais do que constituída por apropriações temática e formal de objetos etnográficos advindos de culturas extra-ocidentais, essa "estética do primitivo" propunha uma mudança de pensamento visual que atingia desde temas e suportes artísticos tradicionais até o modelo clássico de artista, incentivando, em seu lugar, produções coletivas e uma consciência de arte como ação [*l'art en tant qu'attitude*][57]. No Cabaré Voltaire, poetas, artistas e críticos, dentre os quais Hugo Ball, Tristan Tzara e Sophie Tauber-Arp, se encontravam periodicamente e davam prosseguimento às *soirées dada*: noites de fruição artística e de resistência das associações comuns sobre o outro não-ocidental, potencializando esse lugar de alteridade como caminho possível de redenção para as culturas ocidentais[58].

---

57 Vale lembrar que a própria nomeação do dadaísmo, realizada na abertura aleatória de um dicionário de francês em uma reunião de seus participantes no Cabaré Voltaire, que culminou na escolha do termo "dada" (em português, *cavalinho de pau*), já anunciava o desejo do movimento artístico em romper com as normas de cognição ocidentais.

58 Um exemplo paradigmático desse vínculo entre Dada e cultura material africana foi a exposição "Dada Africa", realizada no Musée de l'Orangerie em Paris em 2017. Na mostra, objetos antropológicos foram tratados como fontes e influências fora da Europa no dadaísmo europeu. Do subtítulo da exposição aos rótulos que informavam sobre os nomes dos artistas e a origem dos objetos antropológicos, houve um esforço da curadoria para reformular algumas categorias históricas de acordo com as quais a crítica de arte opera, para incluir discussões pós-coloniais no campo das artes contemporâneas. Pesquisas posteriores nos dirão se o projeto de fato teve sucesso. Para mais informações sobre a exposição, conferir: https://www.musee-orangerie.fr/fr/evenement/dada-africa-sources-et-influences-extra-occidentales.

Os últimos anos de existência fecunda do radicalismo dadaísta coexistiram com o início do surrealismo francês, inaugurado oficialmente em 1924 pelo primeiro Manifesto do Surrealismo de André Breton. Nessa “segunda” vanguarda, o sentido positivo de primitivo instaurado no Dada foi mantido. O vocábulo também era associado a um estado de consciência (ou inconsciência) primeira, pura, para além de todo controle racional e/ou preocupação moral, de modo a exaltar-se uma ideia de um homem selvagem, insubmisso às convenções sociais. Também no surrealismo, esse *primitivo* é formulado como novas maneiras de criação artística, em substituição a suportes mais tradicionais. As novas formas são poemas produzidos ao acaso, jogos de perguntas e respostas sem sentido, *cadavre exquis*, *flottage*, dentre outras práticas que celebravam o automatismo do pensamento como via de contato a uma condição humana primeva; exercícios simples, extremamente pedagógicos, como porta de escape de um mundo racional.

Não obstante as proximidades e inflexões, o sentido positivo de *primitivo* no contexto do surrealismo avança em relação às proposições dadaístas, pois faz uso dos manejos plásticos aqui apresentados para elaborar outrossim uma crítica estruturada contra pensamentos e culturas imperialistas-coloniais. Um dos exemplos dessa posição ativa é a recusa da separação entre arte ocidental e arte não-ocidental, da qual os objetos eram referidos constantemente apenas como artefatos, sob a justificativa de apresentarem-se isoladamente de seus locais de uso como rituais e atividades cotidianas. As fotografias de Man Ray, nas quais vemos a justaposição desses dois aspectos dentro de um mesmo enquadramento, são suficientes para notar a provocação proposta pelo surrealismo. Em “Noire et blanche” (1926), uma mulher de pele branca deita a cabeça sobre a superfície de uma mesa. Ela sustenta, em posição perpendicular

à mesa, uma máscara étnica. Os rostos parecem compartilhar a mesma expressão: os olhos estão fechados e as pálpebras visíveis, as sobrancelhas ligeiramente arcadas se alongam até as extremidades das faces, os cabelos presos de forma contida e elegante, a maquiagem dos lábios da modelo que imitam a forma vista na máscara... Tão somente na descrição desses traços análogos, a cor da pele, acentuada pelo p&b da fotografia, se perde[59]. Nem mesmo o nome da imagem retoma essa diferença. Isto porque Man Ray escolhe posicionar seu título de modo inverso à sua composição fotográfica: da esquerda para direita, a despeito do que nossos olhos podem nos dizer, o fotógrafo do surrealismo é claro, a modelo é negra e a máscara é branca. Desse modo, o artista mescla as posições e assertiva sobre a inviabilidade das categorias, da mesma forma que ele fará com uma série de fotografias em que contrasta práticas artísticas de proveniência europeia e outras, nomeadas de extra-ocidentais.

59 A imagem pode ser consultada no *link*: https://www.christies.com/lotfinder/Lot/man-ray-1890-1976-noire-et-blanche-1926-6105841-details.aspx.

Figura 6: Cartaz de propaganda para a Exposição Colonial Internacional de 1931. Texto: "Caminhos de Ferro Francês. Visite a Exposição Colonial Internacional – Paris, maio-novembro 1931". Litografia colorida, 99 x 62 cm. Autor: Dransy. Impresso por Vercasson. Fonte: Bibliothèque nationale de France (BnF), gallica.bnf.fr, Departamento de Estampas e Fotografia. Documento de domínio público. Reprodução sem fins comerciais autorizada pela fonte.

Outra posição ativa do surrealismo foi o engajamento direto que os agentes do movimento tiveram contra uma das Exposições Coloniais mais emblemáticas: a *Exposition Coloniale Internationale*, realizada em Paris, em 1931 (Figura 6). Tal como as mostras anteriores, a exibição também propunha a propaganda colonial como espetáculo de exotismo. Entretanto, diferentemente das edições precedentes, o evento de 1931 foi alvo de uma grande represália organizada pela classe artística, que fez uso massivo das plataformas editoriais ligadas ao movimento[60] para desenhar uma chamada popular de rejeição ao evento, por meio de imagens, montagens e textos que

60 Dentre as publicações mais importantes estão: **Le Surréalisme au service de la Révolution** (de 1930 a 1933) e **La Révolution Surréaliste** (de 1924 a 1929).

denunciavam a violência das ações colonizatórias. Parte dessa campanha foi realizada pela publicação do manifesto de duas páginas “Ne visitez pas l’Exposition Coloniale” [Não visitem a Exposição Colonial], assinado por André Breton, Yves Tanguy, Paul Éluard, Benjamin Péret, Louis Aragon, Georges Malkine, dentre outros, que conclamavam um boicote à Exposição[61].

Dentre as críticas elencadas na carta aberta, sublinhava-se (1) o assalto colonial empreendido pela França à África e à Ásia e que culminara no enriquecimento da nação europeia, (2) a copiosa escravidão mascarada por um discurso de bondade imperialista aos nativos, (3) os testemunhos de viajantes acusados como relatos interessados, (4) a propaganda governamental de recrutamento do exército que prometia “uma vida fácil e cheia de negras por todos os lados”[62] como vantagens aos alistados e enviados às colônias e (5) o projeto de construção de soberania da “Grande France”, levado a cabo pela soma de forças entre Estado e burguesia. Em meio a essas queixas, um trecho nos chama a atenção, posto que retoma a falsa dicotomia pejorativa produzida entre brancos e negros. Nele lê-se,

> Mas que trabalho forçado – ou livre – [dos nativos nas suas próprias terras] preside essa troca monstruosa com homens cuja moral nós tentamos aprender por meio de testemunhos raramente desinteressados, homens que são autorizados a manterem-se menos pervertidos do que nós, e isto é dizer pouco, talvez iluminados sobre os verdadeiros fins da espécie humana como nós não o somos sobre o saber, o amor e a bondade humana, esses homens dos quais nos distinguiríamos apenas pela nossa

---

61 O texto completo do manifesto está disponível em: http://www.andrebreton.fr/work/56600100711050.

62 No texto original: “[…] une vie facile, des négresses à gros nénés […]”. O excerto é citado aqui na intenção de se fazer notar o termo pejorativo “négresses” utilizado.

qualidade de brancos, nós os chamamos de homens de cor, nós os homens sem cor, que fomos tomados unicamente pela potência da metalurgia europeia, em 1914, de acabar com a própria pele tão somente por um monumento funerário coletivo muito baixo (BRETON *et al.*, Ne visitez pas l'Exposition Coloniale, 1931, p. 1).

No trecho, a crítica à alteridade baseada na cor da pele é nítida. Contudo, ela se apresenta ao lado de um elogio sobre esse "homem de cor" já presente no início do dadaísmo e do surrealismo. Assim como as práticas artísticas elaboradas nesses e por esses movimentos, a proposta de boicote à Exposição Colonial de 1931 também sublinha a adjetivação desse outro como aquele que escapou de ser corrompido pelas regras da civilização ocidental, mais especificamente, um homem que teria reservado atributos verdadeiros da espécie humana, em contraposição àquele que empenhou-se na Primeira Guerra mundial. Nisto, podemos sugerir que esse posicionamento anticolonialista é atravessado pela valorização de um purismo sobre esse outro não-ocidental que, de acordo com o excerto transcrito acima, deve ser levado em conta e mesmo, admirado.

Em poucos anos de existência, o dadaísmo e o surrealismo europeus produziram uma quantidade enorme de impressos, ações e objetos artísticos de oposição ao imperialismo colonialista europeu, os quais jamais poderiam ser apresentados nesse texto em sua completude. Os exemplos aqui dispostos foram selecionados com o objetivo de propormos um ponto de vista criticamente atualizado sobre a figura de um homem preto no contexto dessas vanguardas que, durante a colonização, saíram em defesa desse outro, alvo da colonização. Com base nos casos apresentados, podemos sublinhar que, em várias situações, essa asserção ao colonialismo era perpassada por um entendimento positivo da noção de *primitivismo* a qual esses

povos não-ocidentais eram associados. Ao invés da selvageria como sinômino de uma predisposição à violência, grupos étnicos guardariam certa incultura, pois não teriam sido expostos à perversão do civilizacionismo ocidental.

Nas ações artísticas do dadaísmo e do surrealismo, o homem europeu era convidado a retomar essa vivência primitiva por meio da arte. Sem embargo, discorremos anteriormente, a partir de trechos dos relatos de Bougainville, que um sentido positivo do termo *primitivo* (e seus correlatos) aplicado a povos não-ocidentais é, na ordem dos discursos do século XVIII, somente ilusório. A despeito das boas intenções, tal uso carrega, assim como os manejos claramente negativos e preconceituosos, um preconceito latente, edificado sobre um estereótipo do homem não-ocidental, notadamente, o negro africano. Essa imagem pré-concebida ignora a particularidade de sua cultura, pois a visualiza a partir de uma posição também de observador conhecedor, que avalia esses outros modos de vida em relação ao seu próprio e, mesmo elogiando certa inocência, pureza e selvageria, admite-se em um estado de evolução distinto, enquanto reconhece nesse outro um estado atávico da humanidade, portanto, menos desenvolvido, quer seja para o bem, quer seja para o mal.

De certo, as boas intenções se concretizam em ações plásticas e a importância desses movimentos artísticos é inquestionável sobre vários aspectos. O objetivo não é negar esse cenário por uma tese de um racismo inerente a algumas vanguardas europeias. A proposta do presente texto é introduzir um questionamento sobre a possibilidade de um preconceito histórico e naturalizado no próprio campo da arte, que persiste no cenário contemporâneo. Para tanto, é necessário compreender que se considerarmos o preceito que opera sobre a noção de *primitivo* nos séculos XVIII e XIX e o direcionamento máximo sobre a imagem do homem *negro como personificação desse*

primitivo, é possível aferir que, sob esses termos, as intenções vanguardistas de contrapor os modelos racistas da época pelo elogio de culturas ditas primitivas não tiveram sucesso, tendo em vista que criticou-se apenas parcialmente a desigualdade estabelecida entre homem ocidental e não-ocidental. Ao invés de propor contextos distintos de culturas, o dadaísmo e o surrealismo, no uso da noção de *primitivismo*, mantiveram-se no entendimento linear dessas relações.

Essa ausência de crítica mais profunda e o problema que ela sintomatiza podem ser mais bem esclarecidos à luz do livro "Isto Não é Magia; é Tecnologia: subsídios para o estudo da cultura material e das transferências tecnológicas africanas 'num' novo mundo" (2013), de Renato Araújo da Silva. Em seu texto, Renato busca identificar e examinar as heranças de tecnologias africanas nas Américas, muitas delas importadas durante os períodos escravocratas. Cuidadosamente, o autor retoma a especificidade de povos da África subsaariana, muito mais heterogênea do que a divisão nacionalista moderna permite demonstrar[63], pontuando o desenvolvimento de subsídios tecnológicos adequados aos respectivos modos de vida e necessidades de cada etnia – o que significa, por vezes, identificar o desenvolvimento de instrumentos e ferramentas semelhantes em povos que, de acordo com as narrativas históricas, não teriam tido qualquer contato entre si.

Nessa análise original, Renato sublinha o vínculo intrínseco entre magia e tecnologia em diferentes sociedades. Segundo o autor, mesmo os avanços tecnológicos ocidentais necessitam contar com certa crença no objeto desenvolvido, sem a qual nem o projeto de criação teria sido elaborado. O problema,

63 Cf. SILVA, R. A. da. **Isto não é Magia; é Tecnologia:** subsídios para o estudo da cultura material e das transferências tecnológicas africanas 'num' novo mundo, 2013.

no entanto, é que na leitura preconceituosa da alteridade entre o progresso da indústria ocidental e o desenvolvimento manufaturado africano, o segundo não foi observado por sua relevância tecnológica. Suas ferramentas, hábitos e costumes foram vistos apenas como objetos rudimentares, posto que se ignorava a utilidade cultural de cada invenção. A tecnologia africana desenvolvida “pelas mulheres que precisavam carregar seus bebês pequenos e trabalhar ao mesmo tempo” (SILVA, 2013, p. 12) na África subsaariana, semelhante àquele que as mulheres Pécherais utilizam, foram vistas por Bougainville, por exemplo, com espanto, pois, segundo o navegante, elas “carregavam as crianças nas costas, dobradas na pele [de lobo] que lhes serviam também de vestimenta” (BOUGAINVILLE, 1769, p. 52, tradução nossa).

A negação desse aspecto tecnológico nos povos de origem africana se fez pela afirmação exarcebada do aspecto mágico, traduzido em uma relação genuína com a natureza. O domínio da flora, da fauna e as formas de organizar o convívio entre seres eram tomados como crenças, superstições e uma potência específica desse homem natural, primitivo. Ao invés de suas criações serem associadas a desenvolvimentos ainda desconhecidos, o homem ocidental relacionou seus modos de vida a um misticismo incompreensível, mesmo se considerarmos que nessas culturas “o mago, o curandeiro (e em menor grau o feiticeiro), [enquanto] técnicos do mistério da vida [,] certamente respond[iam] à tradição aprendida mais que a seus próprios instintos e crenças supersticiosas” (SILVA, 2013, p. 31). Tal interpretação condicionada determinou valores de superioridade e inferioridade nos olhares direcionados a essas culturas, que não ocorreriam se as diferenças tecnológicas tivessem sido associadas, segundo afirma Renato, à “diversidade de necessidades que os grupos humanos têm e não à substituição

ou imposição de uma necessidade de um grupo sobre os outros" (SILVA, 2013, p. 27). Diante disso, é passível afirmarmos que também a associação bem-intencionada da cultura africana ao aspecto mágico e primário pelas vanguardas europeias prescindiu outrossim da inteligência tecnológica desses povos. Portanto, tal ação recai sobre o mesmo preconceito que fundou o racialismo do século XVIII: uma comparação desproporcional entre um homem europeu moderno.

Aspecto 3: Dúvidas sobre uma retomada contemporânea

O tópico é breve e serve apenas como enunciado de uma questão difícil de ser respondida. A partir de 1989, a ideia de *primitivo* voltou a circular na cena artística contemporânea enquanto ferramenta de análise de artes provenientes do circuito exterior ao eixo Europa-Estados Unidos. Essa retomada, entretanto, vem hipoteticamente distanciada do racialismo oitocentista. Afinal, nos avanços dos estudos antropológicos, as teses raciais já foram rejeitadas pela absurdez de suas proposições. Não obstante, o sentido de primitivo (e seus derivados) que se vê reativado como chave analítica da crítica de arte contemporânea remonta claramente às proposições semânticas do termo elaboradas no dadaísmo e no surrealismo e outras manifestações de uma *fantasia primitivista* (FOSTER, 2005) sobre grupos étnicos que marcaram a primeira metade do século XX. Seu uso precisa ser refletido dentro das mesmas problemáticas que colocamos no tópico anterior, a saber, a procedência da crítica política desse termo ou a sua reativação de um antigo preconceito deslocado ao campo artístico como boa intencionalidade.

A fim de exemplificarmos a reativação do uso do positivista do termo nas vanguardas europeias, tomemos o caso da exposição de arte *Magiciens de la Terre*, realizada justamente em 1989, no Centre Georges Pompidou, com curadoria de Jean-Hubert Martin[64]. Com a pretensão de reunir diferentes artes advindas de todas as regiões do mundo, mas sem, contudo, fazer uso de categorias tradicionais de mediação artística, a exposição foi recebida por uma grande parte da crítica especializada como uma proposição original e ela continua a ser vista como disrupção de modelos ocidentais, apesar dos termos utilizados, que retomavam a ideia de arte não-ocidental inscrita em uma espécie de *primitivismo transcendental* atualizado. Além do mais, fazia referência explícita aos escritos do surrealista Breton sobre a potência mágica das "artes negras". A exposição, anunciada como uma nova postura globalizada das artes contemporâneas, inauguraria ela um novo tempo das artes por meio do uso de valores artísticos ainda problemáticos?

Arte *contra* arte: considerações finais

No Brasil contemporâneo, artistas que reconhecem um diálogo entre sua produção artística e heranças africanas têm um trabalho difícil a realizar. Em um país de ferida escravocrata ainda aberta e no qual o circuito artístico é dominado por uma elite branca, a tarefa mais árdua é trazer visibilidade a uma arte específica, sem contudo cair nos tentáculos das redes corrompidas, que usam o tema "afro" como ferramenta publicitária para se inserir nas agendas do circuito artístico internacional. O reconhecimento dessas ações vestidas com a roupagem do politicamente correto não é impossível. O "discurso primitivista" é uma de suas principais características.

---

64 Sobre detalhes da exposição, conferir: https://magiciensdelaterre.fr.

Ele é solicitado na materialidade dos trabalhos, na justificativa da qualidade dos artistas por meio de sua história pessoal (na qual se deve reconhecer uma hereditariedade africana), na venda publicitária de um exotismo e mesmo na precariedade intencional das curadorias, que expõem em mesas escolares os emblemas de uma arte forte, reduzindo-a a um estereótipo de cores vivas, tranças e adereços, sem que qualquer desses elementos receba o *status* de tecnologia e de tradição pelos quais foram desenvolvidos.

Temos, diante dessas organizações, a impressão de adentrarmos em um *zoológico humano contemporâneo*, no qual artistas e práticas artísticas são dispostos em uma *mise-en-scène* adequada que apresenta os "bons artefatos brasileiros e nossos bons negros", sem questionar o enquadramento dessas categorias e os pontos de vista a partir dos quais elas são construídas. No entanto, ao invés de lutar contra um imperialismo, os artistas que se veem diante desse cenário perverso, quando não desejam voluntariamente sucumbir a um vitimismo ou aproveitar o sucesso dessa negritude interessada, têm à frente o desafio de colocar *a arte contra ela mesma*, e fazer da potência disruptiva desse campo a ferramenta para o anúncio de um caminho poético que reconheça riquezas ancestrais específicas e não apenas estereótipos folclóricos e exóticos sobre "artes negras", para, por fim, como sublinha o artista Tiago Gualberto[65] (2018, min. 20:45), "compreender a arte afro-brasileira livre de racismos biológicos, ainda que os apresente em termos políticos".

---

65 Tiago Gualberto desponta na cena artística contemporânea como um desses artistas que jogam a arte contra ela mesma, por meio de seus trabalhos. Para conhecer mais sobre sua produção, acesse: https://www.flickr.com/people/tiagogualberto/.

Uma possibilidade de incentivo dessa compreensão em produções artísticas são os conjuntos de gravuras e aquarelas “Nariz” (2013) (Figura 7) e “Magia Negra” (2010-2012) (Figura 8 e 9), de Tiago. Suas imagens retomam o vocabulário visual dos esquemas de estudos fisiológicos do século XIX, *à la* Galton, Bertillon e Lombroso. Não obstante, o artista maneja essas formas sem aferir nenhuma conclusão, nem sequer caracterizações, sobre as feições que apresenta. Nas gravuras, cujas matrizes são feitas de isopor, os perfis masculinos são acompanhados de linhas que atravessam e circundam as cabeças. Aparentemente inócuos, esses tracejados despretensiosos ligam o(s) narize(s) do título aos demais traços físicos dos rostos, relacionando as formas faciais sem determiná-las – em muitos casos, as linhas insinuam movimentos mais poéticos, envolvendo a cabeça com o ar que sai das narinas.

Na série de aquarelas, os personagens pretos são azuis. Cada detalhe de suas fisionomias faciais, ou da composição corporal entre a mulher que carrega uma criança no dorso fazendo uso da tecnologia mencionada no livro de Renato ao qual fizemos referência, é indicado e numerado como objetos de estudo. No entanto, mais uma vez Tiago não sugere qualquer legislação sobre as imagens que dispõe. Ele as apresenta. Mas no vazio da página em branco em que circundam as aquarelas e na particularidade de cada linha que perpassa os perfis das gravuras, o artista recusa os tipos sociais, os reducionismos e os estereótipos que poderiam ser aferidos. Essa sua recusa se dá aos olhos de um espectador que pode dar sequência a essa rejeição, importar e impor um regulamento dos corpos já estabelecido, ou se aventurar em novas experiências, dentre as quais, refletir sobre as possibilidades que a ausência de pré-determinações oferece: a potência das relações sociais, muito além de estereótipos e do racismo que esse tipo de olhar pode

promover. Assim, a proposta de uma *arte contra ela mesma* convoca também um público, que nesta condição pode participar desse desafio junto aos artistas, declinando fortemente o convite sedutor a espetáculos de conhecimento do outro por meio de exposições repletas de exotismo. O que significaria, no Brasil de população de maioria preta e parda, negar a *mise-en-scène* de nós mesmos, encenada para o nosso próprio olhar. E que alteridade cruel esta, convencer o Outro de que ele é a imagem estereotipada que dele se fez.

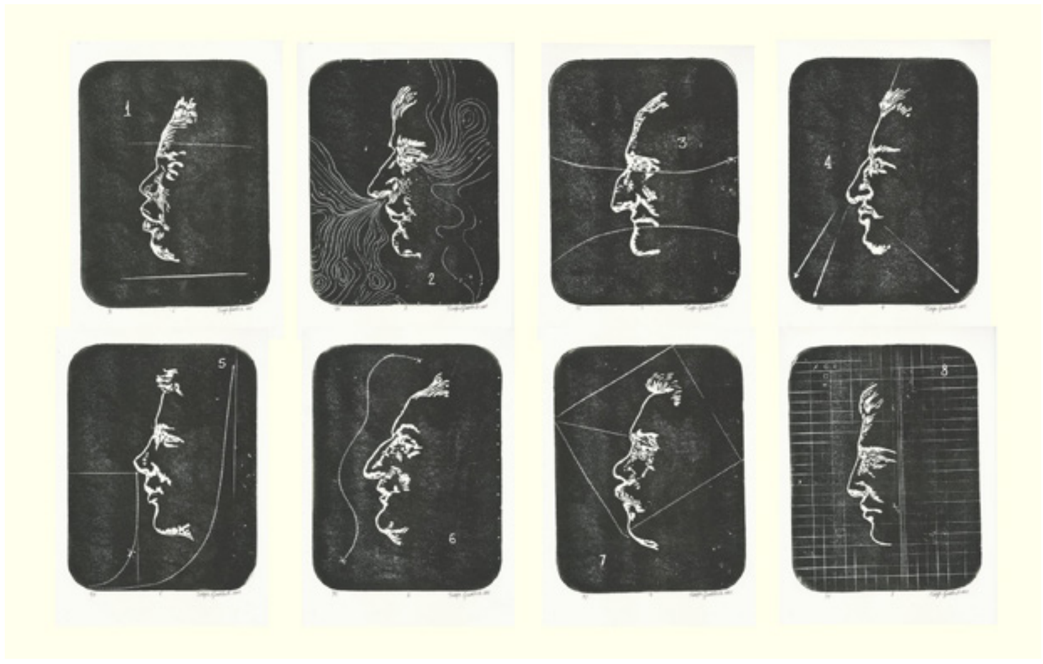


Figura 7: Série “Nariz” (2013), de Tiago Gualberto.

Técnica: matriz de isopor sobre papel, 22 x 30 cm. © Tiago Gualberto. Cortesia do artista

Figura 8: Da série “Magia Negra” (2010-2012), de Tiago Gualberto. Técnica: Aquarela, 30 x 42 cm. © Tiago Gualberto. Cortesia do artista.

Figura 9: Da série “Magia Negra” (2010-2012), de Tiago Gualberto. Técnica: Aquarela, 30 x 42 cm. © Tiago Gualberto. Cortesia do artista.

Referências

BANCEL, N.; BOËTSCH, G.; DEROO, É.; LEMAIRE, S.; BLANCHARD, P. (dir.). **Zoos humains –** au temps des exhibitions humaines. Paris: Le Decouvert, 2002.

BERTILLON, A. **Ethnographie moderne:** les races sauvages. Paris: G. Masson, 1883.

BOUGAINVILLE, L.-A. de. **Voyage au tour du monde**. Subsídio digital. 1769. Disponível em: http://franceinfo.us/03_books/books/bougainville_voyage-autour-du-monde.pdf. Acesso em: 08 nov. 2018.

BRETON, A. **L’Art magique**. Paris: Club Français du Livre, 1957.

DEMEULENAERE-DOUYERE, C. (dir.). **Exotiques expositions…** Les expositions universelles et les cultures extra-européennes. France, 1855-1937. Paris: Somogy; Archives nationales, 2010.

DERLON, B.; JEUDY-BALLINI, M. **Arts premiers et appropriations artistiques contemporaines**. Roma: Gangemi Editore, 2017.

FLORES, M. B. R. **Tecnologia e estética do racismo:** ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007.

FOSTER, H. **Le Retour du réel**. Situation actuelle de l'avant-garde. Traduction Yves Cantraine, Frank Pierobon e Daniel Vander Gucht. Bruxelles: La lettre volée, 2005.

GALTON, F. **Hereditary Genius**. Londres: Friedman, 1978.

GUALBERTO, T. **Perspectivas sobre a Arte Afro Brasileira**. Conferência pública realizada no Museu de Arte de São Paulo (MASP) no dia 10 de março de 2018, no ciclo Encontro do MASP Professores. Subsídio digital. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VZKdXM87bwg. Acesso em: 08 nov. 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEDGES, I. K. **Languages et révolte**: dada et surréaliste literature and film. Durham, N. C.: Duke University press, 1983.

HUYSSEN, A. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas de memória. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Artes do Rio, 2014.

JONES, D. (ed.). **Dada culture:** critical texts on the avant-garde. Amsterdam; RODOPI, 2006.

Magiciens de la terre (Catálogo da exposição). Paris: Centre Georges Pompidou, 1989.

SEKULA, A. **The Body and the Archive**, v. 39, p. 3-64, October, Winter, 1986.

STOCKING JR., G. W. R. **Culture and Evolution:** Essay in the History of Anthropology. Chicago: University of Chicago Press, 1968.

SILVA, R. A. da. **Arte Afro Brasileira:** Altos e Baixos de um Conceito. São Paulo: Ferreavox, 2016.

SILVA, R. A. da. **Isto não é Magia; é Tecnologia**: subsídios para o estudo da cultura material e das transferências tecnológicas africanas ‘num’ novo mundo. São Paulo: Ferreavox, 2013. Disponível em: https://fr.scribd.com/document/345392630/SILVA-Renato-araujo-da-Isto-nao-e-magia-e-tecnologia. Acesso em: 15 out. 2018.

Estereótipo e ciberfeminismo

Julia Lourenço Costa

Primeiras palavras: sobre o ciberfeminismo

O ciberespaço, compreendido como "espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores" (LÉVY, 2010, p. 92) teceu novos caminhos para a comunicação, a partir de um contínuo sem fronteiras, "que mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa" (LÉVY, 2010, p. 129).

O desenvolvimento de novas tecnologias, do ponto de vista do ativismo ligado aos movimentos sociais, horizontalizou as lutas contemporâneas antes marcadas pela hierarquia dos valores verticais da industrialização (CASTELLS, 2001). O chamado *ciberativismo*, concebido a partir da utilização da internet por parte dos movimentos sociais, procura se utilizar da rede digital para promover a mobilização e divulgação de causas políticas.

O feminismo – dentre tantos movimentos sociais que se apropriaram das ferramentas digitais para se (re)articular – também procurou dar voz às mulheres através dos meios de comunicação contemporâneos. O chamado ciberfeminismo, apesar de escancarar o próprio movimento enquanto heterogêneo, mantém um núcleo comum determinado pela defesa da identidade e do papel social da mulher segundo novos paradigmas. De acordo com Joanne Lalonde (2012, p. 8-9),

> [...] o ciberfeminismo é uma das importantes manifestações do ativismo na internet. O termo ciberfeminismo apareceu nos anos 1990, emergindo simultaneamente de fontes diferentes. Compreendemos, habitualmente, que o surgimento do termo foi em 1992, nas manifestações artísticas do VNS Matrix na Austrália e nos trabalhos teóricos de Sadie Plant. Portanto, é

nos anos 2000 que o ciberfeminismo eclode em toda sua complexidade, juntamente com o crescimento da acessibildade da Web. O termo ciberfeminismo evolui rapidamente e se desenvolve em diferentes frentes, abarcando problemáticas variadas que poderíamos reagrupar sob a compreensão geral enquanto relação entre as mulheres e a tecnologia, a partir de uma perspectiva feminista.

Ocupando os espaços digitais, as mulheres reivindicam seu espaço social e contribuem para a luta feminista de outrora, em linhas bem gerais: da primeira onda (final do século XIX, início do século XX), que questionava os direitos de igualdade a homens e mulheres com base nos direitos humanos; da segunda onda (até 1970), que se preocupou em refletir sobre o modelo patriarcal da sociedade – abordando temas como maternidade, mercado de trabalho e educação; a terceira onda (1990), marcada pelo reflexão interna ao próprio movimento feminista e a preocupação com outras classes social e politicamente excluídas[66].

Estereótipo e ciberfeminismo

Analisar a produção discursiva do ciberfeminismo permite vislumbrar o modo como as novas relações sociais são erigidas por meio da linguagem, pois, no mundo digital, as mulheres (re) constroem e defendem seu espaço de atuação política. As redes sociais, por exemplo, contribuem para dissolver algumas barreiras e permitem um modo de expressão feminista menos limitado. De modo mais específico, podemos analisar a construção do estereótipo ligado ao papel social da mulher e das questões em torno da equidade de gêneros, abordadas pelo ciberfeminismo.

---

66 Consultar DESCARRIES, F. **Teorias feministas**: Liberação e Solidariedade no Plural. Brasília: Textos de História, 2000.

Ancorados na Análise do discurso francesa, pretendemos neste texto refletir cientificamente sobre a mobilização discursiva do movimento ciberfeminista, tomando como ponto de ancoragem mais específico o conceito de estereótipo, foco deste livro. Dessa maneira, para Amossy (2008, p. 125-126),

> [...] a estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida no interior da qual ela o classifica.

Podemos afirmar, desse modo, que antes da interação linguístico-discursiva entre os coenunciadores pressupostos, ambos já se ancoram em esquemas, que funcionam como pré-construídos, antecipando imagens um do outro – esquemas coletivos de representação cultural. Para que tais imagens sejam reconhecidas, é preciso elas que estejam assumidas em uma doxa, isto é,

> [...] palavra emprestada do grego que designa opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas. A doxa corresponde ao sentido comum, isto é, ao conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas frequentemente, na sua formulação linguística corrente (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 176).

O estereótipo de gênero, como “conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas” (D’AMORIM, 1997) afeta tanto homens quanto mulheres, pois a representação

cultural determina o papel social a ser desempenhado por cada um, assentado em esquemas coletivos cristalizados – os estereótipos. A diferença primordial entre os estereótipos masculinos e femininos está instituída na dominação masculina, como violência simbólica[67].

A reflexão em torno dos conceitos de sexo e gênero[68] – em linhas gerais, o primeiro relacionado ao tipo de aparelho reprodutor do indivíduo e o segundo concebido enquanto construto social da aquisição da masculinidade e da feminilidade – revela as disparidades entre homens e mulheres não só do ponto de vista biológico, mas também social. A masculinidade e a feminilidade

> [...] designam as características e as qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e mulheres. Masculinidade e feminilidade existem e se definem em sua relação e por meio dela. São relações sociais de sexo, marcadas pela dominação masculina, que determinam o que é considerado "normal" – e em geral interpretado como "natural" – para mulheres e homens (HIRATA *et al.*, 2009, p. 101).

A relação entre sexo e gênero revela a estereotipia em seu grau máximo, enquanto "aquilo que permite naturalizar o discurso, esconder o cultural sob o evidente, isto é, o natural" (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 216). A estereotipagem influencia a concepção acerca do *ser homem* e *ser mulher* no seio da vida social: se ao masculino ficam imputadas características como virilidade e força, ao feminino, por sua vez, estão a beleza e fragilidade.

---

67 Consultar BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

68 Consultar BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

O controle social exercido pelo patriarcado e reaproveitado pelo capitalismo exerce um poder sobre o corpo, por exemplo. *Ser mulher* em uma sociedade dominada pela masculinidade significa – ainda na contemporaneidade – ter sua identidade moldada através de dispositivos de dominação masculina, uma vez que

> [...] o homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1946, p. 14).

A diferença entre os gêneros, reforçada ao longo do tempo por meio de diversos dispositivos de comunicação, está calcada em estereótipos de gênero e na identidade do corpo feminino correspondente ao equilíbrio entre a tríade beleza-saúde-juventude (DEL PRIORE, 2000). Segundo Amossy e Pierrot (2011, p. 47), "o estereótipo aparece, antes de tudo, como um instrumento de categorização que permite facilmente distinguir um 'nós', de um 'eles'"[69], especificamente o que ocorre na dualidade social estabelecida entre feminino/feminilidade e masculino/masculinidade.

---

69 Tradução nossa do trecho em língua francesa: "le stéréotype apparaît avant tout comme un instrument de catégorisation qui permet de distinguer commodément un 'nous' d'un 'ils'" (AMOSSY; PIERROT, 2011, p. 47).

Ciberfeminismo: estereótipo, meme, ressignificação e tecnografismo

De acordo com Paveau (2017), “o potencial da Web 2.0 permitiu e acompanhou um desenvolvimento significativo do discurso do militantismo feminista, especialmente em termos da natureza e forma dos argumentos”[70]. Do ponto de vista da Análise do discurso, o ciberfeminismo funda uma nova identidade linguística, um novo modo de interação intersubjetiva e de construção argumentativa. Ainda segundo a autora,

> [...] as plurissemióticas possíveis da produção tecnodiscursiva da web permitem, dentre outros processos, a mistura de textos, de sons e de imagens fixas e móveis de toda natureza, o desenvolvimento de uma cultura do *remix* e do *mash-up* que permite um alto grau de reformulação das produções, uma rapidez enorme na circulação dos materiais, e finalmente, um público importante que pode ser mensurado em milhões de receptoras(es)[71] (PAVEAU, 2017, p. 1).

O espírito de reivindicação, característico do movimento feminista em sua origem, é observado no discurso das internautas

---

70 Tradução nossa do trecho original em língua francesa: “ces potentialités du web 2.0 ont permis ou accompagné un développement important des discours du militantisme féministe, notamment sur le plan de la nature et de la forme des arguments” (PAVEAU, 2017, p. 1).

71 Tradução nossa do trecho original em língua francesa: “ces possibles plurisémiotiques de la production technodiscursive native du web permettent en outre le métissage de textes, de sons et d’images fixes et mobiles de toute nature, l’élaboration d’une culture du remix et du mash-up permettant un haut degré de reformulation des productions, une grande rapidité de la circulation des matériaux et enfin une audience importante pouvant se mesures en millions de récepteurs”. (PAVEAU, 2017, p. 1).

como nova forma de ativismo, que renova a apresentação e as vozes do movimento, assim como sua própria identidade. O acesso a web 2.0 proporciona aos enunciadores ordinários – sem conhecimento técnico ou literário – a capacidade de se expressar e de publicar rapidamente, facilmente e gratuitamente (PAVEAU, 2017, p. 3).

Ainda de acordo com a referida autora, existem dois tipos de práticas discursivas com forte coeficiente argumentativo dentro do movimento ciberfeminista: a) a ressignificação e b) uso do tecnografismo (PAVEAU, 2017). Ambas funcionam como forma de reorganização de uma ordem previamente estabelecida – tanto em relação ao movimento feminista, quanto à própria construção discursiva na *web*.

A ressignificação corresponde a um "dispositivo de recuperação de conteúdos semióticos degradantes ou ofensivos com o objetivo de inverter o valor e recuperar os signos como símbolos de orgulho[72]" (PAVEAU, 2017, p. 5); enquanto o tecnografismo se trata de "uma produção semiótica que associa texto e imagem numa composição característica da internet[73]".

De acordo com Paveau (2017, p. 7), "a ressignificação é argumentativa na medida em que ela se constitui enquanto contra-discurso, se opondo a um discurso anterior" e ela confere poder, autonomia e liberdade, funcionando como "poder de ação". Na esteira de Donna Haraway (1984 apud PAVEAU, 2017), Paveau defende o argumento da salamandra:

---

72 Tradução nossa do trecho original em língua francesa: "un dispositif de récupérations de contenus sémiotiques dévalorisants ou offensants dans un but d'en inverser la valeur et d'en récupérer les signes en tant que symboles de fierté" (PAVEAU, 2017, p. 6).

73 Tradução nossa do trecho original em língua francesa: "[J'appelle technographisme] une production sémiotique associant texte et image dans un composite natif d'internet" (PAVEAU, 2017, p. 9).

> Com as salamandras, a regeneração que segue após um ferimento, por exemplo, a perda de um membro, é acompanhado da regeneração da estrutura e da restauração das funções com a constante possibilidade de produção, no lugar do ferimento antigo, da duplicação, ou qualquer outro tipo de resultado topográfico estranho [...] Todas(os) já fomos feridas(os) profundamente. Temos necessidade de regeneração, não de renascimento, e o sonho utópico da esperança de um mundo monstruoso sem distinção de gênero faz parte daquilo que pode nos reconstituir.

Paveau (2017, p. 7) afirma que, assim como as salamandras, "os dispositivos tecno- e sócio-discursivos permitem a criação de processos de ressignificação às vezes elaborados e produtivos, como na salamandra"[74]. A produção de imagens com as quais a mulher deva se identificar, de maneira menos ou mais direta e imposta – tais como estereótipos de gênero ligados à beleza – desencadeia, no discurso *on-line* do ciberfeminismo, argumentação que procura inverter o conteúdo axiológico veiculado.

O movimento ciberfeminista funciona como mobilizador do "argumento da salamandra", isto é, ele traz para o interior da sua formação discursiva os discursos produzidos pela sociedade de base patriarcal[75], promovendo ressignificação. A partir de um processo de regeneração, o ciberfeminismo une as mulheres, *on-line*, em torno da luta pela equidade de gêneros na sociedade.

---

74 Tradução nossa do trecho original em língua francesa: "[En ligne,] les dispositifs techno- et sociodiscursifs permettent de mettre en place des procédures de resignification parfois élaborées et productives, comme chez la salamandre".

75 "O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é sinônimo de 'dominação masculina' ou de opressão das mulheres" (HIRATA *et al.*, 2009, p. 173).

O corpo desempenha papel central neste processo de regeneração atrelado ao “argumento da salamandra”, pois é a partir dele e sobre ele que a mulher discursiviza sua visão de mundo e difunde na *web* os saberes ligados ao movimento feminista. Especificamente sobre o tema *beleza*, o corpo feminino é espaço privilegiado da tentativa de doutrinação e, acima de tudo, onde a transgressão se efetiva.

Breves apontamentos em forma de análise

Neste texto, iremos analisar brevemente a relação interdiscursiva entre dois memes – tecnografismos próprios da manifestação ciberfeminista (PAVEAU, 2017) – que tiveram grande circulação e geraram polêmica nas redes sociais, principalmente por conta da mobilização e ressignificação que promoveram de estereótipos erigidos em torno da imagem ideal de mulher e seu anverso.

Figura 1[76]

76 Disponível em: https://twitter.com/Baduzen/status/1014896134345691136. Acesso em: 19 nov. 2018.

O meme da Figura 1 constrói, do ponto de vista do estereótipo, uma oposição básica instaurada na construção da imagem de mulher: *beleza* alinhada à *submissão* e *feiura* alinhada a *feminismo*[77]. Além disso, seu efeito de humor só é garantido quando ancorado aos valores assentados em estereótipos de beleza, impostos principalmente às mulheres na sociedade patriarcal.

O outro meme que será analisado foi produzido a partir da declaração da apresentadora do programa *Amor & Sexo*, da Rede Globo, Fernanda Lima. Na edição do dia 6 de novembro de 2018, ela encerrou o programa com um discurso que gerou polêmica na internet por ter sido considerado não só feminista, mas também como posicionamento desafiante ao governo do presidente eleito, Jair Bolsonaro[78]:

> Vamos sabotar as engrenagens desse sistema de opressão. Vamos sabotar as engrenagens desse sistema de opressão. Vamos sabotar as engrenagens desse sistema homofóbico, racista, patriarcal, machista e misógino. Vamos jogar na fogueira as camisas de força da submissão, da tirania e da repressão. Vamos libertar todas nós e todos vocês. Nossa luta está apenas começando. Prepare-se porque essa revolução não tem volta. Bora sabotar tudo isso? (REVISTA FÓRUM).

---

77 Para mais exemplos, consultar: 1) https://forum.outerspace.com.br/index.php?threads/37-mulheres-antes-e-depois-do-feminismo.515380/ e 2) http://omarxismocultural.blogspot.com/2017/11/como-o-feminismo-destroi-beleza-feminina.html

78 Presidente do Brasil eleito, que sofreu muitas críticas durante sua campanha eleitoral devido a declarações claramente machistas, homofóbicas, racistas e xenófobas.

A polêmica, enquanto “debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura” (AMOSSY, 2017, p. 49), foi instaurada pelo discurso da apresentadora que suscitou manifestações de apoio, crítica e revolta.

É importante sublinhar que as campanhas eleitorais para presidência do Brasil em 2018 polarizaram o debate em torno de variados temas social e politicamente relevantes, tal como o papel social da mulher na sociedade brasileira. Decorre deste fato tanto a fala da apresentadora ter sido encarada enquanto enfrentamento em relação ao presidente eleito, quanto a repercussão que teve uma postagem do apoiador de Bolsonaro, o cantor Eduardo Costa, rebatendo o posicionamento da apresentadora que circulou na internet:

> Mais de 60 milhões de brasileiros e brasileiras votaram no Bolsonaro e agora essa imbecil com esse discurso de esquerdista!!! Ela pode ter certeza de uma coisa, a mamata vai acabar, a corda sempre arrebenta pro lado mais fraco e o lado mais fraco hoje é o que ela está (REVISTA FÓRUM).

Com base no debate polêmico gerado entre o discurso de Fernanda Lima e de Eduardo Costa, foi criado um meme, que traz a seguinte frase funcionando como título: “O cara diz: Essas feminista é tudo mal amada, nenhum homem quer aí vira feminista”, seguida da foto de Fernanda Lima – com a legenda: “A feminista”, a foto do marido de Fernanda Lima, Rodrigo Hilbert[79]

---

79 Rodrigo Hilbert foi o precursor do título “Homão da porra: expressão que virou meme na internet. É usada para se referir a algum homem que faz atos admiráveis, corajosos” (DICIONÁRIO INFORMAL).

– com a legenda: “Marido da feminista” – e a foto de Eduardo Costa – com a legenda: “O cara”. Como é possível observar na Figura 2:

Figura 2[80]

O meme anterior (Figura 1) remete, por um lado, à construção do estereótipo da mulher submissa à dominação masculina e, por isso, alinhada aos padrões de beleza estabelecidos; por outro lado, constrói a insubmissão do ativismo feminista alinhada à feiura. O segundo meme (Figura 2) procura desconstruir o estereótipo da *feminista feia*, afirmando que se Fernanda Lima – modelo que segue alguns dos padrões de beleza impostos: branca, magra, loira, etc. – é feminista, então esta relação estereotípica entre: beleza/submissão *vs*. feiura/feminismo não é verdadeira.

A interdiscursividade é latente principalmente no segundo meme (Figura 2), pois ele remonta diretamente ao estereótipo da *feminista feia*, retomando a imagem das “feministas como mulheres feias, infelizes e sexualmente rejeitadas pelos homens” (RAGO, 1996, p. 1). Do ponto de vista do estereótipo,

80 Disponível em: https://bit.ly/2Fl9Nhd. Acesso em: 14 nov. 2018.

o segundo meme (Figura 2) promove um movimento dialético, desconstruindo o estereótipo da feiura do ativismo feminista, porém ainda reforçando o estereótipo dos padrões de beleza materializados na imagem da apresentadora Fernanda Lima.

Considerações finais

Por meio da replicação do meme da Fernanda Lima, há sim a perpetuação do estereótipo de mulher alinhado à beleza, mas para além disso há, ainda e sobretudo, o questionamento em relação ao estereótipo da *feminista feia*, numa lógica cartesiana: *Fernanda Lima é feminista, logo nem toda feminista é feia.* Além disso, os dois memes (Figura 1 e Figura 2) questionam o processo de estereotipagem da mulher que toma a beleza como único parâmetro. Os memes funcionam como forma de ressignificação do enunciado *toda feminista é feia*, por meio da desconstrução e ressignificação num processo imbricado ao argumento da salamandra.

O corpo e, especificamente o corpo da mulher, neste contexto, se revela como textualidade que tem significado simbólico e significado político dentro das normas que governam a construção histórica do gênero. O corpo se torna o espaço de luta, no qual as mulheres questionam o discurso do patriarcado. O ciberfeminismo se manifesta, portanto, enquanto luta não apenas direta em relação ao processo de estereotipagem da mulher, mas também simbólica, quando questiona as formas sexistas de hierarquização do mundo.

Este texto procurou explorar a relação entre estereótipo e ciberfeminismo, demonstrando de modo geral como o feminismo se apropria das ferramentas digitais para se consolidar no espaço digital enquanto movimento social relevante e dotado de características linguístico-discursivas próprias. Ficou aqui

o convite à reflexão – mais do que o fechamento alinhado à conclusão – sobre os estereótipos de gênero ligados aos padrões de beleza que a mulher enfrenta ainda na contemporaneidade.

Combater, portanto, a rigidez do pensamento hierárquico masculino – ainda que sem se desvencilhar completamente das coerções sociais – no ciberespaço é se colocar enquanto sujeito capaz de se posicionar em relação a temas controversos; é assumir o espaço digital de expressão subjetiva e a partir daí afirmar novas formas de pensamento, de acordo com o ponto de vista dos saberes feministas partilhados. Rejeitar estereótipos – ou ao menos os desestabilizar – é construir o ciberfeminismo como movimento «salamândrico", isto é, dotado da capacidade de regeneração e, do ponto de vista discursivo, de ressignificação e resposta aos discursos vigentes em torno do corpo e da imposição do estereótipo de beleza ao universo feminino.

Referências

AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Stéréotypes et Clichés**. Langue, discours, societé. Paris: Armand Colin, 2011.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo:** fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1946.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CASTELLS, M. **La galaxia internet**. Barcelona: Plaza & Janés Editores, 2001.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

D'AMORIM, M. A. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas de Psicologia**, v. 5, n. 3, p. 121-134, 1997.

DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Homão da porra**. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/hom%C3%A3o%20da%20porra/5072/. Acesso em: 19 nov. 2018.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: SILVA, T. T. da. (org.). **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-129.

HIRATA, H.; LABORIE, F.; DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LALONDE, J. **Abécédaire du Web**: 26 concepts pour comprendre la création sur Internet. Quebéc: Presses Universitaires du Quebéc (PUQ Num**érique**), 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

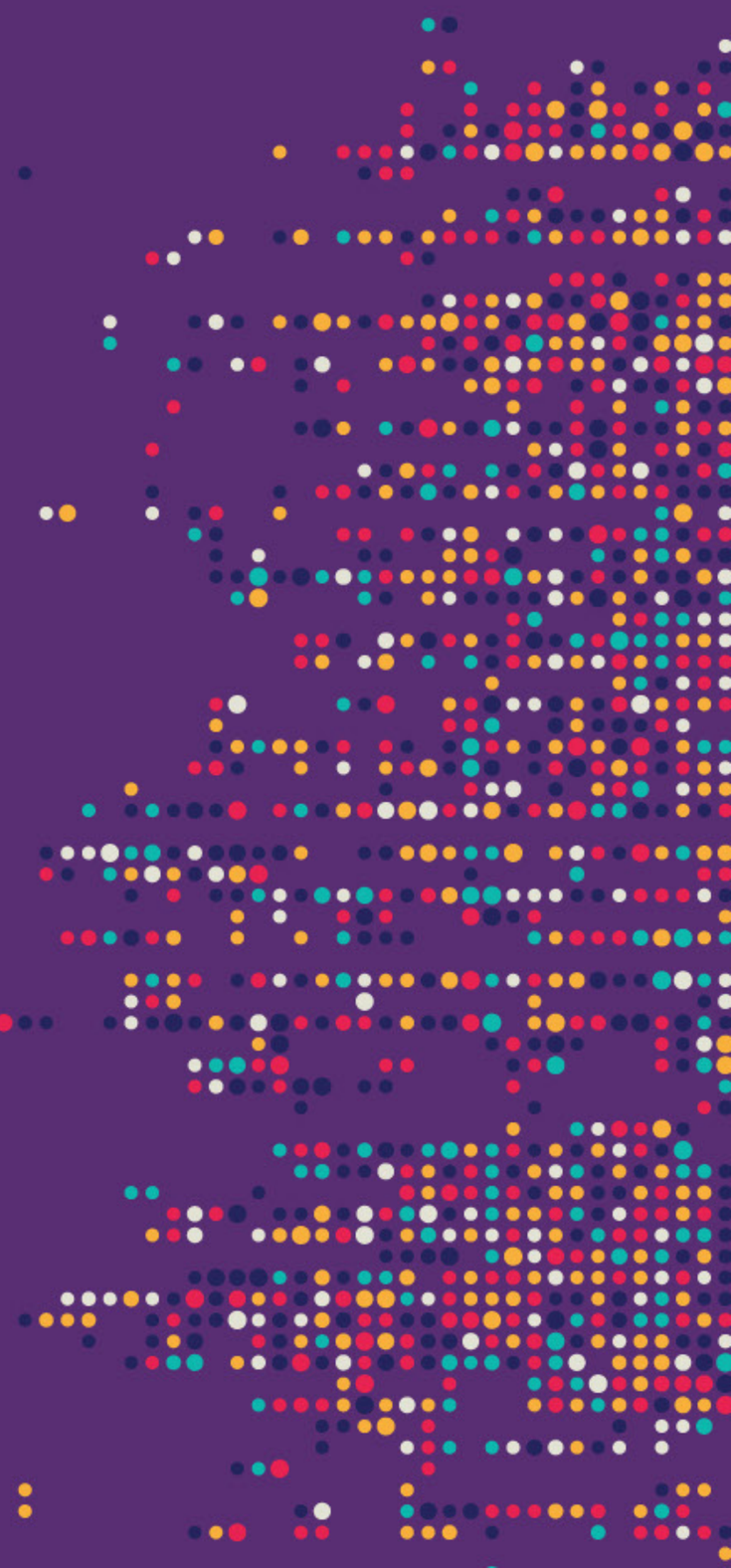
PAVEAU, M-A. Féminismes 2.0. Usages technodiscursifs de la génération connectée. *In*: **Argumentation et Analyse du Discours**. n.18 | 2017 – Nouvelles argumentations féministes. Université de Tel-Aviv, 2017. Disponível em: http://aad.revues.org/2345. Acesso em: 25 mai. 2017.

RAGO, M. Adeus ao feminismo? **Cadernos AEL**, n. 3/4, p. 12-43, 1995/1996.

REVISTA FÓRUM. **Discurso de Fernanda Lima em Amor & Sexo é interpretado como desafio a Bolsonaro.** Disponível em: https://www.revistaforum.com.br/discurso-de-fernanda-lima-em-amor-sexo-e-interpretado-como-desafio-a-bolsonaro/. Acesso em: 19 nov. 2018.

Produtividade e imediatismo na clínica: estereótipos da psicologia na hipermodernidade

Vinícius Xavier Cintra Marangoni e Matheus Viana Braz



Formalmente, a “certidão de nascimento” da Psicologia remete aos trabalhos de Wilhelm Wundt (1832-1920), “celebrado nos manuais de história da psicologia como o fundador da psicologia científica”. Como data para esta fundação, “é frequentemente citado o ano de 1879, quando ele inaugurou o Laboratório de Psicologia Experimental na Universidade de Leipzig” (ARAÚJO, 2009, p. 9). Nestes mais de 100 anos de existência da Psicologia, se processaram muitíssimas mudanças em seu “saber” e em seu “fazer”. Considerando que a atuação do psicólogo(a) não se pretende dissociada do entorno em que opera e que esse contexto é atravessado por um conjunto de fatores de ordem sociocultural e econômica, pode-se dizer que a Psicologia encontra-se permanentemente em construção porque reinventa-se para corresponder às demandas da sociedade.

O caminho até aqui percorrido pelos(as) psicólogos(as) deixou registros concretos, sustentados por evidências, e também impressões mais ou menos condizentes com a verdade acerca do conhecimento e do exercício da profissão. Ora, a Psicologia já teve tempo e atuação suficiente para produzir na população comum ao menos uma ideia do que é e em que consiste seu trabalho, mesmo que essa ideia seja incompleta e não raramente distorcida. O objetivo deste breve ensaio é exatamente colocar em evidência algumas dessas “impressões”, ou melhor, é apresentar alguns dos estereótipos da Psicologia, esforçando-se para compreender seus motivadores e, também, seus impactos na prática profissional dos(as) psicólogos(as).

A princípio, é oportuno compreender que se reúne debaixo do guarda-chuva da Psicologia uma amplitude de saberes e práticas diversas, fato que justifica a adoção da terminologia “ciências psicológicas” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999), cuja multiplicidade pode resultar na também diversidade de impressões e estereótipos. Após alguns exemplos, caminharemos

na direção de explicitar um estereótipo da Psicologia que, segundo parece, tem recebido pouca atenção, não obstante sua presença inconteste no cotidiano da clínica. Trata-se, pois, de um entendimento corrente e pejorativo em que a Psicologia é considerada uma via exclusiva – atente-se ao "exclusiva" – de exteriorização, em golfadas desesperadas e urgentes, do mal-estar interior. Finalmente, há uma tentativa de explicação desse estereótipo, quando demonstramos que se encaixa com perfeição ao modo de vida e trabalho na hipermodernidade.

Psicologia: multifacetada e multiestereotipada

Afirmar que a subjetividade é o objeto de estudo da Psicologia é, sem dúvida, uma afirmação que põe em evidência o quão generalista é esse objeto. É generalista porque a subjetividade, vocábulo pronunciado à revelia por nós psicólogos(as), congrega uma multiplicidade de fenômenos psicológicos, praticamente impossíveis de serem abarcados em sua totalidade. Uma particularidade como essa a faz uma área do conhecimento também bastante múltipla, reunindo saberes e práticas com aprofundamentos muito distintos, ora harmoniosos e complementares, ora dissidentes e praticamente incomunicáveis entre si.

No entanto, para além do ônus e do bônus, é exatamente essa multiplicidade de fenômenos psicológicos que, de fato, pode definir o objeto de estudo da Psicologia, uma vez que se busca investigar os seres humanos "em todas as suas expressões, as visíveis (nosso comportamento) e as invisíveis (nossos sentimentos), as singulares (porque somos o que somos) e as genéricas (porque somos todos assim)" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 23).

Se a subjetividade é uma síntese que condensa uma ampla diversidade de fenômenos psicológicos, na prática, o exercício da profissão de psicólogo(a) oferece variadas possibilidades de atuação, as quais se propõem a abarcar a amplitude da subjetividade, embora mais ou menos enfocadas em parte dos elementos que a compõem. Por exemplo, a Psicologia Clínica, praticada em consultório particular, enfoca o psicodiagnóstico e a psicoterapia, isto é, se volta ao intrapsíquico, ao intraindividual. A "Clínica Ampliada", associada aos serviços públicos de saúde, se endereça aos determinantes socioculturais correspondentes às demandas emocionais territoriais (LO BIANCO; BASTOS; NUNES; SILVA, 1994). Com efeito, a multiplicidade de fenômenos psicológicos converte-se em amplas possibilidades de atuação profissional.

Talvez em decorrência dessa multiplicidade, própria do universo subjetivo, que a Psicologia e seus profissionais ocupam o imaginário coletivo com representações também variáveis. Quando o assunto é esse campo, as construções imaginárias – e também os preconceitos – são os mais diversos. Além do mais, a Psicologia trata de temas que dizem respeito ao "universo psíquico" de cada um de nós, trata de assuntos que permeiam a vida cotidiana da pessoa comum, portanto, desperta o interesse geral com facilidade. Entretanto, são temáticas das mais complexas, muitas das quais não receberam explicações conclusivas, e na tentativa de obter respostas às questões emocionais, a pessoa comum se vale, não raramente, de "respostas prontas", pouco fundamentadas e sem respaldo em pesquisas científicas. Assim, acaba por endossar e compartilhar compreensões deturpadas, contribuindo para avançar o preconceito e os estereótipos diversos.

Logo, o caráter multifacetado da Psicologia é terreno fértil para a brotação de concepções antecipadas das mais diversas sobre o que é a Psicologia e sobre a atividade profissional dos(as) psicólogos(as), com a particularidade que muitos dos temas que a interessam são também de interesse das pessoas comuns, que não estão vinculadas profissionalmente à área. E o senso comum, no afã de adquirir conhecimento sobre os fenômenos psicológicos, geralmente busca informações por meio de "atalhos" que podem difundir compreensões incompletas e/ou errôneas sobre os fenômenos psicológicos, fomentando, por vezes, estereotipias (diversas).

Alguns exemplos...

A Psicologia, particularmente a Psicanálise, propôs uma compreensão ampliada da sexualidade, contrária à concepção corrente à época que a restringia à atividade sexual propriamente dita. Assim, a Psicanálise, em seu esforço para promover o alívio do sofrimento vivido pelos neuróticos, avançou na compreensão das neuroses e, ao mesmo tempo, avançou na compreensão do psiquismo comum (HERRMANN, 1992), tendo descoberto que a sexualidade se inicia muito antes da puberdade e está presente, na verdade, desde o nascimento. Além disso, o gênio de Freud descobriu ainda que a constituição e o desenvolvimento psíquico estão diretamente relacionados às experiências de prazer/desprazer vivenciadas pelo bebê/criança na relação com os pais e com as necessidades fisiológicas (FREUD, 1992).

Então, se a sexualidade – no sentido psicanalítico do vocábulo – é aspecto da maior influência na formação e no desenvolvimento psíquico, os distúrbios de ordem psíquica (ou psicológica) estão, mais ou menos, associados à sexualidade. A Psicanálise revelou que uma repressão demasiada dos

impulsos sexuais poderia acarretar distúrbios psíquicos, como as neuroses. O próprio Freud (1992) defendeu maiores liberdades no campo da sexualidade como, por exemplo, a possibilidade de relações sexuais antes do matrimônio.

Com efeito, gradualmente difundiu-se no campo psicológico e, em determinada medida, também no senso comum, a ideia de que a sexualidade não pode sofrer nenhum tipo de repressão (BETTELHEIM, 1982). A apropriação do conhecimento psicanalítico pelo senso comum se deu com uma deturpação que exagerou a proposição de Freud, como se o pai da psicanálise estivesse defendendo a inexistência de qualquer repressão, como se estivesse defendendo a liberação completa dos impulsos originários.

Como resultado, há um estereótipo a respeito dos psicólogos(as) segundo o qual trata-se de indivíduos para os quais “tudo é sexo”, como se a Psicologia e seus profissionais valorizassem a sexualidade e o prazer sexual acima de tudo, enquanto meio fundamental para evitar “traumas psicológicos”, enquanto alternativa de ouro para prevenir todo tipo de distúrbio psicológico. Há quem veja na figura do psicólogo(a), em decorrência dessa compreensão equivocada do ensinamento de Freud, a imagem de um profissional que apregoa a libertinagem.

Em conexão direta com essa concepção antecipada a respeito do(a) psicólogo(a), alusiva ao “tudo é sexo”, há preconceitos ainda mais grosseiros, como frutos gerados por um galho apodrecido, que supõem ser o(a) psicólogo(a) um indivíduo de costumes moralmente duvidosos. “Psicólogo(a) é sem-vergonha”.

É verdade que Freud “reconheceu” a sexualidade na etiologia das neuroses (1905[1901]) e é também verdade que defendeu maiores liberdades sexuais (FREUD, 1992), não obstante em

um ambiente sociocultural extremamente rígido e incentivador do ascetismo, da renúncia aos prazeres do corpo – momento histórico, aliás, muito diferente da atualidade. Todavia, não significa que a Psicologia ou, mais exatamente, a Psicanálise, argumenta em favor da libertinagem. Acontece que, enquanto um efeito negativo de uma compreensão parcial e distorcida dos ensinamentos de Freud, "o 'Conhece-te a ti mesmo' converteu-se em 'Faz o que te apeteça'" (BETTELHEIM, 1982, p. 31).

Outro exemplo caricato é: "Psicologia é coisa de mulher". Culturalmente, originária do patriarcado, a masculinidade é associada a comportamento rude. O "macho" é bronco, é bravo, é grosseiro etc. Desse modo, à medida que a Psicologia colocou as emoções em foco, convocando seus interlocutores a atentarem-se às suas posições sociais, às próprias emoções e aos seus desdobramentos na vida cotidiana, desviou-se do "comportamento esperado à figura falocêntrica". Em outras palavras, o homem comum, imerso na cultura heteronormativa, de quem se espera um comportamento mais ou menos rude, se sente com a masculinidade colocada em xeque quando dá atenção e/ou expõe suas emoções. Em alguma medida, "ser homem", nesse reduto, consiste amiúde em negar as emoções e seus efeitos.

Se a cultura que atravessa a masculinidade apregoa a recusa das emoções enquanto condição elementar para caracterização do "masculino", a tendência é que o homem comum sufoque e despreze suas emoções, além do pendor de ignorar também o universo emocional daqueles que o cercam. Com efeito, reconhecer e sustentar a masculinidade requer também a desqualificação do sofrimento psíquico: "depressão não existe, é frescura", "meu Psicólogo na minha infância foi a cinta" etc.

Ao ignorar as próprias emoções, o sofrimento psíquico e associá-los à feminilidade e à fragilidade, o homem comum, forjado "macho", encontra-se "disposto" a dar vazão ao preconceito em direção àqueles que, diferentemente do que apregoa a cultura do patriarcado, valorizam o conhecimento das próprias emoções. Como resultado, a lente do estereótipo enxerga o psicólogo – particularmente, nesse caso, do sexo masculino – como um "meio-homem", fraco etc. Ademais, ignorar as próprias emoções, afora o estereótipo e o preconceito resultante, reflete um modo de ser marcadamente empobrecedor, pois reduz ou aniquila o aspecto fundamental dos seres humanos.

Psicologia: espaço de "evacuação"[81]

Segundo observações provenientes da prática profissional, há um estereótipo "novo" acerca da Psicologia e dos psicólogos(as), que, aparentemente, se encaixa com perfeição ao modo de vida predominante na hipermodernidade, marcada pelo imediatismo, pela urgência e pelo excesso (VIANA BRAZ, 2018). Talvez se possa dizer que se trate de um estereótipo mais ou menos endossado por nós profissionais, mais ou menos difundido em nosso cotidiano de trabalho. Uma breve história ajudará a apresentá-lo.

Uma jovem, inteligente e sensível, se encontrava em sofrimento aberto em decorrência de uma "desilusão amorosa",

---

81 Em seus estudos sobre as psicoses, Bion se utilizou da expressão "evacuativo" para designar um modelo de funcionamento psíquico, cujas "respostas" aos estímulos internos e externos – estímulos que aumentam a quantidade de excitação do psiquismo, gerando desconforto – são de descarga instantânea. O modelo "evacuativo" "tenta dar conta do acréscimo de excitação vendo-se livre dela" (CINTRA, 1989, p. 14). Em oposição ao modelo "evacuativo", Bion se refere ao modelo "gestacional", em que o acréscimo de excitação não é exteriorizado de maneira imediata; é, ao contrário, conservado e transformado internamente antes de ser dada vazão.

resultado de um rompimento abrupto, por iniciativa do namorado, com quem se relacionava há aproximadamente um ano. Não foi seu primeiro relacionamento, mas o de maior intensidade. Buscou psicoterapia e se beneficiou do tratamento, pois lhe foi possível exteriorizar o conglomerado confuso de emoções associadas ao fato: tristeza, ódio, solidão etc., conseguindo se reestabelecer emocionalmente, “recuperar as forças” que faltavam naquela circunstância. Em pouco tempo, já se sentia melhor, “renovada”. Até aqui, nenhuma ressalva. Depois de aplacada a dor da separação, se disponibilizou maior “espaço interno”, antes amplamente ocupado pela dor proveniente do rompimento. Quando se encontrava em vias de cicatrização, a ferida já não produzia tamanho incômodo a ponto de ocupar uma posição central e o avanço da psicoterapia proporcionou o surgimento de outras questões, também angustiantes, não diretamente relacionadas com a “desilusão amorosa”, mas subjacentes. Nesse ponto, a jovem interrompe o tratamento, que “deixou de ser uma prioridade”.

Em um primeiro momento, a psicoterapia contribuiu para o alívio do sofrimento e para a restauração interna, ou seja, contribuiu para retirá-la da “crise”. Depois, já reestabelecida, a psicoterapia avançava em direção a uma nova “crise”, qualitativamente distinta, pois se aprofundava no entendimento de motivadores primários e situações conflituosas repetitivas associados à maneira de a jovem se relacionar, “estabelecer” vínculos. Porém, nesse momento, a jovem fez a opção por interromper o tratamento. Então, recapitulando, o tratamento psicoterapêutico atendeu à demanda mais urgente, proporcionando alívio do sofrimento, mas foi interrompido quando dava sinais de que uma nova tormenta, associada a conteúdos mais profundos, estava a caminho.

Como demonstrado, observamos, por exemplo, pelos casos clínicos de Freud, em que o desenvolvimento emocional pressupõe vivências de “crise” – pontos de partida para transformações internas mais profundas, transformações genuínas, que viabilizam o desenvolvimento psíquico, o “alargamento d’alma”. No renomado caso “O homem dos Lobos”, Freud (1918) convocou seu paciente a envolver-se com o tratamento e a desemaranhar o “nó” que sustentava a neurose, inclusive adotando uma estratégia incomum, qual seja, estabelecendo um prazo para o término do processo de análise – Freud o atendeu durante quatro anos. O caso é bastante ilustrativo, pois evidencia o quão diferentes são as dificuldades vividas pelos psicanalistas frente à neurose, há mais de um século, e os psicólogos clínicos e psicanalistas frente ao narcisismo na hipermodernidade. No caso, Freud encontrava-se diante de uma neurose obsessiva, que lhe demandou muito esforço para conseguir minimizar o “julgamento crítico” (consciente) do paciente, vencer suas “defesas” e, por meio disso, conseguir ajudá-lo. Na vinheta anterior, recuperado o fôlego da paciente, o “conheça-te a ti mesmo” começa a dar as caras para, então, o tratamento ser imediatamente interrompido.

Na forma descrita pela vinheta clínica mencionada, a psicoterapia pode ser comparada ao tratamento medicamentoso, cuja finalidade é agir diretamente no foco da dor, proporcionando alívio instantâneo. A medicação não se propõe e não tem condições de viabilizar mudanças legítimas no universo anímico, no jeito de ser e viver do indivíduo. É claro que o alívio do sofrimento é parte fundamental da psicoterapia. Mas, como dito, é uma parte que necessita de complemento, que precisa ser acrescida da investigação mais aprofundada, proporcionando, assim, o conhecimento dos “nossos demônios”, ainda que isso seja trabalhoso e doloroso.

Em outras palavras, o estereótipo da Psicologia para o qual chamamos atenção é aquele que a reduz ao “descarrego” e ao “desabafo” dos aspectos internos geradores de sofrimento e excluem o restante. Há um pré-julgamento corrente que percebe o(a) psicólogo(a) unicamente enquanto um profissional disposto a acolher o sofrimento e que oferece o amparo necessário para seu abrandamento, mas que exclui a dimensão fundamental, diretamente associada ao desenvolvimento emocional, que é a revelação de aspectos que o paciente desconhece sobre si mesmo, a revelação de sua “identidade latente”, fato que, inevitavelmente, produz ansiedade e sofrimento, frente aos quais o(a) psicólogo(a) continua pronto.

Com efeito, para corresponder à demanda estereotipada do paciente que procura psicoterapia, a prática clínica acaba por fazer muitas concessões, que podem até descaracterizar o tratamento psicoterápico. Quer dizer, frente à ameaça manifesta do paciente de interromper o tratamento, porque “está piorando em vez de melhorar”, o(a) psicólogo(a) clínico vê-se forçado – pois a clínica é seu ganha-pão – a manter-se na superfície, a evitar apontamentos reveladores, a “agradar” o paciente. Logo, sua expectativa é frustrada quando a psicoterapia dá sinais de que avançará em profundidade e produzirá nova carga de angústia.

Hipermodernidade: “evacuação” generalizada

Aparentemente, o estereótipo da Psicologia destacado acima não é um fenômeno isolado; pelo contrário, encontra-se em conexão direta com a macroestrutura socioeconômica e cultural que atravessa o mundo globalizado. As formas de ser e viver na sociedade hipermoderna incentivam e endossam

a exteriorização/remediação imediata do mal-estar interior, e também o distanciamento com "aprofundamentos" que requerem disposição para "encarar a verdade".

Uma marca inconfundível da atualidade, tomada aqui como um demonstrativo do estereótipo que simplifica a Psicologia enquanto uma receptora do mal-estar interior, pode ser observada na relação que estabelecemos com o tempo. Atualmente, a maneira como nos relacionamos com o tempo refere-se à marca do imediatismo, da instantaneidade e da urgência, tornando difícil a celebração de valores lineares conquistados a longo prazo. O indivíduo hipermoderno aparentemente interiorizou as "leis do mercado" e o *time is money* dá pistas de ter conquistado um espaço continental em seu íntimo, bastando notar o discurso e o comportamento empreendedor que é aplicado ao cotidiano, em que a vida é uma extensão, um apêndice do "mundo do trabalho" e, portanto, reproduz a cultura do imediatismo, da produtividade, das "relações comerciais", da ode ao consumo (VIANA BRAZ; HASHIMOTO, 2018).

Como um símile do mundo corporativo, em que é preciso ser mais rápido do que a concorrência, o que significa ser um pouco mais ágil a cada dia, e em que as relações são constituídas e desfeitas pela convergência ou divergência de interesses e gratificações materiais, a vida comum (e o mundo mental) também foi tragada pela aceleração incessante e pela prevalência da materialidade e do consumismo, em detrimento da lealdade, da fidelidade, da espiritualidade, do engajamento e de tudo o mais que convoca o indivíduo a ir além da "coisificação", que é a roupagem mais usada e propagandeada no cenário hipermoderno (AUBERT, 2003).

Além disso, na hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2007), o excesso atinge a posição de elemento-chave, juntamente com

a necessidade de descarga emocional instantânea. De um lado, a produtividade compulsiva, cujo ditame é “produzir” e “consumir” a cada dia mais, no menor tempo possível; de outro, a pressão sufocante para exteriorizar a poluição que se acumula n’alma, enquanto efeito da cultura do excesso. Aliados, mais parecem mecanismos reguladores da concretude e do mundo mental do indivíduo hipermoderno, como uma forma de viver predominante para a qual ainda não encontrou alternativa. O tempo cronológico, sequencial e irreversível, dá lugar a um tempo “imaterial”, “atemporal” (AUBERT, 2004), fundado sobre a tecnologia e que prescinde da durabilidade e de referências a categorias tradicionais do passado e do futuro.

A brevidade estabelece os contornos de uma nova forma de relação com o tempo, que é marcada por dois domínios fundamentais que eternizam o presente: a urgência e a prevalência do instante. Vivemos sob os auspícios de uma temporalidade imediata, que reprime a durabilidade e comprime o espaço, direcionando-nos a um modo de vida que visa “fazer valer nosso tempo” e intensificar o presente, ainda que isso implique, por vezes, rechaçar e enfrentar os limites da morte (AUBERT, 2003). É evidente, porém, que cada um de nós opera com esse corolário de modo singular e em consonância com sua história de vida. No entanto, é também notável que em maior ou menor grau somos afetados e estamos assujeitados às imposições do imperativo dessa significação imaginária, praticamente impotentes diante de algo que nos ultrapassa.

Logo, de maneira similar ao imediatismo que governa nossa relação com o tempo, em que a velocidade é a palavra de ordem, junto à fugacidade de vínculos alicerçados na conveniência do “ganho”, do “vantajoso”, a clínica de Psicologia foi lançada à condição de expurgadora, e tão logo concretizado o expurgo das “impurezas emocionais”, em velocidade condizente à

expectativa, finda a “vantagem” da psicoterapia e os interesses divergem, isto é, interrompe-se o tratamento. Consequentemente, a clínica de Psicologia vê ameaçado seu amor à verdade, e já começa a envergonhar-se de si mesma devido a sua valorização do imaterial e do durável.

Considerações finais

Ao longo deste ensaio, direcionamos nossa atenção a três estereótipos que atravessam a produção de conhecimento e prática da Psicologia. O primeiro remete à ampliação da noção de sexualidade, protagonizada por Freud, cujas distorções no senso comum ocorrem mediante a consolidação de estereótipos que prejudicam o entendimento desse campo de conhecimento. O segundo, proveniente de matrizes culturais próprias ao patriarcado, ampara-se na premissa de que é preciso, para assegurar uma posição social assentada na masculinidade, ignorar e até mesmo reprimir quaisquer expressões de emoções e sentimentos. Isso leva, portanto, psicólogos e demais homens, que se contrapõem a essa posição, a serem tachados como pessoas mais frágeis, inferiores e vulneráveis. Ademais, essa premissa carrega consigo um segundo efeito colateral, relacionado a um fechamento e resistência diante dos conhecimentos psicológicos e terapêuticas provenientes desse campo.

Por fim, demos ênfase a um estereótipo que assume centralidade na vida social hipermoderna e interfere diretamente no trabalho dos(as) psicólogos(as), sobretudo clínicos. O que chamamos de busca de “evacuação” remete a uma demanda crescente em nossa sociedade de indivíduos que buscam, inclusive no campo psicológico, sanar suas angústias com agilidade, linearidade e no menor tempo possível, como se um processo terapêutico fosse uniforme e não aceitasse momentos de

regressão, embates interiores e crises existenciais. O estereótipo, portanto, responsável pela difusão de que a psicoterapia é um espaço de harmonia e desabafo, embora não seja uma inverdade, refere-se a somente uma etapa parcial e inconclusiva de um processo de desenvolvimento emocional. A predominância do "modelo evacuativo" como resposta aos estímulos que retiram a constância do psiquismo (produzindo incômodo e sofrimento), somada às condições de vida e trabalho na hipermodernidade, em que predominam o imediatismo e a efemeridade das relações, oferecem as condições para o mencionado estereótipo da Psicologia, reservando-lhe, sobretudo em sua vertente clínica, a posição (exclusiva) de "latrina emocional".

Ao mesmo tempo em que o hedonismo impera na hipermodernidade, os adoecimentos ligados à frustração crescem de maneira exponencial. Quanto mais se torna dominante o discurso de que nenhuma vontade deve ser reprimida, mais aumenta a incapacidade de lidar com a insatisfação (LIPOVETSKY, 2007). Ao rejeitar o trabalho profundo sobre nossa própria interioridade, nossas fraquezas e angústias primárias, direcionamo-nos cada vez mais tão somente à exterioridade e negamos a reflexão sobre o peso de nossa história. Por assumir protagonismo na esfera social, esse estereótipo pulveriza a possibilidade de um desenvolvimento pessoal substancialmente potente, permitindo que cada sujeito ressignifique vivências de seu passado, que por sua vez interferem diretamente em seu presente e em suas projeções de futuro.

O produto da exacerbação desse estereótipo, que carrega em seu bojo os preceitos do universo da produtividade e competitividade no trabalho, enfim, seria uma sociedade atravessada massivamente por abundantes experiências, territorializações e acontecimentos, bem como pela urgência do tempo, mas cuja produção de sentido seria marcada pela

frivolidade, superficialidade e incredulidade, em um mundo vivido como incerto, dissonante e paradoxal. Os sentimentos de impotência e fracasso pessoal se revelam inevitáveis e nossas decepções se tornam reféns de um círculo insidioso. Nesse ínterim, o sofrimento e o mal-estar emergem e nossa sociedade se lança novamente às tentativas de tamponamento de suas angústias, via medicamentos ou “evacuações” instantâneas. A busca incessante de sentido, embora continue sendo atropelada por um contexto produtor de signos e códigos de interpretação diversos, tende a se vincular cada vez mais a experiências fugazes, inscritas no registro das intensidades, do corpo e da ação.

Referências

ARAÚJO, S. de F. Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. **Temas psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 09-14, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jul. 2018.

AUBERT, N. Qui est l’individu hypermoderne?. *In*: AUBERT, N. (org.). **L’individu hypermoderne**. Sociologie Clinique. Toulouse: Érès, 2004. p. 11-24.

AUBERT, N. **Le culte de l’urgence.** La société malade du temps. Champs Essais. Paris: Flamarion, 2003.

BETTELHEIM, B. **Freud e a alma humana.** Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M; de L. T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999 [1988].

CINTRA, E. M. de U. Notas à margem do pensamento de Bion: a propósito de uma discussão entre Renato Mezan e Maria Emília Lino da Silva. **Percurso**, n. 2, p. 10-17, 1989. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p02_texto02_ano01.pdf. Acesso em: 15 set. 2018.

FREUD, S. Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora). *In*: **Obras completas Sigmund Freud**. Tradução José Luis Etcheverry. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1992 [1901]. p. 1-107.

FREUD, S. Tres ensayos de teoría sexual. *In:* **Obras completas Sigmund Freud.** Tradução José Luis Etcheverry. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1992 [1905]. p. 109-224.

FREUD, S. La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna. *In*: **Obras completas Sigmund Freud.** Tradução José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 9. Buenos Aires: Amorrortu, 1992 [1908]. p. 159-181.

FREUD, S. De la historia de una neurosis infantil. *In*: **Obras completas Sigmund Freud**. Tradução José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 17. Buenos Aires: Amorrortu, 1992 [1914]. p. 1-112.

HERRMANN, F. **O que é psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 1992 [1983].

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal:** ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Tradução M. L. Machado. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

LO BIANCO, A. C.; BASTOS, A. V. B.; NUNES, M. L. T.; SILVA, R. C. da. Concepções e atividades emergentes na psicologia clínica: implicações para formação. *In*: ACHCAR, R. (org.). **Psicólogo brasileiro:** práticas emergentes e desafios para formação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MARANGONI, V. X. C.; VIANA BRAZ, M.; HASHIMOTO, F. *Bullying* e assédio moral no trabalho: expressões do narcisismo contemporâneo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 19, n. 2, p. 109-122, 2016.

VIANA BRAZ, M. **Paradoxo gerencialista e hiperperformance: sobre os laços psicológicos e ideológicos nas organizações multinacionais.** 2018. Dissertação de Mestrado (Psicologia e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

VIANA BRAZ, M.; HASHIMOTO, F. Significações imaginárias sociais e novos modos de sofrimento no trabalho: contribuições a partir da sociologia clínica. **Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 339-362, 2018.

Sobre estereótipo no esporte: o corpo entre profusão e controle

Thabata Castelo Branco Telles

Introdução[82]

Quando pensamos acerca do estereótipo no esporte, nos deparamos com algumas dúvidas em relação a como desenvolvermos essa temática. Trata-se aqui de (1) discorrer sobre o que é esporte e quais os estereótipos que essa denominação enfrenta – por exemplo, o que pode ser considerado esporte ou prática esportiva? – ou de (2) apontar os diversos estereótipos que fazem parte do contexto esportivo?

Uma vez que esses dois pontos parecem permanecer sem unanimidade e carecem de maiores explanações, entende-se que uma discussão, ainda que introdutória, sobre o(s) estereótipo(s) no esporte deva contemplar ambas nuances que parecem nos saltar aos olhos, na busca por elucidações fundamentais para seu entendimento. Portanto, o seguinte texto consistirá em abordar e discutir criticamente essa temática, considerando os dois matizes aqui mencionadas, que parecem se entrelaçar em meio à opacidade de se apresentar o fenômeno do estereótipo no esporte.

Pretende-se ainda, por fim, problematizar esses estereótipos juntamente ao campo da produção do discurso científico, bem como suas implicações nessa seara. Argumenta-se inicialmente que, uma vez que parece não haver clareza naquilo que pode ser entendido como esporte e, ainda, sobre os estereótipos que este contexto enfrenta, trata-se de um campo prenhe de mal-entendidos que contribuem para as mais diversas representações sociais. Ou seja, vê-se com frequência confusões que afetam não só a esfera científica, mas também o cenário sociocultural que a embasa.

---

82 Este trabalho teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo número 2015/20680-1.

Às voltas com o que parece permanecer sem resposta: o que é esporte?

Consideramos, neste tópico, a temática dos estereótipos em busca de uma definição do fenômeno esportivo, de modo a nos posicionarmos sem restringir sua esfera às atividades de lazer ou competitivas, por exemplo, mas contemplando aquelas em que a questão de uma cultura do movimento, na exigência de determinadas habilidades físicas, se faz presente. Faz-se breve histórico a fim de possibilitar que as semelhanças e distinções com relação a essas terminologias possam ser mais bem elucidadas.

Para Barthes (2009), o esporte se situa no campo das paixões em que, ausentes as noções de desafio e regra (que se configurariam como intermediadoras), o fenômeno esportivo passaria a ser um conflito, o que colocaria em xeque a própria existência da sociedade. O autor resgata a função social do teatro nas metrópoles, ao afirmar que o esporte, ao reunir nações inteiras em uma experiência comum, consistiria em uma grande instituição moderna, baseada nas formas ancestrais do espetáculo. Ainda, ele ressalta que tudo aquilo que acontece com o jogador seria percebido – e, de certa forma, sentido – pelo espectador:

> Assistir, aqui, não é apenas viver, sofrer, ficar na expectativa, compreender, mas também – e sobretudo – o que se diz, com a voz, o gesto, o rosto; é tomar o mundo inteiro como testemunha. Resumindo, é comunicar-se. Por fim, há no homem forças, conflitos, alegrias e angústias: o esporte os exprime, liberta, queima, sem nunca permitir que destruam alguma coisa. No esporte, o homem vive o combate fatal da vida, mas esse combate é afastado

> pelo espetáculo, reduzido em suas formas, despojado de seus efeitos, de seus perigos e de seus pudores: ele perde sua nocividade, não seu brilho ou seu sentido (BARTHES, 2009, p. 105).

Ao se questionar sobre o que é esporte e qual seria a necessidade deste combate, aonde se dá tudo de si e tanto nos sentimos perturbados – seja como jogador ou como espectador –, Barthes (2009) afirma que este seria feito para relatar o contrato humano. Nesse sentido, coloca-se no esporte aquilo que é justamente do universo do homem. O esporte, assim, não apresentaria nada novo com relação àquilo que já está no mundo, ao seu redor e entrelaçado a ele. Com isso, salienta-se a estreita relação entre o fenômeno esportivo e o mundo em que ele está inserido. No entanto, ainda que possamos compreender o esporte como um dos modos de se colocar o corpo em movimento a partir de certa perspectiva histórica e sociocultural, onde e como surge sua configuração rumo aos modos como o conhecemos hoje?

Como uma das maneiras mais recorrentes de tentativa de se abordar aquilo que é esporte, Tubino (1999) é frequentemente referenciado, pois tenta responder a esta questão ao realizar um resgate histórico, com a expressão “desportar-se”, que demarcaria a ideia de “sair do porto”, termo que teria sido utilizado desde o século XIV, quando os marinheiros explicavam suas atividades de lazer em terra firme, que incluíam aquelas que exigem determinadas habilidades físicas. Obviamente, existem várias outras explicações para o termo, inclusive no que distancia e aproxima as noções de esporte e educação física, essa última com foco maior sobre os processos educativos das atividades desportivas.

As convergências e divergências entre esporte e educação física também consistem em ponto que encontra constantes discussões. Na contemporaneidade, temos visto com frequência a ideia de que o fenômeno esportivo compreende as mais diversas manifestações da cultura corporal, incluindo danças, lutas, recreação e demais atividades de lazer, encontrando na educação física seus fundamentos e sua exploração de cunho mais educativo. No entanto, é relevante mencionarmos os movimentos atuais que consideram haver o campo das ciências do esporte, englobando a medicina, a psicologia, a sociologia, a biomecânica, a história, a filosofia e a pedagogia, etc. Assim, embora o esporte originalmente se vincule à ideia de jogo e pareça contemplar diversas atividades de lazer, mais recentemente tem se tornado comum a ideia de que a competição é um fenômeno essencial para que determinada atividade se configure como esportiva (TUBINO, 1999). No tocante aos processos históricos com relação ao esporte, Barreira (2018, p. 7) lembra que:

> Primeiro, não há extensão temporal que evidencie uma continuidade histórica de práticas corporais que possamos chamar de esportivas. Na verdade, verifica-se a descontinuidade destas práticas corporais e uma retomada deliberada, simbolizada e materializada pelo projeto do barão francês Pierre de Coubertin (1863-1937), com a inauguração dos Jogos Olímpicos da era Moderna na última década do século XIX, em 1896. Trata-se, com efeito, de uma proposta política, de educação e congraçamento dos povos a partir de uma linguagem abrangente, não essencialmente verbal e integradora das diferentes dimensões humanas em seus esforços por desenvolver e comparar habilidades – esta seria a linguagem esportiva. Coubertin tem uma contribuição intensa nisso e, em grande medida, projeta internacionalmente e consolida o que já vinha se estabelecendo como esporte moderno.

A história do esporte, portanto, principalmente em seu aspecto competitivo, parece ter início mais antigamente nos Jogos Gregos e, mais recentemente (século XIX), com a grande influência de Pierre de Coubertin na modernização e internacionalização dos jogos – proposta mais próxima do formato que conhecemos hoje. Por priorizar o aspecto competitivo, este modelo preconiza a ideia do *fair play* – um jogo limpo e justo –, noção que tem sido polêmica não só pelo surgimento e desenvolvimento das estratégias de dopagem, como também por acontecimentos famosos, como a vitória de Jesse Owens, nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936 (TUBINO, 1999). Como dissemos, o esporte se apresenta notadamente em relação constante com questões históricas e socioculturais, o que será enfatizado mais adiante neste texto.

Na década de 1970, a UNESCO (1978) publicou uma Carta internacional de educação física e esporte, que envolvia claramente uma perspectiva de fomentar o direito de todos ao esporte. Este documento parece ter influenciado bastante para que passássemos a ter um conceito renovado de esporte, pautado em um contexto que teria como pressuposto o direito universal às práticas esportivas, independentemente das condições dos indivíduos que as praticavam – sejam essas físicas ou sociais, por exemplo. Este documento enfatiza que o esporte, ainda que mais conhecido em sua faceta competitiva, deveria abranger também as esferas de educação, socialização e saúde, sendo preconizado como algo que deva ser acessível a todos. Como não há uma história linear do esporte, torna-se, de fato, difícil conceituar e precisar aquilo que pode ser estritamente considerado como fenômeno esportivo. Assim, resgatamos estes aspectos mais contemporâneos que parecem nos aproximar do contexto esportivo tal como o conhecemos hoje.

Além destes pontos, quando tratamos dos aspectos históricos e socioculturais no esporte, é notável o crescimento e a influência maciça dos meios de comunicação de massa na veiculação e narração de competições esportivas, que são constantemente concebidas como espetáculo. Neste contexto, cria-se a figura dos ídolos esportivos[83] e desenvolve-se produtos e serviços voltados ao público que se mantém atento a estes eventos. Há, assim, a passagem de uma esfera política (como vimos em Coubertin, embora ela ainda exista hoje) a uma espécie de investimento e controle comercial do esporte. Este ponto contribui para que qualquer atividade física ou exercício possa ser transformado em esporte, ou seja, em um terreno de competição, em que há controle e investimento sobre os corpos, na busca pela excelência. Os corpos que antes "se desportavam" são agora alvos de controle. Há ainda aqui os ideais de superação de si e de máxima eficácia, que marcam a relação com o corpo na contemporaneidade – medido e calculado na busca por constante ultrapassagem de si mesmo (em busca das melhores marcas e medições) e do outro (QUEVAL, 2004, 2008).

Para uma breve noção do esporte em seus moldes mais arcaicos, Tubino (1999) resgata que, na Pré-História, eram praticados apenas exercícios físicos de caráter utilitário para que, em seguida, estas práticas assumissem um caráter higiênico – entre os chineses e hindus e, posteriormente, em egípcios, caldeus, assírios, hebreus, fenícios e hititas. Tais atividades evoluíram para diversas manifestações, a exemplos da ginástica, dos jogos e da dança. Neste âmbito, os gregos aperfeiçoaram a prática da ginástica, dando início às competições esportivas. Já na Idade Média, podemos considerar que houve uma decadência do movimento esportivo, que se manteve até seu ressurgimento,

---

83 Para maiores discussões em torno do imaginário do herói esportivo, sugere-se Rubio (2018).

no século XIX, nos moldes do esporte moderno que tratamos acima.

Sobre a Idade Moderna, vê-se que, na França, terra natal de Pierre de Coubertin, o vigor corporal e sua manifestação sinalizavam poder, em que o corpo potente deveria manifestar uma robustez visível. Durante os séculos XVI e XVII, percebe-se uma mudança rumo às sutilezas e à menção da agressividade, em que as disputas passaram a ser menos violentas e mais veladas e elegantes. Os duelos cederam lugar aos jogos (embora as referências ao duelo sejam preservadas, mas sob roupagem do jogo), que começaram a ser praticados pelas mais diversas idades e grupos sociais (não sendo mais exclusividade de militares, por exemplo) (BELMAS, 2013). Estas formas sutis de duelos sob a forma de jogos acompanhavam as mais diversas celebrações: “Trata-se antes de tudo de ‘fazer-se admirar’ (VIGARELLO, 2012a, p. 340). Nesse período, esses encontros competitivos começaram a ser organizados institucionalmente (embora com diferenças em relação aos de hoje, ainda mais por estarem relacionados a celebrações religiosas[84]). No entanto, não havia calendário ou espaço específico para essas práticas, em que “todo terreno pode parecer suscetível de tornar-se local do jogo: a praça da igreja para a pela, os caminhos cobertos de neve para a crossa, os fossos da cidade para o tiro” (VIGARELLO, 2012a, p. 345).

A partir do século XVIII, o corpo passou a ser objeto de orientação, medida e correção, no esboço do que entendemos hoje por exercício e educação física. Nesse período, ginásios foram inaugurados em Londres, Paris, Berna e Berlim, entre

---

84 É relevante mencionar que várias manifestações populares de dança, luta ou mesmo luta-dança, especialmente no Brasil, surgiram e ainda se mantém em sua relação com celebrações de cunho religioso, tais como o Tambor de Crioula ou o Cacuriá no Maranhão, o Maracatu em Pernambuco e no Ceará, ou o Afoxé na Bahia, para citar alguns.

1810 e 1820, e criou-se hierarquias para os movimentos: dos mais simples aos mais complexos, em que os progressos deveriam ser registrados e comparados, e a força física deveria ser calculada. Esta perspectiva se aproxima do que temos hoje como conhecimento científico acerca do contexto esportivo, em que o esporte é inicialmente objeto de estudo para fins de controle e melhoramento dos corpos, seja em caráter competitivo ou para fins de saúde. Há notadamente um projeto estético e de aparência, mas também de uma ambição de transformação e superação do corpo – entendido como algo controlado e manipulável (VIGARELLO; HOLT, 2012).

É ainda neste período que se inicia a valorização da virilidade no campo esportivo, pois o corpo do cidadão seria entendido como seu escudo. Se, por um lado, isto parece marcar as relações com o corpo no advento da contemporaneidade, por outro desvela o quanto o corpo do homem (masculino) havia sido até então a referência única quando se tratava de esporte, em que “Quando as mulheres entram na competição, a noção de virilidade se esvazia de seu conteúdo: a esgrima se tornou masculina e feminina” (RAUCH, 2013, p. 333). Assim, a exemplo da esgrima, com paulatina maior participação das mulheres do esporte, a categoria feminina – ou seja, aquela que não é viril e que não combinaria com os estereótipos de um corpo no esporte – passa a ser criada. No entanto, para este público feminino, as atividades esportivas seguiam desaconselhadas, enquanto continuavam a ser estimuladas aos meninos, desde a mais tenra idade. É sobre esses estereótipos presentes no contexto esportivo que trataremos a seguir.

Sobre uma constante tentativa de controle dos corpos: quem faz um esporte?

No século XX, como vimos, o esporte adquire as características que conhecemos hoje, principalmente a partir de Pierre de Coubertin, em que se encontram associadas esta prática e a noção de virilidade. Nesse sentido, uma vez que esporte e virilidade parecem ser sinônimos, é esperado do esportista características como controle, “sangue-frio”, crescimento e vigor muscular. Contudo:

> Durante muito tempo considerada qualidade maior do esporte, a virilidade perde sua proeminência quando surge a presença da mulher no esporte e quando os “valores” que dela se esperam são rigorosamente idênticos àqueles contemplados para os homens: força, coragem, engajamento, determinação... Qualquer exclusividade masculina perde igualmente sua legitimidade. O esporte provoca, inevitavelmente, a reviravolta da velha excelência viril e revela, durante o século XIX, uma cultura nunca antes transformada: uma divisão idêntica do espaço público entre os sexos, uma nova distribuição de tarefas, em que as dos homens e as das mulheres são confundidas, a totalidade deslocando radicalmente a imagem da virtude “máxima” atribuída tradicionalmente ao homem. A própria expressão viril se redireciona e até mesmo se “desfaz” (VIGARELLO, 2013, p. 270-271).

Neste ponto, atentamos que virilidade e esporte encontram sua primeira dificuldade, qual seja, não poderem mais se atar exclusivamente ao corpo masculino, pois as mulheres passaram a fazer parte deste espaço. Contudo, vemos que esta entrada

do corpo feminino no esporte não se deu de modo igualitário, e muito menos com plena aceitação da sociedade. Se a história do esporte feminino, notadamente a partir do século XIX, parece encontrar sérias dificuldades, estas parecem permanecer até os dias de hoje, principalmente desde o início do século XX, quando as mulheres passam a ocupar, de modo mais contundente, seu espaço no âmbito esportivo. Para Vigarello (2013, p. 288):

> Realizou-se a história do desinteresse, até mesmo do desprezo, em relação ao primeiro esporte feminino. A história dos intermináveis debates, durante os anos de 1920, sobre os perigos das provas esportivas femininas, foi comentada cem vezes. A resistência dos fisiologistas, por exemplo: “De forma alguma ousaríamos sustentar a utilidade de competições esportivas para mulheres”. Ou a ironia dos amadores: “A qualidade do futebol por elas praticado é tão precária que mesmo uma equipe de crianças de 12 anos teria melhor desempenho”. Ou a desenvoltura dos observadores: “Falta força atlética e rapidez no desempenho esportivo”. Duas imagens frequentemente comparadas dominam a iconografia do período entreguerras: a imagem da desportista representativa da “graça” e a imagem do desportista representativo da “força”.

As mais diversas justificativas têm aparecido para impossibilitar ou justificar a menor participação feminina no esporte, a exemplo de questões biológicas (elas não teriam capacidade ou força necessária), morais (não se trata de algo para mulheres, ou que seria algo feio ou desinteressante), dentre outras, não só no início do século XX, mas também nos anos mais recentes. Vê-se no trecho acima, por exemplo, que o discurso científico está presente como forma de legitimar tais afirmações.

Melo, Giavoni e Tróccoli (2004) ressaltam inclusive a presença de estereótipos sexuais no modo como as mulheres são contempladas no âmbito esportivo (elas seriam menos atraentes e sensuais do que as mulheres não-esportistas). Acrescenta-se que ainda hoje é frequente que o corpo feminino no esporte seja veiculado em seu aspecto estético "representativo da graça", enquanto a imagem do corpo masculino no esporte é comumente veiculada como "representativo da força", para utilizarmos os termos da citação.

Esses discursos que buscam interditar as mulheres em modalidades compreendidas como masculinas foram recorrentes para que se tentasse impedir, por exemplo, o futebol feminino no Brasil ou mesmo enfraquecer os movimentos em prol das mulheres nas lutas, mais especificamente no caso do MMA (*Mixed Martial Arts*) e das recentes contratações nas grandes organizações desta modalidade – a maior delas, por exemplo, o UFC (*Ultimate Fighting Championship*) só passou a contar com lutas femininas a partir de 2013 (TELLES, 2018). Em adição a estudo anterior que citou estereótipos sexuais em diversos esportes (MELO; GIAVONI; TRÓCCOLI, 2004), discute-se que o MMA apresenta uma ambiguidade, em que as mulheres são contratadas para os grandes eventos uma vez que sejam consideradas masculinizadas ou, por outro lado, atraentes (HOLTHUYSEN, 2011; TELLES, 2018). Novamente, trata-se de pensar no público que assistirá ao espetáculo. Ainda nesta temática, Vigarello (2013, p. 298-299) discute que:

> A afirmação é frequente, primeiramente em esportes de combate: "Não é natural uma mulher lutar judô, insiste um velho campeão olímpico de judô. Afirmação essa mais severa, certamente, para o boxe, a respeito do qual os blogs de hoje acumulam julgamentos e argumentos enfáticos: "É horrível entre os homens, é totalmente

ridículo entre as mulheres", ou ainda, "Lutadoras de boxe? E eu que acreditava que as mulheres eram um pouco sensatas". Enfim, numerosos testemunhos de desportistas seguras que se lamentavam por "não serem consideradas atletas".

O autor resgata que se trata de uma perspectiva de privilégio do universo masculino – somente a eles o boxe, por exemplo. Sobre essa modalidade, é relevante mencionarmos que a categoria feminina de boxe passou a figurar só nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012[85] (APPLEBY; FOSTER, 2013). Menesson (2013) acrescenta ainda que o nocaute no boxe feminino foi proibido até 1987. Esses pontos ressaltam o quanto o corpo feminino tem sido tolhido nas mais diversas tentativas de inserção no contexto esportivo.

Por fim, e não menos importante, é crucial mencionarmos que existem ainda outros pontos que merecem atenção, mas que não foram explorados neste texto – o que pode e deve ser feito em pesquisas e manuscritos futuros –, tais como: a questão racial no esporte, principalmente pelo estereótipo (ainda presente) de que negros teriam rendimento esportivo acima da média (MIGLIORATI; ARANDA; GONZÁLEZ, 2016), como também naquilo que tange aos atletas trans, idosos, portadores de necessidades especiais, etc.

---

85 Nota-se que, nesta entrada, o boxe feminino contou apenas com 3 categorias de peso (enquanto o boxe masculino contava com 10) e tentou-se obrigar que elas usassem saias. Para mais discussões sobre o tema, sugere-se Appleby e Foster (2013), Menesson (2013) e Telles (2018).

À guisa de conclusão: o que faz, então, um corpo no esporte?

Até aqui tratamos do caráter histórico e sociocultural das atividades esportivas, considerando aquelas entendidas como grandes civilizações, pois vemos na literatura constantes referências à Europa ou aos Estados Unidos, por exemplo. No entanto, é mister considerarmos que cada modalidade se relaciona com a cultura em que determinado jogo é criado, desenvolvido, ou mesmo praticado. Nesse sentido, sabemos bastante de uma cultura e de uma sociedade através de suas práticas esportivas, que estão longe de consistir apenas em jogos ou competições isoladas do que está à volta de seus participantes. Faz-se desde já um apelo para que cada vez mais se tenha iniciativas no intuito de desbravar o contexto esportivo brasileiro.

Observa-se tais manifestações ainda através dos hábitos de uma população, seja a nível nacional, regional ou mesmo em caráter mais micro, como as subculturas. Pode-se entender este fenômeno das mais diversas formas, como a partir de levantamentos geográficos e estatísticos, ou etnográficos. Este ponto parece ficar mais claro quando identificamos que determinadas culturas (também como determinado gênero ou classe social) costumam ser mais ativas do que outras ou mesmo que algumas modalidades são modificadas com o passar do tempo e do local em que são praticados – a exemplo do caratê, que muito tem se distanciado daquele praticado inicialmente em Okinawa, ou mesmo do jiu-jitsu brasileiro ou da capoeira, que têm se desenvolvido fora do Brasil e apresentado configuração peculiar, sendo por vezes distintos de seus formatos brasileiros.

Para Tubino (1999), vê-se no Brasil uma grande vocação esportiva nacional com relação aos esportes coletivos, como

futebol, basquete, vôlei, handebol e outros. No entanto, se assumimos uma definição de esporte como uma prática cultural do corpo em movimento na requisição de habilidades específicas, destacamos ainda o campo vasto das danças e das artes marciais e esportes de combate, searas em que o país tem tido notável destaque. Este ponto pode ser identificado tanto pelas atividades já estereotipadas como genuinamente brasileiras, a exemplo do jiu-jitsu brasileiro, da capoeira, do samba ou do forró, mas também pelo bom desempenho de atletas do país no MMA e no judô, ou ainda no crescente e recente interesse popular no *funk* brasileiro ou no passinho.

Entende-se também que muito do que é praticado e conhecido como atividade esportiva ou mesmo atividade física no Brasil tem relação com aquilo que é veiculado pela mídia, principalmente em esfera competitiva. Isto dito, cita-se a vasta – e pouco citada – gama de danças em festejos populares brasileiros, como o cacuriá, tambor de crioula, maracatu, afoxé, coco, etc. Ainda, contempla-se as lutas-dança, a exemplo do maracatu rural e do cavalo marinho, e também as lutas desenvolvidas por algumas populações indígenas no Norte do país, em perspectiva por vezes mais cooperativa do que competitiva (JUREMA, 2001). Desbravar estas diversas formas de culturas corporais e de movimento é extremamente importante para assumirmos posturas menos estereotipadas sobre o contexto esportivo, especialmente na esfera da produção do discurso científico.

Como vimos ao longo deste texto, entende-se que é impossível tratarmos dos fenômenos que fazem parte do contexto esportivo sem consideramos o corpo e os processos socioculturais que o envolvem. Fundamentalmente, é através disto que nos movemos. Ou ainda, é somente quando somos corpo que nos movemos. Dizer que “somos corpo” implica

assumir que um corpo se move não apenas a partir de seus artefatos motores ou fisiológicos, mas também psicológicos, históricos, antropológicos e socioculturais. Neste sentido, dissemos que o corpo no esporte pode muito: se mover, frear, ser espaço de profusão e de controle. Mais ainda, o corpo pode ocultar e desvelar estereótipos, valores e as mais variadas formas de experiências no mundo, de modo intenso e impensado, diferentemente do modo como estamos acostumados a perceber no nosso cotidiano. O corpo no esporte pode muito. Dito isto, entramos no importante terreno na ética, em que, se o corpo no esporte pode muito, de que modo estamos atentos a identificar e lidar com aquilo que emerge neste campo? Que olhar e que tipo de cuidado estamos tendo conosco e com os outros nas distintas práticas esportivas?

Ora, se dissemos que as mais diversas manifestações que acontecem em terreno esportivo não estão desvinculadas de bases históricas e socioculturais, o mesmo se pode dizer de qualquer pesquisa que seja desenvolvida em campo científico, cujo discurso não se isenta da constante necessidade de atenção e questionamento sobre o que está sendo dito e realizado. Na temática dos estereótipos, estes podem facilmente adentrar a esfera científica e política, ainda mais quando tratamos de um corpo que age e que muito faz sem ter tempo de refletir sobre o que irá ser feito. Acrescenta-se a força das políticas públicas em torno das práticas esportivas e também o papel da mídia e dos ídolos do esporte, que se tornam modelos para os jovens, incentivando – ou diminuindo – a prática de determinada modalidade e de dada forma.

Assim, o solo do discurso científico em esporte é perigoso, pois se trata de um terreno em que muito se pauta no não dito e no irrefletido. Trata-se, portanto, do laborioso exercício de se ler um corpo que se movimenta também nas suas entrelinhas,

muitas vezes em silêncio, mas que parece gritar a cada gesto. Só podemos fugir dos estereótipos se estamos abertos a fugir do óbvio, pois um corpo em movimento faz aquilo que sabe, o que pode consistir tanto na mais radical profusão quanto no mais engenhoso controle, com as mais variadas formas de manifestação neste intervalo. Entende-se aqui o saber corporal como forma estreita de relação com o outro, o mundo e seus objetos. Não se confunde, portanto, com um saber de caráter reflexivo, mas trata-se da compreensão de que o corpo não se movimenta de modo aleatório: ele nunca faz um gesto qualquer, nem de qualquer maneira, mas sim a partir de uma série de nuances que vão desde bases motoras e fisiológicas a solos de caráter sociocultural. Assim, o corpo não precisa pensar no que faz, podendo agir a partir daquilo que já apreendeu e com o qual se sente familiarizado. Afinal, não fazemos nada além do que aprendemos a fazer.

Referências

APPLEBY, K.; FOSTER, E. Gender and Sport Participation. *In:* ROPER, E. A. (ed.). **Gender Relations in Sport**. Rotterdam, Netherlands: Sense Publisher, 2013.

BARREIRA, C. R. A. Psicologia do Esporte no Brasil: História, Desenvolvimento e Desafios. **Revista Diálogos:** Psicologia do Esporte – o corpo em movimento, n. 14, v. 9, p. 6-13, 2018.

BARTHES, R. O que é o esporte? Tradução A. Telles. **Serrote**, v. 3, p. 96-105, 2009 [1961].

BELMAS, E. Jogos “de exercício”, divertimento e virilidade. *In:* CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História da virilidade:** 1. a invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Petrópolis : Vozes, 2013.

HOLTHUYSEN, J. **Embattled identitites:** constructions of contemporary American masculinity amongst Mixed Martial Arts cagefighters. 2011. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Arizona State University, Arizona, 2011.

JUREMA, J. **Universo Mítico Ritual do Povo Tukano**. Manaus: Valer Editora, 2001.

MELO, G.; GIAVONI, A.; TRÓCCOLI, B. T. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. **Psicologia:** Teoria e Pesquisa, n. 20, v. 3, p. 251-256, 2004.

MENESSON, C. Pourquoi les sportives ne sont-elles pas féministes ? De la difficulté des mobilisations genrés dans le sport. **Sciences Sociales et Sport**, n. 1, v. 5, p. 161-191, 2012.

MIGLIORATI, M.; ARANDA, A. F.; GONZÁLEZ, R. C. Los estereotipos étnicos en los profesionales del deporte. **Revista Movimento**, n. 22, v. 2, p. 767-782, 2016.

QUEVAL, I. **Le corps aujourd'hui**. France: Éditions Gallimard, 2008.

QUEVAL, I. **S'accomplir ou se dépasser. Essai sur le sport contemporain**. Gallimard: Collection Bibliothèque des Sciences humaines, 2004.

RAUCH, A. O desafio esportivo e a experiência da virilidade. *In:* CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História da virilidade:** 2. O triunfo da virilidade: o século XIX. Petrópolis: Vozes, 2013.

RUBIO, K. The heroic imaginary of the contemporary athlete. *In:* RUBIO, K. (org.). **Sport and Myth**. São Paulo: Képos, 2018.

TELLES, T. C. B. **Corpo a corpo:** um estudo fenomenológico no karate, na capoeira e no MMA. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

TUBINO, M. **O que é esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

UNESCO (1978). **Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO**. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216489_por. Acesso em: 04 jan. 2019.

VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. *In:* CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo. 1. Da renascença às luzes**. Petrópolis: Vozes, 2012a.

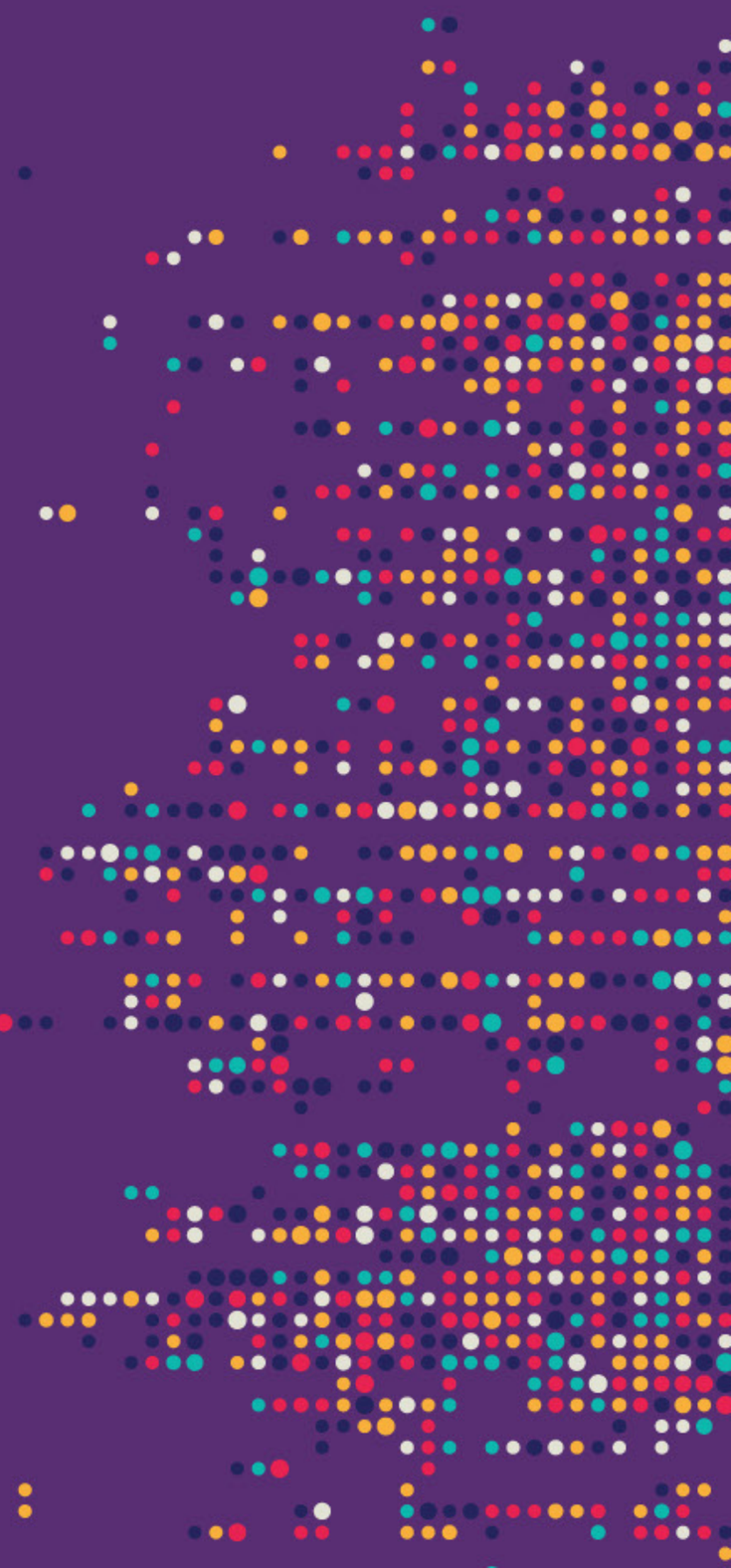
VIGARELLO, G. Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. *In:* CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo. 3.** As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2012b.

VIGARELLO, G. Virilidades esportivas. *In:* CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História da virilidade:** 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013.

VIGARELLO, G.; HOLT, R. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. *In*: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História do corpo. 2. Da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis: Vozes, 2012.

O discurso da maternidade: processos de (des)identificação de estereótipos nas mídias digitais

Ligia Mara Boin Menossi de Araújo, Luciana Carmona Garcia Manzano e Marco Antonio Almeida Ruiz



Introdução

O papel da mulher na sociedade é continuamente um tema de muitas discussões, inscrito em diversas áreas de estudo e reflexão; é fruto de inúmeras questões arraigadas às novas urgências e emergências acerca do seu lugar, como mulher cidadã. Contudo, há, ainda, certos caminhos a serem percorridos em virtude do seu modo de vida e suas inúmeras implicâncias quando a coloca como membro de uma família na qual, depois de uma certa idade, segundo os princípios biológicos, toma o seu lugar de mãe e, ao mesmo tempo, continua (ou não) a ocupar espaços não tidos ou vistos como maternos.

Vemos, pois, certas idealizações acerca do papel de mulher-mãe em imagens que acionam uma memória negativa e que ratificam um dado estereótipo feminino, este, que há alguns anos, felizmente, vem sendo desconstruído graças à representatividade feminina e à luta diária por meio de movimentos sociais e de igualdade. A luta contra o machismo, as movimentações sociais, por exemplo, tornam-se frutos dessa nova realidade discursiva capaz de quebrar certas estereotipias retrógradas e instaurar uma nova instância enunciativa, aquela que reverbera mais direitos e mais igualdade, pois, apesar de a fisiologia entre homens e mulheres ser diferente, isso não justifica, em si mesmo, o enaltecimento do homem em relação à mulher, dado que ambos são dotados das mesmas capacidades de liderança, de vontade, de desejo, entre outros.

Assim, a imagem de mulher-mãe tem sido discursivizada nas mais diversas mídias e trazida como uma ideia que impõe um modo de ser: se você é mãe, então, pode ser rotulada, por meio de certas estereotipias, como uma mulher estressada, cuidadosa, reservada, e a questão do empoderamento fica diluída

e se mistura nesses rótulos que parecem “necessários” quando se retrata tal imagem nas redes sociais.

Buscamos, pois, observar de que modo o seu papel feminino de mãe vem sendo construído na contemporaneidade com base na análise de algumas publicações *on-line*, *posts,* nas redes sociais e como a noção de estereótipo (AMOSSY; PIERROT, 2010) dialoga com a Análise do discurso e, com isso, organiza diferentes possibilidades de dizer. Para tanto, como perspectiva teórico-metodológica, utilizamo-nos dos pressupostos teóricos da Análise do discurso de linha francesa, mais especificamente, as noções de interdiscurso e memória para compreender o funcionamento discursivo desses discursos cristalizados sobre a maternidade que permitem, ainda, de certo modo, ratificar tais estereótipos sociais pregnantes.

Estereótipo e análise do discurso: questões introdutórias

Segundo Amossy e Pierrot (2010), a Análise do discurso (AD), cujo nascedouro ocorreu no final dos anos 1960 na França, esteve pouco interessada na noção de estereótipos, mas, ao mesmo tempo, instaurou questões favoráveis à discussão da temática. Na contemporaneidade, em especial, no Brasil, a AD ganhou espaço significativo a partir das ideias concebidas por Pêcheux (1997). As autoras afirmam que a Análise do discurso se caracteriza por uma série de pressupostos teóricos que estão ligados com o estereótipo, ou seja, a ideia de que o sujeito não é a fonte do sentido, que os discursos seriam uma atividade entre dois sujeitos em contextos determinados que implicaria uma articulação entre o linguístico e o social, o discursivo e o interdiscursivo, que levam em conta questões como a história para constituir um certo discurso e, com isso, engendram o

conceito de estereotipia. A partir dessa perspectiva discursiva, o sentido das palavras não seria independente dos contextos em que estão inseridas (contextos sintáticos, enunciativos e de gênero), nem do lugar dos sujeitos locutores em seus campos sócio-históricos e institucionais.

Dessa perspectiva, a noção de pré-construído, introduzida na AD por Pêcheux nos anos sessenta, constitui um aporte teórico importante, que talvez tenha sido insuficientemente utilizado para o estudo dos estereótipos. O filósofo define pré-construído (a partir dos trabalhos de Paul Henry) como aquilo que remete a uma construção anterior, externa, independente ao que é construído pelo enunciado (PÊCHEUX, 1997). Assim, o pré-construído responde linguisticamente às formas de incorporação da sintaxe como no caso das nominalizações que apresentam um elemento como se ele já estivesse ali, como o efeito de uma predicação anterior, o já-dado é incorporado à materialidade linguística; assim, a ideia do pré-construído está relacionada sintaticamente a um elemento prévio, anterior ao discurso, não afirmado pelo sujeito enunciador, não submetido à discussão cuja origem discursiva já foi esquecida.

Nesta mesma linha, Amossy e Pierrot (2010) afirmam que Patrick Sériot estudou as nominalizações no discurso político soviético ao mostrar que esses discursos têm como resultado apresentar uma afirmativa como se fosse uma constatação oriunda de um sujeito universal: a objetividade científica constrói máscaras para uma suposta justificativa polêmica, as quais entenderíamos como uma questão de estereotipia (SÉRIOT[86], 1986 apud AMOSSY; PIERROT, 2010). Ademais, essa ideia levou o estudioso a redefinir a língua de maneira cuja especificidade

86 SÉRIOT, Patrick. Langue russe et discours politique soviétique: analyse des nominalisations, **Langages**, n. 81 (“Analyse de discours, nouveaux parcours), p. 39, mars 1986.

seria tanto afirmar o falso quanto mostrar as simples relações entre objetos pré-construídos. De maneira geral, o pré-construído procede de uma concepção do sujeito que não é o sujeito ideal e intencional, o sujeito da pragmática, mas um sujeito prisioneiro da linguagem na qual o pré-afirmado conduz o afirmado. O estereótipo, nesse caminho, está relacionado de duas maneiras com a noção de pré-construído: tanto no sentido de designar um tipo de construção sintática que coloca em questão algo já preestabelecido quanto no sentido mais amplo de que o pré-construído pode ser compreendido como uma marca nos enunciados dos discursos e juízos prévios cuja origem foi, de alguma maneira, apagada. O estereótipo, uma evidência sem história, apresenta, como nas frases enciclopédicas do dicionário, um efeito de verdade imediata que resulta no apagamento de saberes que foram produzidos (FRADIN; MARANDIN, 1979 apud AMOSSY; PIERROT, 2010).

A escola francesa de Análise do discurso propôs uma série de estudos que são muito produtivos para a reflexão sobre estereótipos, isto porque estavam dispostos a fazer ver a ideologia (PÊCHEUX, 1997) subjacente ao discurso político. Para isso, era constituído um *corpus* fechado – por exemplo, os editoriais do *Père Duchesne* entre 14 de julho e 6 de setembro de 1793 – e, então, aplicava-se procedimentos analíticos da linguística. Dentre eles, há uma análise do lexema *sans-culotte*[87] estudado de modo estatístico em relação à ocorrência de outros lexemas como: pobre, esfarrapado, miserável, e ainda, trabalhadores, cidadãos trabalhadores e demais lexemas. Um segundo conjunto léxico analisado era composto por termos com ressonância política: bons cidadãos, republicanos, patriotas,

87 *Sans culottes*: nome dado durante a Revolução francesa aos revolucionários que pertenciam a classes populares e que usavam calças listradas (AMOSSY; PIERROT, 2010, p. 114).

amigos da liberdade (GUILHAUMOU; MALDIDIER; PROST; ROBIN, 1973 apud AMOSSY; PIERROT, 2010).

A partir daí, o analista do discurso, então, examinaria a implantação de uma rede verbal que define o campo do lexema *sans-culotte* como: fazer uma revolução, atuar contra as forças inimigas etc.; o estudo do léxico identifica as ocorrências, levando em conta as frequências, e permite determinar qual é a imagem que *Père Duchesne* constrói dos *sans-culotte.* Logo, é possível afirmar que, a partir da análise do léxico, seria possível estabelecer um estereótipo do discurso da Revolução Francesa para avaliar as posturas ideológicas mesmo quando a noção de estereótipo não se encontrava entre as utilizadas na Análise do discurso da época.

Contudo, a análise, por meio de um conjunto léxico oriundo de um *corpus* fechado, começou a parecer insatisfatória aos analistas do discurso por descartar a maior parte de um grande arquivo; além disso, por não levar em conta esses documentos de arquivo, incluindo-os nas condições de produção de um texto, não os integrando à análise propriamente dita. Desse modo, os trabalhos anteriores à AD, a partir de uma perspectiva mais historicista, não vão se limitar a trabalhar com uma série de textos impressos já catalogados pelos historiadores, mas, buscariam levar em conta a diversidade do arquivo (GUILHAUMOU; MALDIDIER; PROST, ROBIN, 1994 apud AMOSSY; PIERROT, 2010).

Desse modo, Jacques Guilhaumou escolhe trabalhar sobre a associação “pão e X” no discurso revolucionário em seus trabalhos sobre a Revolução Francesa e como ela aparece em fontes impressas: diários, panfletos, livros etc., mas também em manuscritos como: atas de assembleias, correspondências, petições e interrogatórios da polícia, por exemplo. Guilhaumou explora inicialmente uma temática que associa as formulações

diversas sobre o tema pão e liberdade e essa recorrência temática irá se fixar na expressão “pão e liberdade” que coexiste a partir de 1793 com outra combinação fixa: “pão e ferro”. Portanto, o analista do discurso reuniria o exame do arquivo em que a combinação é temática para a análise linguística de uma expressão fixada em um *corpus* definido, procedimento este que é considerado interpretativo já que determina o sentido de um trajeto discursivo que leva à liberdade como direito de manter quando adquire um valor de pré-construído, de já esquematizado no horizonte do *slogan pão e ferro* (GUILHAUMOU; MALDIDIER; PROST; ROBIN, 1994 apud AMOSSY; PIERROT, 2010).

Após essa breve explanação de como algumas questões discutidas pela Análise do discurso estariam entrelaçadas com a ideia de (sobre) estereótipo, tal como a de pré-construído, Amossy e Pierrot (2010) explanam alguns aspectos mais atuais acerca do tema quando afirmam que a AD já superou essa primeira fase centrada nas ideias de M. Pêcheux e seus desdobramentos nos trabalhos de J. Guilhaumou e que, na atualidade, não se pode tomar o que se faz com o discurso histórico e político como anteriormente, já que muitas questões foram repensadas.

Para este nosso estudo, acreditamos ser primordial situar a ideia do estereótipo nas reflexões da Análise do discurso a partir das discussões de Amossy e Pierrot (2010). Ademais, faz-se necessária tal discussão a partir das questões teóricas que embasam nossa análise, tais como: o interdiscurso, o dispositivo e a memória que dialogam de modo produtivo com o estereótipo e, ao mesmo tempo, permitem-nos tecer observações interessantes do material de análise que engendra sentidos de outros enunciados em materialidades verbais e não-verbais, as imagéticas, por exemplo.

Como vimos, o pré-construído olha para os enunciados e para o que ali está posto como algo já-dado, pré-existente ao discurso; entretanto, essa noção irá se deter a olhar um material estritamente verbal já que, à época, Pêcheux (1997) não lidava com mídias digitais. Porém, a partir de estudos posteriores, a AD passou a desenvolver outras perspectivas e repensar conceitos e, dentre eles, está o de interdiscurso e o de formação discursiva (FD) que podem ser vistos como conceitos que abraçaram o de pré-construído e que passaram a sustentar as análises descritivo-interpretativas, o de interdiscurso.

A noção de interdiscurso, em nosso trabalho, conduz o funcionamento polêmico do discurso sobre a maternidade, materializando-se a partir de um discurso outro, anterior, já dito e produzido num texto primeiro. Temos, portanto, o conceito de discurso como um lugar de memória quando alguns enunciados reaparecem ou desaparecem, de acordo com a necessidade, e outros são repetidos ininterruptamente. Isso confere ao dizer um poder, na medida em que funda uma possibilidade de se exprimir, de abrir um direito à fala e de possuir um valor de proposição eficaz (alguns discursos precisam ser relembrados, repetidos, num trajeto complexo em que se veem formações discursivas que se transformam, se entrecortam, se escondem, ressurgem posteriormente, ou se diluem, deslizam ou desaparecem).

A memória confere ao discurso a condição de patrimônio verbal de uma classe a partir do passado e do coletivo que a ampara: “Se o discurso é um lugar de memória, é porque ele traz o vestígio [...] das flutuações e das contingências de uma estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas rupturas.” (COURTINE, 2006, p. 92). A questão do interdiscurso postula que os discursos partem de um já dito e refletem em outro dito posterior, porque estão em

cadeia. Assim, em todo discurso se fazem presentes discursos anteriores a ele, que se significam e se ressignificam. A memória discursiva permitirá – dentro de uma formação discursiva – o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a FDs posicionadas historicamente. Partindo dessa questão, é significativo buscar o interdiscurso dentro do embate entre práticas discursivas no campo do discurso sobre a mulher-mãe – que promove efeitos de sentido sobre o gênero feminino –, ou seja, buscar como se dá a apropriação de discursos anteriores inscritos na história, de que modo são trazidos e como se (re)significam.

A noção de arquivo, muito importante para a AD como modo de acompanhar as práticas discursivas da sociedade (SARGENTINI, 2006), norteia a construção de nosso *corpus* a partir das reflexões de Foucault (2000). O nível discursivo, caracterizado por um sistema de discursividade, rege o funcionamento (produção, enunciabilidade, subsistência e modificação) dos enunciados – certos enunciados aparecem devido a determinadas razões que promovem seu surgimento, devido a um jogo de relações no qual se define a possibilidade, ou não, da emergência de enunciados (SARGENTINI, 2009). Pautar-se na noção de arquivo leva o pesquisador a analisar o conjunto de enunciados efetivamente produzidos a partir de um acontecimento, e que obedecem a esse "sistema geral da formação e transformação dos enunciados" (FOUCAULT, 2000, p. 150) que organiza a subsistência (manutenção) e a modificação (transformação) dos enunciados.

Nesse caminho, o arquivo

> [...] é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria. [...] o arquivo define [...] [o nível] de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação (FOUCAULT, 2000, p. 150).

Tal concepção metodológica exclui a possibilidade de descrição exaustiva e a ideia de completude/encerramento do *corpus* – ele não é dado *a priori*, mas se constrói de maneira dinâmica, contínua, de acordo com o desenvolvimento da análise, e se fecha apenas provisoriamente (tem um efeito de encerramento), junto com o fechamento do trabalho analítico. Este procedimento permite, na dispersão, a descrição dos regimes de enunciabilidade "tanto nas regularidades de funcionamento quanto nas rupturas provocadas pelo acontecimento" (ZOPPI-FONTANA, 2005, p. 95), já que este enfoque considera dois aspectos: as determinações históricas que incidem sobre os processos discursivos e as implicações da análise do pesquisador na exploração do objeto de estudo (ORLANDI, 1990; 1999 apud ZOPPI-FONTANA, 2005, p. 95).

"O arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade. Dá-se por fragmentos, regiões e níveis, melhor, sem dúvida, e com mais clareza na medida em que o tempo dele nos separa [...]" (FOUCAULT, 2000, p. 150). Desse modo – e, também, a partir do surgimento do conceito de interdiscurso incorporado à noção de arquivo, que vai permitir a construção e a apreensão dos pré-construídos e suas articulações –, o desenvolvimento da AD permite novas maneiras de compreender o *corpus*, por um viés que abarca o heterogêneo, o instável e o descontínuo.

A mulher-mãe moderna: estereotipias em rede

Por um longo período, a mulher ocupou um espaço de devotamento ao homem e de inferioridade, considerava-se que ela era incapaz de exercer atividades diferentes das domésticas e de cuidar dos filhos; ela teria nascido para cuidar do lar e da prole (EMIDIO, 2008). Assim, sua vida estava atrelada à família e, por conseguinte, à vida doméstica. Segundo Venâncio (2000), no Brasil colônia, as mulheres eram educadas para casar e terem filhos, sendo a procriação sua única função. Todavia, com as mudanças históricas e sociais, a dinâmica das famílias foi sendo modificada e, com o advento do capitalismo entre os séculos XVIII e XIX, houve, com isso, a necessidade de mão de obra, fato que levou as mulheres para as fábricas, tornando-se grande parte da sua produção.

Entretanto, a nova jornada foi adicionada ao papel de mãe e esposa, ocasionando uma dupla (ou tripla!) jornada de trabalho. Paralelamente, a essa época, surgiu um movimento que buscava maior liberdade sexual, juntamente com a chegada dos contraceptivos, o que causou uma cisão entre sexualidade e procriação; a mulher, então, poderia decidir quando ter filhos (BADINTER, 1985).

Por conseguinte, o papel da mulher, no cenário contemporâneo, vem se alterando e assumindo outras possibilidades, gerando, assim, diversas formas de estereotipias acerca do lugar de ser mulher-mãe. Na discussão que empreendemos neste trabalho, buscamos analisar como o estereótipo da mulher-mãe se constrói a partir de recortes de *posts* em redes sociais, ou seja, como a mãe moderna é retratada, isto porque, mesmo ocupando outros espaços, nota-se um

movimento de sedimentação desse lugar da mulher-mãe do lar; fora desse espaço há a irrupção de discursos que retratam uma mulher cansada, estressada. Por isso, a ideia de estereótipo é ainda uma forma de conhecimento e identificação que oscila entre o que está sempre "no lugar", já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido (BHABHA, 2013, p. 117). A repetição dessa suposta verdade remonta à necessidade de afirmação e de legitimação da impressão, que seria mais interessante para quem propaga o estereótipo, então, para as relações de poder que, em diferentes cenários, colocam grupos sociais em posições mais privilegiadas do que outros.

Ao fazerem um esboço do aparecimento da palavra ao longo da história, Amossy e Pierrot (2005) lembram que esta foi cunhada inicialmente pelo publicitário norte-americano Walter Lippmann em sua obra *Opinião Pública* de 1922, assim ele passou a chamar de estereótipo as imagens de nossa mente que se relacionam com o real, cujas representações são cristalizadas, ou esquemas culturais preexistentes que filtram a realidade que está no nosso entorno. Essas representações seriam indispensáveis para a vida em sociedade, para compreender o real, isto porque, ao categorizar esse real, é possível atuar sobre ele, ainda que essas representações sejam fictícias não porque sejam mentirosas, mas por expressarem um imaginário social.

Fidalgo (2000) expõe que no século XIX havia antagonismos arraigados entre a feminilidade e a produtividade, a maternidade e os salários, o lar e o trabalho; esses argumentos foram sendo utilizados para criar um molde acerca da divisão do trabalho segundo o sexo, fato que impulsionou o modelo de paciência, persistência e habilidade manual para as tarefas domésticas como femininas enquanto as tarefas de força muscular, velocidade e perícia seriam dos homens, resultando, por exemplo,

na diferenciação salarial. Cuidar de uma criança, de um filho é encarado, por meio de estereotipias, como um problema que a mãe precisa resolver, é algo instituído por diferentes dispositivos de controle como uma função única ou prioridade da mulher, haja vista a Lei que permite de quatro a seis meses de licença-maternidade e de sete a 20 dias de licença-paternidade[88]. O estereótipo pode aparecer como uma construção imaginária, não refletindo necessariamente o real e, na sociedade contemporânea, em que estamos inseridos, as construções imaginárias cuja adequação ao real deixa brechas para dúvidas, "[...] se veem favorecidas pelos meios de comunicação, pela imprensa e pela literatura[89]" (AMOSSY; PIERROT, 2010, p. 41, tradução nossa).

A noção de estereótipo surge quando há contato entre diferentes grupos a partir de deslocamentos de ordem geográfica, religiosa, cultural, racial etc. a partir da necessidade de se diferenciar dos demais grupos assim como pertencer a um deles (AMOSSY; PIERROT, 2010). Nesse sentido, a veiculação de estereótipos e seu compilamento são tão antigos quanto a formação dos primeiros grupos de indivíduos de uma sociedade e, portanto, os estereótipos são inúmeros e partem de lógicas culturais muito distintas em diversos contextos sociais, linguísticos, familiares e pessoais.

Assim, os estereótipos são imagens previamente construídas e repassadas entre grupos, tanto positiva quanto negativamente, sempre em comparação a um modelo pré-definido e sua função social é inevitável. A análise e o levantamento dos estereótipos objetiva desmistificar tudo aquilo que dificulta as relações interpessoais e a apreensão do

88 Disponível em: http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/lic_matern_180dias.htm. Acesso em: 23 mar. 2019.

89 No original: "[...] se ven favorecidas por los médios de comunicación, la prensa y la literatura".

real, da originalidade e da inovação, sendo que as ciências sociais, as ciências da linguagem e os estudos literários reconhecem que os fenômenos de estereotipia são inevitáveis. As funções construtivas do estereótipo podem somente ser percebidas no momento em que deixamos de considerar de maneira estática seus conteúdos e suas cristalizações. O que chama atenção é a forma como um grupo de mulheres se apropria desse conjunto de estereótipos, colocando-os em uma dinâmica de relações com outras, assim como as modalidades por meio das quais os discursos retomam elementos pré-fabricados tomados, muitas vezes, como instrumentos de poder e produtores de verdades.

Como internautas, quando acessamos as redes sociais, em especial o Facebook e o Instagram, nos deparamos com inúmeras postagens que se multiplicam a cada segundo. Diante disso, o que nos chamou atenção é o fato de a maternidade ter sido retratada e retomada diferentemente em diversas páginas a partir de imagens, textos e referências sobre o tema. Diante do arquivo que se construiu para o desenvolvimento deste capítulo, tecemos um pequeno recorte do extenso *corpus* que compõem o nosso material analítico para, então, empreender a seguinte pergunta: quem é a mulher-mãe-moderna das redes sociais? Quais imagens estariam pré-determinadas interdiscursivamente na construção do papel da mulher-mãe enquanto sujeito? Para tanto, queremos, pois, alcançar nosso objetivo que é pensar de que modo as mulheres-mães têm sido retratadas e ressignificadas na mídia digital.

Nossa reflexão se inicia com o recorte de um dos *posts* de um perfil da rede social Instagram[90] que tem como autora a terapeuta Carolinie Figueiredo que trata especificamente de temáticas acerca da maternidade e da família. Na figura 1, o que

---

90 Disponível em: https://www.instagram.com/. Acesso em: 26 mar. 2019.

nos salta aos olhos é o título *mães não precisam* acompanhado logo abaixo de uma suposta lista do que, na atualidade, as mães não seriam mais obrigadas a fazer ou saber. Vejamos:

Figura 1 – *Post* do perfil do Instagram @carolinie_figueiredo, 10/01/2019

Gostar de **cozinhar**
Abrir mão de sua **sexualidade**
Ser um ser **angelical** que não erra nunca
Ser **100% responsabilizada** pelos filhos (Cadê o pai?)
Ser completamente **altruísta**
Ser **totalmente feliz e realizada** apenas por ser mãe
Fazer tudo pelos filhos incluindo **abrir mão de si mesma**
Ser chamada de **"menos mãe"** porque trabalha fora de casa
Ter sua **ambição questionada** por decidir não trabalhar fora
Ser **unicamente responsabilizada** pela organização da casa
Fazer dieta para correr atrás do corpo pré-gravidez
Abrir totalmente mão da **vaidade**
Ser **um ser perfeito** que nunca grita ou fala palavrão
Bater palma para **pai de Facebook**
Te dar qualquer explicação sobre a sua MATERNIDADE

Abaixo do título *mães não precisam*, encontramos uma série de enunciados formulados a partir de elementos pré-contruídos e pré-determinados historicamente na sociedade. Trata-se, pois, de um conjunto de discursos formulados que ao mesmo tempo que reverbera essa nova atualidade do papel de mulher-mãe, podemos dizer que há, de certo modo, uma ratificação de certos estereótipos já bastante cristalizados na sociedade. Ao ressaltar características associadas ao papel da mulher, enquanto mãe e dona de casa, como forma de desconstruir esse imaginário pré-determinado pelas imagens concebidas, podemos dizer que o efeito de sentido criado é outro, da inversão, em que, ao negar, a autora reafirma certas estereotipias justamente por trazer formulações no discurso que remetem, direta ou indiretamente, ao imaginário social e histórico estabilizado.

Ademais, a forma como as informações estão dispostas permite-nos dizer que essa estereotipia criada compõe-se como se fosse uma receita, um passo a passo de ações que definem qual é o papel da mulher-mãe na sociedade. A legenda da imagem em destaque, apesar de buscar romper com “estereótipos e caixinhas”, descrevendo uma sequência de ações e a receita de ser mãe, continua sustentando as estereotipias de uma mulher que ainda ocupa um certo espaço, cerceada pelo conjunto cristalizado de discursos no interior do interdiscurso, corroborando a ideia de que ela deve dedicar-se única e exclusivamente à família como um ser devotado.

Em um outro perfil do Instagram, intitulado “pediatria descomplicada”, o tema da maternidade é novamente retomado, todavia, observamos que o tom do discurso produzido reverbera o efeito de humor. Vejamos o seguinte recorte:

Figura 2 – *Post* do perfil do Instagram @pediatriadescompliacada, 24/10/2016.

Ao contrário da imagem anterior, em que vemos o estereótipo sendo construído e corroborado pelo aspecto verbal, nessa imagem, o objetivo é produzir o humor e o escárnio em relação ao papel da mulher-mãe logo após o parto. A desconstrução do belo, muitas vezes enaltecido pelo parto e pelo grande esforço que a mulher tem nesse período, atinge seu ápice justamente por que quebra a imagem da mulher ideal, "perfeita" e refinada, da mãe que estereotipicamente deveria assumir, como bela e do lar. Ou seja, temos a desconstrução dessas imagens anteriores e efetivamente uma mulher que, além de ser mãe, é um ser humano que precisa de carinho, de atenção, de cuidado, de zelo. Contudo, o modo como as características da mulher-mãe são representadas na figura (um ser estropiado) causa, de certo modo, um escárnio negativo descaracterizando a mulher, ressaltando apenas o lado negativo por meio de suas "imperfeições" como mulher: mal penteada, saliência na barriga, pelos nas pernas, mal vestida, entre outros. Podemos dizer que a imagem desmistifica a mulher bonita, enquanto um ser idealizado, e a coloca como um ser humano, ratificando, também, certos estereótipos já cristalizados na memória discursiva.

Além disso, o discurso humorístico assume essa função de tornar “menos sérios” assuntos importantes e desconstruir uma certa imagem, a da mulher-mãe sagrada e plena, que traz o desenho que representa a mulher no puerpério, período logo após o parto e em outros momentos da maternidade como afirma parte da legenda: “Pra quem já se viu assim no puerpério!!! (Ou em qualquer outro momento...)”.

Pela materialidade empregada, observamos uma certa regularidade nos discursos acerca da maternidade. A mulher-mãe é retratada de diferentes modos, com características diversas, mas um fator é comum a todas: a imposição de certas regras sociais ao papel de mulher e que, pelos estereótipos pré-determinados, devem em si refletir seu papel de mulher-mãe. É tal regularidade, também, que observamos na composição de outro perfil dessa mesma rede social, o Instagram, intitulado “Cheguei ao Mundo”. Assim como na figura 2, a figura 3 traz o discurso de humor quando uma mulher vestida de bruxa pergunta à outra do que ela está fantasiada e, de modo inesperado, a outra responde que está vestida de mãe (e não de zumbi, como se esperava). Vejamos:

Figura 3 – *Post* do perfil do Instagram @chegueiaomundo, 31/10/2018

O humor criado na imagem anterior é associado à fantasia de mãe, mulher ideal cristalizada pelo imaginário social. Na imagem, a mulher que se identifica como mãe está malvestida, malcuidada e reflete em seu semblante um ar de cansada. Podemos dizer que a expressão e a má vestimenta corroboram, também, nesse estereótipo de mulher frágil, incapaz de assumir diferentes funções na sociedade. Trata-se, pois, da confirmação de ideias pré-estabilizadas historicamente e contra as quais, constantemente, as mulheres vêm lutando para se desfazer e desconstruir.

Em uma outra figura, retirada de uma reportagem do *site* UOL[91], vemos uma descaracterização da mulher metaforizada no papel do animal, apenas como uma função de alimentação. Vejamos a figura a seguir:

Figura 4 – Reportagem UOL, 01/09/2017

91 Disponível em: https://lucianabugni.blogosfera.uol.com.br/2017/09/01/amamentar-e-trabalhar-quem-consegue-juntar-os-dois-numa-boa/. Acesso em: 26 mar. 2019.

Nesse sentido, a reportagem destaca ambos os papéis que a mulher assumiu nas últimas décadas: o de dona de casa e o de empresária, trabalhadora. O estereótipo da mulher dona de casa não mais se sustenta, e mesmo assim, pelas formulações discursivas, tal associação é diretamente proporcional a sua condição enquanto mulher. Por isso, não se associa a figura do homem no processo da maternidade, pois cria-se um imaginário de que a mulher é a responsável por tudo. Novamente, vemos o efeito de sentido de que a mulher-mãe é frágil, incapaz, pois, ao colocar a pergunta como manchete da reportagem, vemos o questionamento do papel da mulher-mãe na sociedade, como se ela fosse incapaz de assumir duas posições – mulher-empresária, trabalhadora e mulher-mãe. Tal posicionamento ocorre diante desse estereótipo de mulher frágil que ou amamenta ou trabalha.

Considerações finais

Neste capítulo, propusemo-nos a verificar de que modo o papel de mãe vem sendo construído na atualidade a partir de um conjunto de materialidades, buscando um diálogo entre a noção de estereótipo e a Análise do discurso. Assim, ao logo de nossa reflexão, verificamos que a AD traz um arcabouço teórico produtivo para se refletir acerca das questões sobre estereotipias, como elas se (re)constroem, modificam e sedimentam os discursos; em especial, tratamos a questão do pré-construído nas reflexões tecidas por Amossy e Pierrot (2010) para, em seguida, refletirmos como a ideia acontece nos entremeios da construção do interdiscurso e da memória.

A partir daí, investigamos como o estereótipo da mulher-mãe pode ser visto nas redes sociais por meio de alguns *posts* publicados nessas redes e, então, pudemos observar que, ainda que haja um espaço em que se inscrevem novas possibilidades

de dizer, esses ditos ecoam uma memória discursiva calcada, historicamente, na sedimentação de lugares (im)possíveis para a mulher-mãe. Nota-se um jogo (in)tenso entre a manutenção de certas estereotipias e a ruptura com uma memória que, cristalizada historicamente e possível de ser formulada na atualidade, ainda (re)produz um estereótipo na essência do ser mulher na sociedade. As estereotipias da maternidade, ao lado de outras estereotipias como as da empresária, da líder, da (mulher) política, são uma das diversas ramificações do estereótipo construído para a mulher, evidenciando uma desqualificação de gênero que continua a ecoar nas práticas discursivas: essa mulher, porque é frágil, ainda é incapaz. Debruçar-nos sobre essas práticas aponta tanto para as lutas que travamos na história para construir um outro lugar de sujeito quanto para um caminho ainda longo para outras possibilidades de dizer.

Referências

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés.** Traducción y adaptación Lelia Gándara. 4. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2010 [1997]. Enciclopedia Semiológica.

AMOSSY, R. Esteriotipagem e construção de uma imagem de si. *In*: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do Ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

BADINTER, E. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BUGNI, L. Amamentar e trabalhar: quem consegue juntar os dois numa boa? 31 de setembro de 2018. Disponível em: https://lucianabugni.blogosfera.uol.com.br/2017/09/01/amamentar-e-trabalhar-quem-consegue-juntar-os-dois-numa-boa/. Acesso em: 20 mar. 2019.

CHEGUEI AO MUNDO. Post do perfil do Instagram. 31 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BpmxuVZBXei/. Acesso em: 20 mar. 2019.

CIENTISTA QUE VIROU MÃE. Post do Instagram. 14 de maio de 2018. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BixJ561jkbO/. Acesso em: 25 mar. 2019.

COURTINE, J.-J. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

DONA HERMINIA IMPULSIVA. Post do Facebook. 15 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.facebook.com/DonaHerminiaImpulsiva/photos/a.1482770035367285/2325027644474849/?type=3&theater. Acesso em: 20 mar. 2019.

EMIDIO, T. S. **Diálogos entre feminilidade e maternidade:** um estudo sobre olhar da mitologia e da psicanálise. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

FIGUEIREDO, C. Mães não precisam. Post no Instagram. 10 de janeiro de 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BsdSAAnnaLc/. Acesso em: 20 mar. 2019.

FIDALGO, L. A. **Reconstruir a maternidade numa perspectiva discursiva**. 2000. Tese (Doutorado em Biomedicina) – Universidade do Porto, Portugal, 2000.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 [1986].

OLIVEIRA, K. M. PEDIATRIA DESCOMPLICADA (figura 2). 31 de julho de 2017. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BXOdua3gAP7/. Acesso em: 20 mar. 2019.

OLIVEIRA, K. M. PEDIATRIA DESCOMPLICADA (figura 3). 24 de outubro de 2016. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BL92KuYAhxU/. Acesso em: 20 mar. 2019.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997[1969].

SARGENTINI, V. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. *In*: NAVARRO, P. (org.). **Estudos do texto e do discurso:** mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 35-44.

SARGENTINI, V. Objetos da análise do discurso: novas formas, novas sensibilidades. *In*: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. do R. (org.). **Análise do discurso:** heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 103-116.

VENÂNCIO, R. P. Maternidade negada. *In*: PRIORE, M. D. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 189-222.

ZOPPI-FONTANA, M. Arquivo jurídico e exterioridade. *In*: GUIMARÃES, E.; PAULA, M. R. B. de. (org.). **Sentido e memória**. Campinas: Pontes, 2005.

Nota sobre os autores

JULIA LOURENÇO COSTA

Atualmente, é pesquisadora FAPESP (Processo 2017/12792-0) de Pós-doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em período de estágio de pesquisa BEPE (FAPESP 2018/18860-0) na Université Paris 13 Nord, sob a supervisão da Profa. Dra. Marie-Anne Paveau. É doutora em Letras - área de concentração: Linguística, pela Universidade de São Paulo (USP); realizou estágio de pesquisa (Doutorado Sanduíche) na Université Paris-Sorbonne IV, sob a orientação do Prof. Dr. Dominique Maingueneau. Possui mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e é graduada em Letras - com licenciatura plena em Português/Inglês - pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É membro participante do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais, da Universidade Federal de São Carlos (LEEDIM-UFSCar) e do Grupo de Estudos Semióticos, da Universidade de São Paulo (GES-USP). É editora da revista *Linguasagem - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem* - uma realização do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar). Tem como foco as áreas de Linguística e de Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Análise do discurso francesa, Semiótica greimasiana e Comunicação. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5592296124389416. *E-mail*: julialourenco@usp.br

LIGIA MARA BOIN MENOSSI DE ARAÚJO

Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar e bolsista CAPES (2019). É mestre (2011) e doutora (2015) em Linguística pela mesma instituição, ambos com apoio da FAPESP. É especialista em Linguística de Texto e Ensino pela

UNESP - Araraquara (2004) e graduada (2002) em Letras pelo Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva (IMES-Fafica). Atualmente, é editora da revista *Linguasagem - Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem* e coordenadora do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM). Além disso, realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP (2016-2018). Tem experiência docente no ensino fundamental II, no ensino médio, no ensino técnico e no ensino superior. Atua principalmente nos seguintes temas: linguística, análise do discurso, discurso humorístico, derrisório, imagéticos e multimodais, heterogeneidades enunciativas, ensino de língua portuguesa e redação, interdisciplinaridade e metodologia científica. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7893136450669304.
E-mail: ligiamenossi@gmail.com

LUCIANA CARMONA GARCIA MANZANO

Professora permanente e atual coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Franca/SP. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (2014). Realizou estágio doutoral na Université de Toulouse II - Le Mirail (França) como parte de seu projeto de doutoramento. Tem Mestrado (2010) em Linguística e Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, pela mesma instituição (2001). É membro do grupo de pesquisas LABOR - Laboratório de Discurso Político (CNPq: 401122/2010-7) da UFSCar desde 2007, e líder do grupo GTEDI - Grupo de Texto e Discurso: Representação, Sentido e Comunicação da UNIFRAN desde 2016. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Unifran e membro do Comitê de Integridade na Pesquisa da mesma

instituição. Desenvolve pesquisa na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: análise do discurso, semiologia histórica, discurso político, televisão, gênero, minorias. Atua como docente nas áreas de Linguística Geral, Teoria e Análise Linguística, Língua Portuguesa, Didática da Educação Infantil, Língua Espanhola. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9059098295895752.
E-mail: lcgmanzano@gmail.com

LUÍS GUILHERME VIRGÍLIO FERNANDES

Possui graduação em Bacharelado em Biotecnologia, pela Universidade Federal de São Carlos, *campus* Araras. Realizou seu Mestrado no Programa de Pós-graduação Interunidades em Biotecnologia, no Instituto Butantan/USP, na área de genômica funcional com aplicação no desenvolvimento de vacinas e compreensão da interação patógeno-hospedeiro. Durante seu Doutorado, realizado pelo mesmo programa, o foco foi o desenvolvimento de vacinas e a compreensão dos quadros hemorrágicos durante a leptospirose severa. Atualmente, realiza seu Pós-doutorado, com foco no desenvolvimento de ferramentas genéticas para obtenção de bactérias mutantes, para melhor compreensão da patogênese da leptospirose. Possui experiência também nas áreas de análises físico-químicas, melhoramento genético vegetal, com ênfase em marcadores SSR em feijão e cana-de-açúcar, genômica funcional, vacinologia reversa, interação patógeno-hospedeiro e sistema de coagulação. Desenvolve seu Pós-doutorado no Instituto Butantan com ênfase no desenvolvimento de ferramentas para silenciamento gênico em Leptospira. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8599617054158813. *E-mail*: luis.fernandes@butantan.gov.br

MARCO ANTONIO ALMEIDA RUIZ

Bacharel (2012), mestre (2015) e doutorando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente, também é aluno de doutorado em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris (EHESS), com o apoio da FAPESP. No mestrado, dedicou-se aos estudos da história da linguística brasileira e ao pensamento saussuriano com financiamento da CAPES. Desenvolve seu trabalho de tese no âmbito da análise do discurso de orientação francesa, compreendendo as suas recepções no Brasil e a constituição de uma análise do discurso brasileira. É membro do Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais (LEEDiM) e do grupo de pesquisa DISCONEX (EHESS, Warwick). Tem experiência na área de linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: deslocamentos epistemológicos da análise do discurso, filosofia da linguística, pensamento saussuriano e história da linguística brasileira. É professor assistente no Centro Universitário Barão de Mauá, atuando nos cursos de Letras, Pedagogia e História. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/4613888575492521.
E-mail: marcoalmeidaruiz@gmail.com

MARCOS ROBERTO MARIANO PINA

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com ênfase na área de Sociologia do Trabalho, trabalho artístico-musical e produção cultural. Integra desde 2012 o Laboratório de Estudos sobre o Trabalho, Profissões e Mobilidades (LEST). *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7763913593471267.
E-mail: pinaroberto1@gmail.com

MAIRA DA COSTA CACEMIRO

Doutora em Biociências Aplicadas à Farmácia pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto - USP (2014 a 2018) com ênfase em Hematologia e trabalhando com Neoplasias Mieloproliferativas e sua associação com alterações em vias de sinalização e processo inflamatório. Doutorado sanduíche (BEPE-FAPESP) desenvolvido no Instituto Gustave Roussy - Villejuif-France, sob orientação do Dr. William Vainchenker no qual estudou-se as neoplasias mieloproliferativas em modelo animal com a mutação CALR del52 e seu papel na hematopoese. Titulação de Mestre em Ciências pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto - USP (2012 a 2014) onde desenvolveu seu trabalho em Imunologia, focando na busca de biomarcadores imunológicos de monócitos de indivíduos HIV+. Bacharel em Biomedicina com habilitação em Patologia Clínica pelo Centro Universitário de Araraquara (2007 a 2010). *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8342966477441175. *E-mail*: mairacacemiro@hotmail.com

MATHEUS VIANA BRAZ

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UNESP. Mestrado na mesma instituição, com período sanduíche na Université Paris Diderot 7 (Laboratoire de Changement Social et Politique), França. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Assis, com período sanduíche na Universidad de Santiago de Compostela, Espanha. Membro e correspondente internacional no Brasil do RISC - Réseau International de Sociologie Clinique - (França). É membro do grupo de pesquisa “Figuras e Modos de Subjetivação no Contemporâneo” vinculado à UNESP/

Assis e do “Laboratório Interinstitucional de Subjetividade e Trabalho”, vinculado à Universidade Estadual de Maringá - UEM (ambos cadastrados no CNPq). É autor do livro *Paradoxos do Trabalho: as faces da insegurança, da performance e da competição*, que será publicado em junho/2019 pela editora Appris. É, também, organizador do livro *Sujeito contemporâneo, saúde e trabalho: múltiplos olhares* (EdUFSCar, 2017). Possui interesses nas seguintes áreas: Sociologia Clínica e Psicossociologia; Relações de Trabalho e Estudos Críticos Organizacionais; Evolução do Trabalho Contemporâneo e Sofrimento no Trabalho. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2840916206231985. *E-mail*: mvianabraz@gmail.com

RENATA DE OLIVEIRA CARREON

Formada em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em português e espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2010) e membro participante do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM). Mestrado (2013) e Doutorado (2018) pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da UFSCar. Realizou estágio doutoral em Buenos Aires (UBA - Argentina) com o Prof. Dr. Mariano Dagatti (CAPES/PDSE). Desenvolve pesquisa na área de Teoria e Análise Linguística, com ênfase em Análise do discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: análise do discurso, discurso político, campanha eleitoral, redes sociais, ethos. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3874251351469772. *E-mail*: renatacarreon@gmail.com

RENATA MARIA CORTEZ DA ROCHA ZACCARO

Possui graduação em Letras (1991) e Pedagogia (1994) pelo Centro Universitário Barão de Mauá, especialização em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma instituição (1997) e mestrado em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda (2007). É doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Trabalha como professora no Ensino Fundamental do Liceu Albert Sabin e no Ensino Superior do Centro Universitário Barão de Mauá. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/8535727852523767. *E-mail:* renata.cortez@baraodemaua.br

THABATA CASTELO BRANCO TELLES

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP/FAPESP). Pesquisadora em Filosofia (Fenomenologia) nos Arquivos Husserl - Paris (ENS-CNRS/FAPESP), de 2016 a 2018. Possui graduação em Psicologia (UNIFOR/CNPq) e Mestrado em Psicologia (UNIFOR/FUNCAP). Foi Professora Substituta na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) - 2014/2015 e Professora na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - 2012-2014. É especialista em Psicologia do Esporte pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia). É membro-fundador do IPHe (Instituto de Psicologia Humanista e Fenomenológica do Ceará), membro do GT de Psicologia do Esporte da ANPEPP e membro da ABRAPESP (Associação Brasileira de Psicologia do Esporte), atualmente no comitê de relacionamento externo (gestão 2017-2019). Atua e pesquisa com ênfase em fenomenologia; psicopatologia; corpo; movimento; psicologia do esporte e do exercício; artes marciais e esportes de combate. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7306332701033811. *E-mail*: thabata@gmail.com

VINÍCIUS XAVIER CINTRA MARANGONI

Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências e Letras de Assis), Mestre (2018) e Graduado em Psicologia na mesma instituição (2015), também graduado em Pedagogia pela Universidade de Franca (2007). Pesquisador integrante do grupo de pesquisa Laboratório Interinstitucional de Subjetividade e Trabalho. É psicólogo clínico. Tem experiência em Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente com psicoterapia psicanalítica e pesquisa. Tem interesse em Psicanálise, Psicopatologia Psicanalítica, Método Psicanalítico e Psicologia do Trabalho. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5100121087530212. *E-mail*: vxcmarangoni@gmail.com

VIVIAN BRAGA DOS SANTOS

Doutora (2018) e Mestre (2013) em Artes Visuais (História, Crítica e Teoria da Arte) pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), com parte do Doutorado realizado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Graduou-se como Licenciada e Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e estudou História da Arte e Arqueologia na Université Paris X Nanterre (França). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em História, Crítica e Teoria da Arte e Arte-Educação. Suas pesquisas investigam as relações em artes visuais, história, memória e conflitos políticos. *Link* para acessar o currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7829892325574658. *E-mail*: vivianpbs@gmail.com

Publique seu e-book com a gente!

Letraria

Letraria